

CAIEIRAS: UM MUNICÍPIO DA FAIXA
PERIFÉRICA DA METRÓPOLE PAULISTANA

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Departamento de Geografia da Faculdade
de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo.

Pós-graduando: EDUARDO PAZERA JUNIOR
Orientador: PASQUALE PETRONE

Este trabalho é dedicado:

À comunidade caieirense

E

À memória da imigrante lituana

Ona Packevičiute, minha mãe

Ana Pazera, que morou em Caieiras

Parque de Fave-
Fevereiro 1982

UMA EXPLICAÇÃO E MUITOS AGRADECIMENTOS

"Me declaro culpable de no haber
hecho, con estas manos que me dieron,
una escoba".

(Pablo Neruda, "El Culpable")

Este é um trabalho elaborado como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre, corolário do Curso de Pós-Graduação em Geografia (área de concentração Geografia Humana), realizado no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Prende-se, portanto, às balizas de um trabalho acadêmico: uma "dissertação" em que se deve demonstrar a "mestria" de um candidato na estruturação e redação dos resultados de uma pesquisa. Portanto, esse texto deve ser entendido à luz desses objetivos.

Esta dissertação tem muito de coletivo, não só como resultado de conhecimentos de toda uma comunidade, mas, sobretudo pelo grande número de pessoas que estiveram envolvidas no processo de produção desse texto.

Muita gente ajudou: na coleta de dados; na aplicação de questionários; voluntariando informações; sugerindo e discutindo idéias; na tabulação de dados e em quase todas as outras etapas. Amigos (velhos e novos), colegas, parentes, autoridades, conhecidos e desconhecidos participaram das alegrias da descoberta e das muitíssimas angústias da dúvida. Para não torná-los cúmplices dos muitos possíveis desacertos deste trabalho, deixaremos de citá-los nominalmente. Além disso, por uma questão de espaço - já que é tão grande o número de pessoas a quem devemos agradecimentos - preferimos guardá-los no coração. Estamos certos de que os verdadeiros amigos saberão compreender...

Ao nosso orientador, Prof. Dr. Pasquale Petrone, devemos agradecer encarecidamente, não por razões institucionais

mas sobretudo, pelo sábio aconselhamento e longa paciência.

Finalmente, cabe-nos agradecer aos colegas da Universidade Federal da Paraíba que possibilitaram a liberação de nossas atividades docentes para que cumpríssemos parte deste programa de pós-graduação e, posteriormente, participaram da elaboração de gráficos e cartogramas, bem como, auxiliaram a rever e criticar o texto.

SUMÁRIO

1. COMO E PORQUE CAIEIRAS
2. O QUE É CAIEIRAS (algumas características do espaço)
 - 2.1. A posição e o sítio
 - 2.2. Os setores do habitat
3. A EVOLUÇÃO DO USO DO SOLO
 - 3.1 Dos primórdios aos meados do século XIX
 - 3.2 1875 - 1915
 - 3.3 1915 - 1940
 - 3.4 1940 - 1960
 - 3.5 Depois de 1960
4. TRAÇOS RELEVANTES DA DEMOGRAFIA CAIEIRENSE
 - 4.1. O efetivo
 - 4.2. A população e o domicílio
 - 4.3. A composição por idade e sexo
 - 4.4. O crescimento
 - 4.5. As migrações
 - 4.6. O grau de instrução
 - 4.7. Disponibilidade de bens de consumo duráveis
 - 4.8. A renda
5. OS MORADORES E A VIDA DE RELAÇÕES
 - 5.1. O trabalho
 - 5.2. Os locais de culto
 - 5.3. O lazer
 - 5.4. Aquisição de bens e acesso a serviços
 - 5.5. Os transportes e a vida de relações
6. CONCLUSÃO
 - 6.1. Os problemas
 - 6.2. Considerações finais
7. BIBLIOGRAFIA CITADA

1. COMO E PORQUE CAIEIRAS

"Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais huma-
nidades do que Cristo.
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum
Kant escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
Ainda que não more nela".

(Fernando Pessoa, "Tabacaria")

Caieiras foi o local escolhido para o tema desta dissertação por várias razões. O motivo de maior relevância acadêmica é que não há estudos geográficos sobre Caieiras, nem tampouco sobre outras áreas periféricas da metrópole paulistana com estas características básicas: subúrbio ferroviário industrializado.

Este ensaio pretende representar mais uma contribuição destinada a somar-se ao acervo de conhecimentos sobre a Geografia Urbana da Grande São Paulo. Embora sabedores das limitações do texto, ficaríamos muito satisfeitos caso este contribuisse para apresentar sugestões para um melhor equacionamento dos problemas das periferias metropolitanas.

Uma outra razão influiu na escolha do tema, esta de ordem sentimental: quisemos estudar a terra da infância. Uma volta proustiana às raízes, em busca do tempo perdido?

A faixa periférica da metrópole paulistana já fôï objeto de alguns estudos geográficos da melhor qualidade, a começar pela tese pioneira de Aroldo de Azevedo (1945) sobre os "Subúrbios Orientais de São Paulo". Posteriormente, o mesmo autor coordenou a publicação de "A cidade de São Paulo - Estudos de Geografia Urbana", sob a égide da Associação dos Geógrafos Brasileiros (1958), cujo último volume (o Vol. IV) trata dos "Subúrbios Paulistanos". Pasquale Petrone (1964) elaborou tese de livre-docência intitulada "Os Aldeamentos Paulistas e Sua Função na Valorização do Planalto Paulistano - Estudo de Geografia Histórica". Há ainda muitos outros trabalhos de menor porte, a exemplo dos de Penteado (1958) e Tírico (1960) para mencionar apenas os mais antigos. O livro de J.R. Langenbuch

(1971) "A Estruturação da Grande São Paulo - Estudo de Geografia Urbana", tese de doutoramento, foi a obra que mais nos despertou o interesse e que forneceu importantes subsídios para o nosso trabalho.

Na década de setenta, sob a orientação de Pasquale Petrone, surgiram várias dissertações interessando à citada faixa periférica. Dentre elas podemos mencionar as referentes à Cotia (Lemos, 1972), Embu (Oliveira, 1972) e Santana do Parnaíba (Carlos, 1973).

(Na altura em que estávamos colhendo dados para este trabalho, encontravam-se em andamento outras dissertações interessando à mesma faixa, tratando, por exemplo, de Barueri, de Itaquaquecetuba, de Salesópolis. Infelizmente não tivemos acesso direto a esses trabalhos).

A presente pesquisa representa, historicamente, sob certos aspectos, uma retomada da linha de trabalho dos textos referidos (Lemos, Oliveira e Carlos). Liga-se, portanto, às sugestões iniciais de Petrone (1972) ao formular projeto de pesquisa para o Laboratório de Geografia Humana do Instituto de Geografia da Universidade de São Paulo.

Passaremos, agora, a explicitar os termos do título do trabalho.

Quanto ao universo da pesquisa - o espaço abrangido pelo município de Caieiras - este será caracterizado no capítulo seguinte. Contudo, cabe-nos desde já esclarecer que resolvemos tomar como limite do referido universo os limites municipais de Caieiras. O uso dos limites administrativos municipais deve-se não só à maior facilidade de obtenção e padronização de dados estatísticos oficiais, mas também ao fato de que determinados aspectos da própria organização do espaço po-

dem ser influenciados por esses limites legais. Como exemplo, basta lembrar os fatos ligados ao zoneamento do uso do solo. Portanto, não foi apenas por se tratar de uma solução cômoda para o complexo problema dos limites dos fenômenos geográficos, que assumimos a opção de ficarmos restritos aos limites municipais.

Assim, não custa enfatizar mais uma vez, que o objeto de nossa pesquisa está circunscrito pelos limites municipais. Nesse sentido, sem um compromisso etimológico muito estreito, com o objetivo de uma simples referência areolar, empregaremos, indiferentemente, os termos ("território", "espaço", ou "área" caieirense, para designar a porção da superfície terrestre abrangida pelo perímetro que engloba os limites legais do município de Caieiras.

O município de Caieiras não será estudado como uma entidade isolada e também não será feita uma monografia geográfica municipal abrangente. O que se pretende estudar é o município de Caieiras como um dos **setores da faixa periférica paulistana**. Outrossim, será enfatizado na medida do possível, o papel de Caieiras dentro do contexto em que se constitui a referida faixa periférica que circunda a metrópole paulistana. (Fica implícito que entendemos por faixa periférica todo um cinturão que se dispõe em torno do tecido urbano compacto da capital paulistana e que pertence à Grande São Paulo). O papel de Caieiras será estudado tendo-se em vista, sobretudo, a sua participação nessa faixa periférica. O estudo da participação de Caieiras na faixa periférica paulistana, tomou como um dos elementos de base a investigação da "vida de relações" da população caieirense. Essa vida de relações, que se expressa geograficamente pelas vinculações da atividade humana no espaço, constitui o cerne da pesquisa; o **espaço**, no caso, é o espaço

geográfico.

Não cabe aqui uma digressão sobre as modalidades de organização do espaço que constituem, na prática, o campo de trabalho do geógrafo; há copiosa literatura a respeito. Não obstante, apenas a título de registro, gostaríamos de esclarecer que a nossa aceção de **espaço geográfico**, pode ser sintetizada através da obra homônima de Dollfuss (1978), como sendo o espaço da superfície da terra. Trata-se, portanto, de um espaço concreto e localizável, que constitui

"(...) o estelo de sistemas de relações, algumas determinadas a partir dos dados do meio físico (arquitetura dos volumes rochosos, clima, vegetação) e outras provenientes das sociedades humanas, responsáveis pela organização do espaço em função da densidade demográfica, da organização social e econômica, do nível das técnicas; numa palavra: de toda essa tessitura pejada de densidade histórica a que damos o nome de civilização". (Dollfuss, 1978:8)

Nesse espaço, a paisagem seria o seu aspecto visível e diretamente perceptível.

Os estudos de "vida de relações" têm sido uma constante nos trabalhos de Geografia Humana ao longo das últimas décadas. Essas pesquisas têm levado em conta, sobretudo, os deslocamentos da população, bem como os fluxos de bens e serviços, em função do trabalho, consumo, lazer, etc. Na verdade, a Geografia é sob muitos aspectos uma ciência de relações (George, 1970:6; Randle, 1978:17).

A referida "participação" consiste basicamente, na maior ou menor intensidade do processo de integração de um segmento da faixa periférica em um conjunto maior, que é a Grande São Paulo. Convém esclarecer que a idéia de integração não en-

volve apenas um fato de natureza física espacial, mas, fundamentalmente um fato de natureza econômico-social que contem aquele (conforme observação de Pasquale Petrone em nosso manuscrito). Essa "integração" foi, portanto, analisada à luz do mencionado estudo da vida de relações dos habitantes do município, formando um dos capítulos do trabalho. Esse capítulo é precedido de uma caracterização geral dos componentes da população que podem ser úteis à compreensão do processo. Nesse sentido, foram quantificados alguns fatos mais significativos (do ponto de vista geográfico) da vida de relações, a fim de permitir uma análise e uma classificação da natureza e do caráter dessa participação no conjunto da faixa periférica da metrópole paulistana em que está inserido o território caieirense. Tal quantificação foi deliberadamente simples, com o intuito de evitar abstrações que nos desligassem da realidade geográfica concreta. Lembramos, nesse sentido, o velho conselho de Ratzel (1914:101), que alertava o leitor para o problema das abstrações estatísticas. Outrossim, é conveniente tomar precauções com o exagero da quantificação, como já assinalou, com muita propriedade, Armando Correa da Silva (1972). Até mesmo personalidades marcantes no uso de métodos quantitativos em geografia destacam, em livro recente, que a quantificação é "um meio e não um fim para chegar a conclusões" (Gerardi & Silva, 1981:1).

Ao realizar a pesquisa, utilizamos as técnicas habituais de coleta de dados e de documentos empregados pelos autores já citados. Além das informações da bibliografia editada, usamos também o material disponível na Prefeitura Municipal de Caieiras que nos foi gentilmente facilitado. Tivemos a oportunidade de microfilmarmos boa parte do acervo de plantas e

cartas topográficas da Prefeitura. Assumiu especial relevância o questionário domiciliar que aplicamos em 1976. Sua aplicação foi à base de amostragem aleatória sistemática (amostra de 10% dos domicílios), seguindo um percurso espacial coerente (Pazera Jr., 1977:526).

Nossa proposição inicial, quando da elaboração do projeto da pesquisa, era a de realizarmos um trabalho mais amplo intitulado "A integração de Caieiras na Grande São Paulo: estudo do processo de metropolização". Assim, depois de realizarmos um pré-teste, montamos um questionário domiciliar que foi concebido dentro desse objetivo em que se pretendia, também, enfatizar a percepção, por parte dos habitantes, do processo de metropolização. Ao processarmos os resultados dos questionários não aproveitamos todas as suas informações, não só devido à mudança da conotação do trabalho, mas também por outros motivos, a exemplo de certas respostas prejudicadas ou de relações não significativas.

Por último, mas não de menor importância, levamos em conta muitas informações dos moradores, bem como nossas observações empíricas baseadas na nossa vivência no município. Foram também de valia as notas que tomamos nas nossas excursões nos anos de 1975 e 1976.

Do ponto de vista metodológico podemos dizer que este trabalho sofreu a influência dos autores já citados e resulta sobretudo da herança do pensamento geográfico vigente na Universidade de São Paulo na década de sessenta - período de nossa iniciação intelectual em Geografia. Assim, somos fruto da emulação de Aroldo de Azevedo (de saudosa memória), de Petrone, de Ab'Sáber, de Araújo, de Penteado, de França, de Müller e de muitos outros insígnis mestres da Universidade de

São Paulo. Por extensão, os geógrafos estrangeiros cujas obras mais nos influenciaram foram: P. Monbeig, P. George, M. Derruau, P. James, M. Sorre, entre outros. Destarte, o que temos é uma linha de pensamento herdada do funcionalismo, com seus vícios (e virtudes?) inerentes. É por isso mesmo que a parte dita "teórica" deste trabalho é deliberadamente breve, sendo a "teoria" muito mais implícita do que explícita (Bray, 1981).

À essa formação que tem sido denominada de "clássica" (Monteiro, 1978; Bray, 1981), somou-se concomitante ou posteriormente, entre outras, a influência de R. Hartshorne, P. Claval, D. Harvey, M. Santos, C.A.F. Monteiro e sobretudo a de Y. Lacoste e seus companheiros da revista "Hérodote".

As obras dos autores aqui mencionados, que foram citadas nesta pesquisa, -bem como outras fontes mencionadas ou transcritas nesta dissertação, -encontram-se devidamente arroladas nas referências bibliográficas no final do trabalho.

Ao citarmos fontes que envolvem até mesmo idéias díspares, estamos procurando justificar a possível e eventual evidência, em nosso discurso, de algumas contradições metodológicas, já que não estamos preocupados com a fidelidade a postulados rígidos.

Preocupamo-nos, isto sim, em utilizar métodos e técnicas que servissem aos nossos propósitos de investigação da realidade e que atendessem à ética da responsabilidade social do investigador em busca da verdade.

Foi com o espírito aberto e com a mais ampla liberdade, que nos propusemos a investigar Caieiras, sem idéias cristalizadas que constituíssem uma visão apriorística. Trabalhamos por uma via empírica indutiva. Procuramos acumular fatos e experiências para, posteriormente, examinar as analogias e

procurar estabelecer generalizações, conforme idéias de J. Beaujeu-Garnier, sistematizadas em Randle (1978:165); levando em conta ainda o que preconiza Pierre George (1970), no que se refere à: observação analítica, detecção de correlações e procura de relações de causalidade.

2. O QUE É CAIEIRAS (ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO ESPAÇO)

"Above our heads, the peak of a mountain, dark at first, then radiating brightly, became visible. Its golden contours slowly extended downward and then branched out like falling threads to outline the entire shape of the mountain and set off against the dark background."

(KARL MAY, Ardistan & Djinnistan)

Neste capítulo esboçaremos uma breve descrição de alguns traços relevantes do espaço caieirense com o objetivo de caracterizar o universo de nossa pesquisa. Nesse sentido, tal descrição assume um papel meramente introdutório relativo à interpretação da realidade caieirense sem pretender contribuir para um estudo monográfico do Município.

A POSIÇÃO E O SÍTIO

Com uma área de 104 km², o município de Caieiras apresenta a configuração aproximada de um retângulo. O seu território abrange, no sentido Leste-Oeste, cerca de 18 km e 8 km no sentido Norte-Sul. Esse formato é semelhante ao de três de seus municípios vizinhos: Franco da Rocha, Francisco Morato e Cajamar. Tal configuração, grosso modo mais estreita na direção dos meridianos, corresponde, na verdade, a uma consequência da disposição dos eixos de circulação que permitiram o desenvolvimento de núcleos urbanos transformando-os, posteriormente, em sedes municipais

O Município limita-se ao Norte com Franco da Rocha, a Leste com Mairiporã, ao Sul com São Paulo (distritos de Perus e da Cantareira) e a Oeste com Cajamar. Apenas este último limite é uma linha geodésica (um meridiano); os demais aproveitam cursos d'água ou linhas de cumeada.

Dentre os 37 municípios que formam a Grande São Paulo — de definição legal estabelecida por Decreto Estadual de 1967 — Caieiras pertence à sub-Região Norte, juntamente com

os municípios de Franco da Rocha, Mairiporã e Francisco Morato. No cartograma anexo (fig.1) podemos observar a posição de Caieiras. Esta referida "Sub-Região Norte" apresenta uma grande identidade sob o ponto de vista de suas condições físicas. Toda a Sub-Região pode ser inserida, sob o aspecto morfoclimático, dentro de um conjunto bem maior: o domínio dos "mares de morros", da classificação de Ab'Sáber(1966:3), que assim a sintetizou:

"O domínio dos "mares de morros" corresponde à área de mais profunda decomposição das rochas e de máxima presença de mamelonização topográfica, em caráter regional, de todo o país. A alteração das rochas cristalinas e cristalofiliâneas atinge aí o seu maior desenvolvimento, tanto em profundidade quanto em extensão, chegando a ser universal para enormes setores das regiões serranas acidentadas dos planaltos cristalinos do Brasil de Sudeste (núcleo sul-oriental do Escudo Brasileiro). É uma paisagem de forte expressão areolar, que se estende por algumas centenas de milhares de quilômetros quadrados, refletindo a ação dos processos morfoclimáticos tropicais úmidos (...).
A área "core" do domínio dos mares de morros é encontrada sobretudo nas regiões serranas granítico-gnâssicas florestadas do Brasil de Sudeste (...)."

Em outra passagem do mesmo texto, Ab'Sáber (1966:5-6) chama a atenção para o fato de que:

"O domínio dos "mares de morros" é o meio físico mais complexo e difícil do país em relação às construções e ações humanas. Aí (...) tanto é difícil o encontro de sítios urbanizáveis (...) como igualmente difícil é a abertura de estradas e sua conveniente conservação."

A paisagem caieirense é marcada pelo seu relevo acidentado consistindo em uma sucessão de morros abruptos separados por vales estreitos. Trata-se de uma paisagem comum à quase toda a área que circunda a capital paulista. O seu relevo é constituído, em linhas gerais, por dois conjuntos orográficos, separados pelo vale do Juqueri. São eles:

1º) O primeiro conjunto, que se inicia à margem esquerda do Juqueri, corresponde à porção noroeste da Serra da Cantareira e seus contrafortes, estes, representados principalmente pela Serra do Juá e pelas elevações que prolongam o maciço do Jaraguá. Nesse conjunto dominam, quase sempre altitudes superiores aos 800m, sendo muito mais frequentes as altitudes da ordem dos 900m. Na porção correspondente à Serra da Cantareira propriamente dita (limites com S. Paulo e Mairiporã) são comuns altitudes de 1000m, ocorrendo pontos com cerca de 1150m.

2º) O segundo conjunto orográfico, que começa na margem direita do Juqueri, corresponde às primeiras elevações que prenunciam a Serra dos Cristais. Este conjunto não apresenta cotas altimétricas tão elevadas como as do primeiro. Trata-se de uma área bem menos acidentada onde dominam as curvas de nível de 800-850m, embora ocorram, com certa frequência, elevações da ordem de 900m e, excepcionalmente, de 950m.

O vale do Juqueri, que separa esses dois mencionados conjuntos, corresponde, em Caieiras, ao curso médio do rio. O Juqueri, que integra a bacia do Tietê, tem sua foz na represa de Pirapora no trecho pertencente ao município de Santana do Parnaíba. O rio Juqueri penetra em território caieirense oriun-

do de Franco da Rocha, seguindo a direção NE-SW até receber as águas do rio Perus (divisa com o município de São Paulo), quando inflete para Oeste. Em contato com as rochas mais resistentes do prolongamento setentrional do Jaraguá, o rio apresentará a sua "passagem heróica": seu vale, daí por diante, manter-se-á estreito. O seu trecho mais conspícuo (o de direção NE-SW), que separa o município em duas partes — uma à leste e outra à oeste — apresenta uma várzea ampla; nela, cuja largura média é de 300m, ocorrem muitos meandros e lagoas. Nesse trecho, em um baixo terraço da margem esquerda, situa-se a estação ferroviária, cuja altitude é de 722m. Nas suas proximidades, aproveitando "várzeas enxutas" (altitude=716m) encontram-se as instalações pioneiras das indústrias Melhoramentos.

Os afluentes do rio Juqueri, no município, não passam de uma dezena de córregos que formam vales muito estreitos.

A floresta — vegetação original que cobria o território caieirense — ainda está praticamente intacta nos trechos mais acidentados da Serra da Cantareira e do Juá. Segundo dados da Prefeitura (PDDI, 1971), as "matas" cobrem 25,9% do município. A maior devastação florestal corresponde não só aos trechos urbanizados (como não poderia deixar de ser), mas também às estradas e caminhos vicinais que tradicionalmente serviram de apoio para a extração de lenha. A parte centro-oriental e a parte nordeste do município apresentam vastas áreas de vegetação secundária resultantes de antigas "roças". Como a agricultura atualmente tem perdido sua expressão, muitas dessas áreas degradadas já estão revestidas por "capoeiras" de certo porte. Contudo, é a silvicultura a maior responsável pela substituição da floresta nativa. Segundo o referido Plano Di-

retor (PDDI, 1971), o reflorestamento cobre 27,9% da área do município. Esse reflorestamento, quase todo em terras da Cia. Melhoramentos — para obtenção de matéria prima para o fabrico do papel — é formado por eucaliptais e por coníferas de vários gêneros. As árvores mais velhas (e de maior porte) correspondem a remanescentes de reflorestamento pioneiro (infelizmente abandonado por considerações financeiras) com araucárias; em que pese sua beleza paisagística, sua área atual é inferior a 10% da área reflorestada. Assim, dentre as coníferas, predominam exemplares de maior interesse econômico, a exemplo das várias espécies de Pinus, de Cuninghamia e de Ciptomeria. (Nosseir, 1973).

Essas mudanças na cobertura vegetal não parecem ter determinado mudanças climáticas expressivas na área, mantendo intactas as características originais do clima que caracteriza a porção setentrional da Grande São Paulo. Contudo, a fauna foi muito afetada, achando-se praticamente extinta a fauna nativa, mesmo nas áreas florestadas.

SETORES DO HABITAT

O processo de evolução do uso do solo, que resultou na atual organização do espaço caieirense, será estudado no próximo capítulo. Descreveremos, neste item, alguns traços fundamentais para a caracterização sócio-econômica deste espaço para, como já frisamos anteriormente, uma melhor compreensão da pesquisa realizada.

Os dois grandes eixos de circulação que interessam

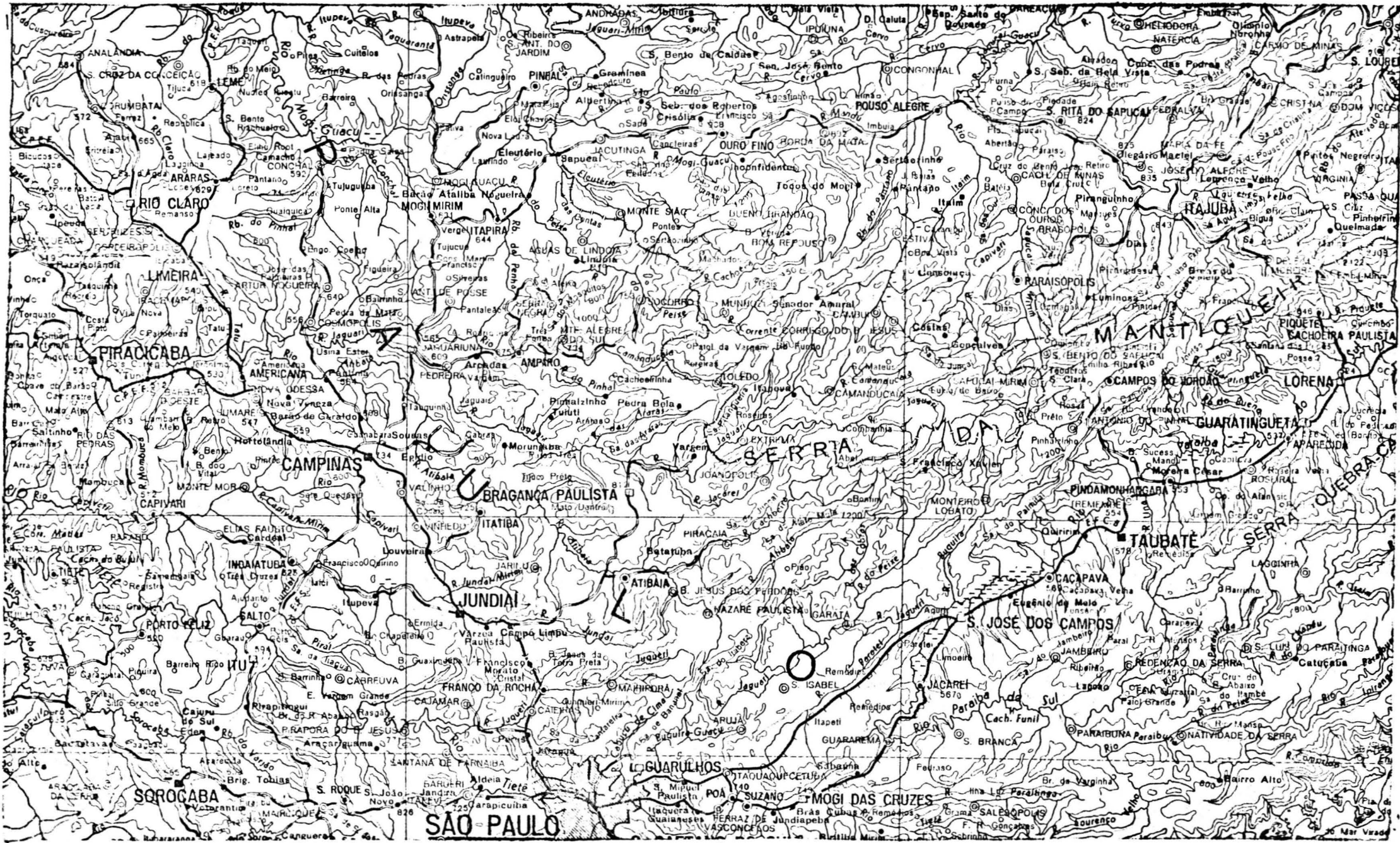
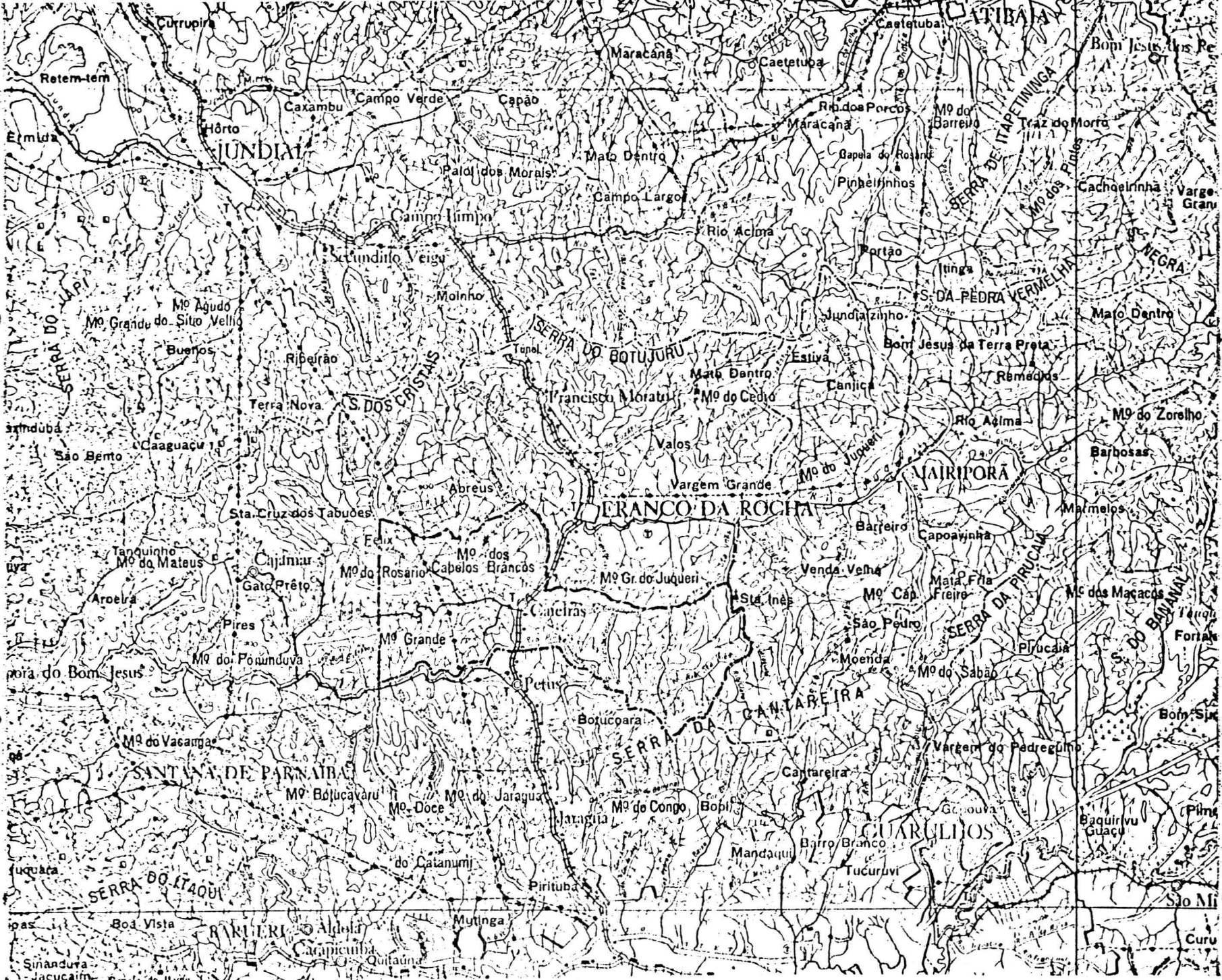


Fig. 3 - Reprodução de trecho da " Folha Topográfica de São Paulo 2 , 100 , 1954 (Escala original 1:250000)



(Esc. orig. 1:50000)

Fig. 4 - Reprodução de trecho das Folhas Guarulhos e Santana de Parnaíba, IGG, 1973



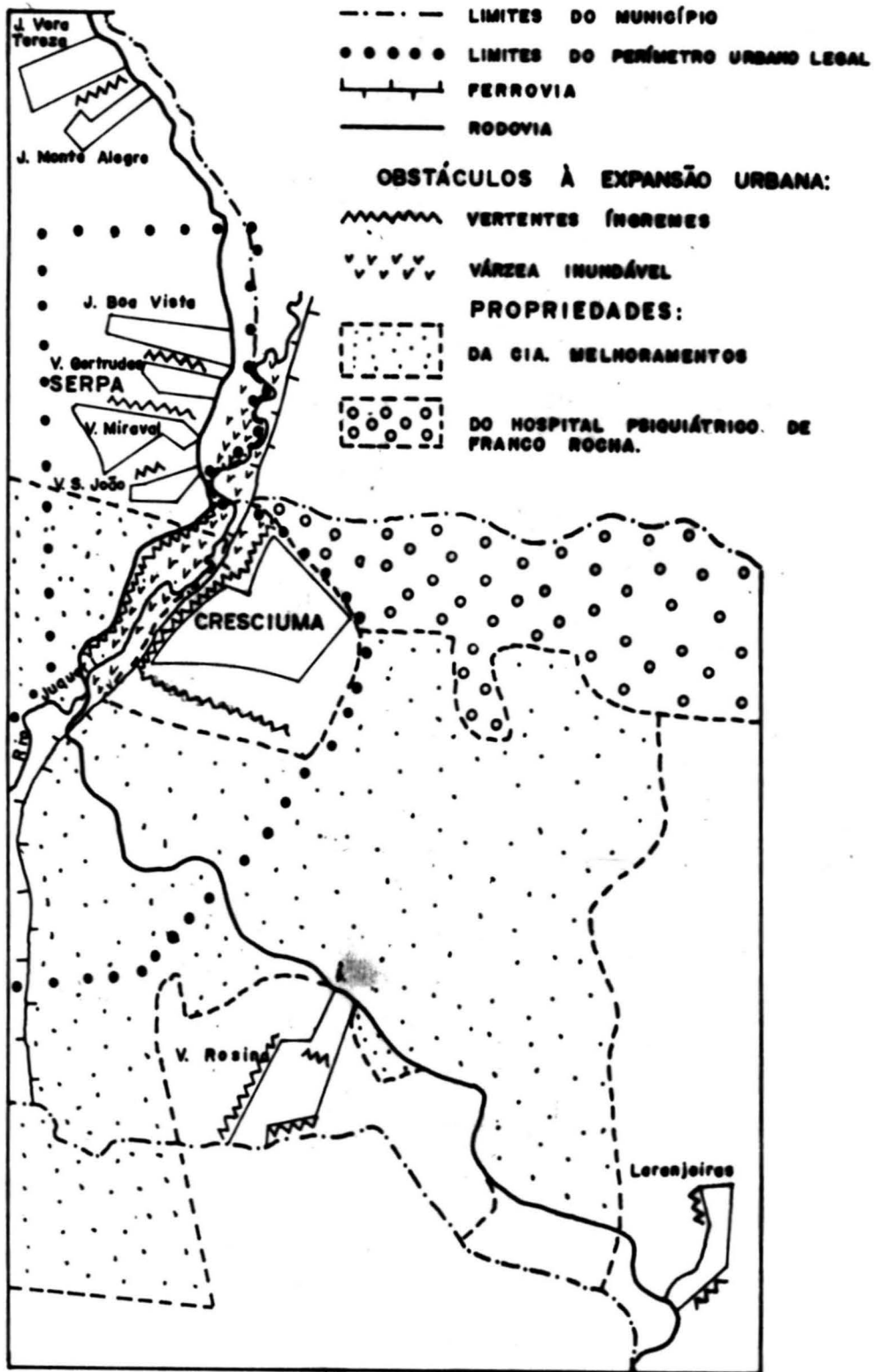
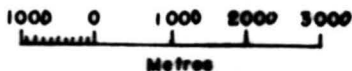
ao território caieirense são a "Estrada de Ferro Santos a Jundiaí" e a "Estrada Velha de Campinas". Ambos seguem um curso mais ou menos paralelo (cruzando-se junto à estação de Caieiras), em sentido N-S, desenvolvendo-se ao longo de uma espécie de "corredor de acessibilidade". Esse "corredor de acessibilidade" é "(...) constituído por uma faixa de terrenos com declividades em geral inferiores a 15%, que forma uma passagem no sentido Norte-Sul na área serrana que limita a mancha urbana da Grande São Paulo (sic). (...) surgindo ao longo da estrada de ferro as cidades de Caieiras, Franco da Rocha e Francisco Morato." (PDDI, 1971:45). Com efeito, o referido "corredor de acessibilidade" é perfeitamente nítido até mesmo na "Carta do Brasil ao Milionésimo" (IBGE, 1960). Em mosaicos aerofotogramétricos e fotoíndices (Escala=1:250000), nota-se a sua ligação da mancha urbana contínua do aglomerado central paulistano com os núcelos dispersos representados por Jaraguá e Perus, no município da capital, até chegar a Caieiras e Franco da Rocha. Nas cartas de 1:50000 (IGG, 1972), observamos que essa faixa corresponde às curvas de nível dos 700 aos 800m. Os assentamentos urbanos mais expressivos da área caieirense desenvolvem-se ao longo desse "corredor", embora, nem sempre, tenham se estabelecido nos seus trechos mais planos, por razões que serão adiante expostas. (Ver figuras 2,3,4)

No que se refere ao **habitat**, o que mais nos chama a atenção no município é o seu aspecto diferente em relação aos municípios vizinhos. Em Caieiras não ocorre, como sói acontecer alhures, um núcleo central com uma mancha urbana expressiva que vai reduzindo sua densidade de edificações até chegar à zona rural adjacente, (encontrando-se nesta última um habitat disperso, ou, às vezes, alguns loteamentos).

Caieiras apresenta uma estrutura urbana polinuclear (cf. figura 5, em anexo). Compõe-se de vários aglomerados distintos separados por distâncias relativamente grandes (de 2 a 6 km), bem como por barreiras físicas ou institucionais que dificultam sua conurbação. Na nossa pesquisa dividimos o município em oito setores (fig.6) conhecidos, pela população, por "bairros". São eles:

1º) **Cresciuma** - é o bairro principal. Corresponde, funcionalmente, ao "centro" de Caieiras. Situa-se no morro de Cresciuma, abrangendo encostas que vão dos 750 aos 790m de altitude. Suas áreas de urbanização mais antiga apresentam um plano ortogonal; já as ruas abertas mais recentemente têm procurado aproveitar melhor a topografia acidentada (plano "orgânico"), muitas vezes com auxílio intensivo de obras de terraplanagem. Segundo a Prefeitura Municipal, a área arruada e loteada de Cresciuma, em 1971, era de 110ha, com cerca de 1000 edificações e perto de 600 lotes vagos. Sua expansão urbana vê-se limitada, entre outros fatores (cf. capítulo "A evolução do uso do solo"), pelas encostas abruptas que antecedem o vale do Juqueri, pelas terras de propriedade da Cia. Melhoramentos e (apenas por um pequeno trecho do lado setentrional) por terras pertencentes ao Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha. Em Cresciuma estão concentradas quase todas as atividades administrativas do município (em virtude de abrigar a sede municipal) e a maioria das atividades comerciais e de serviços, embora não chegue a conter metade do total das edificações do município. Via de regra, aí situam-se os domicílios da população de renda mais elevada. Ocorrem também algumas atividades industriais de pequeno porte (indústria de embalagens plásticas, por exemplo). Em seus altos, situa-se a Igreja Matriz com a tradicional praça dotada da indefectível fonte luminosa.

CAIEIRAS — ASSENTAMENTOS URBANOS

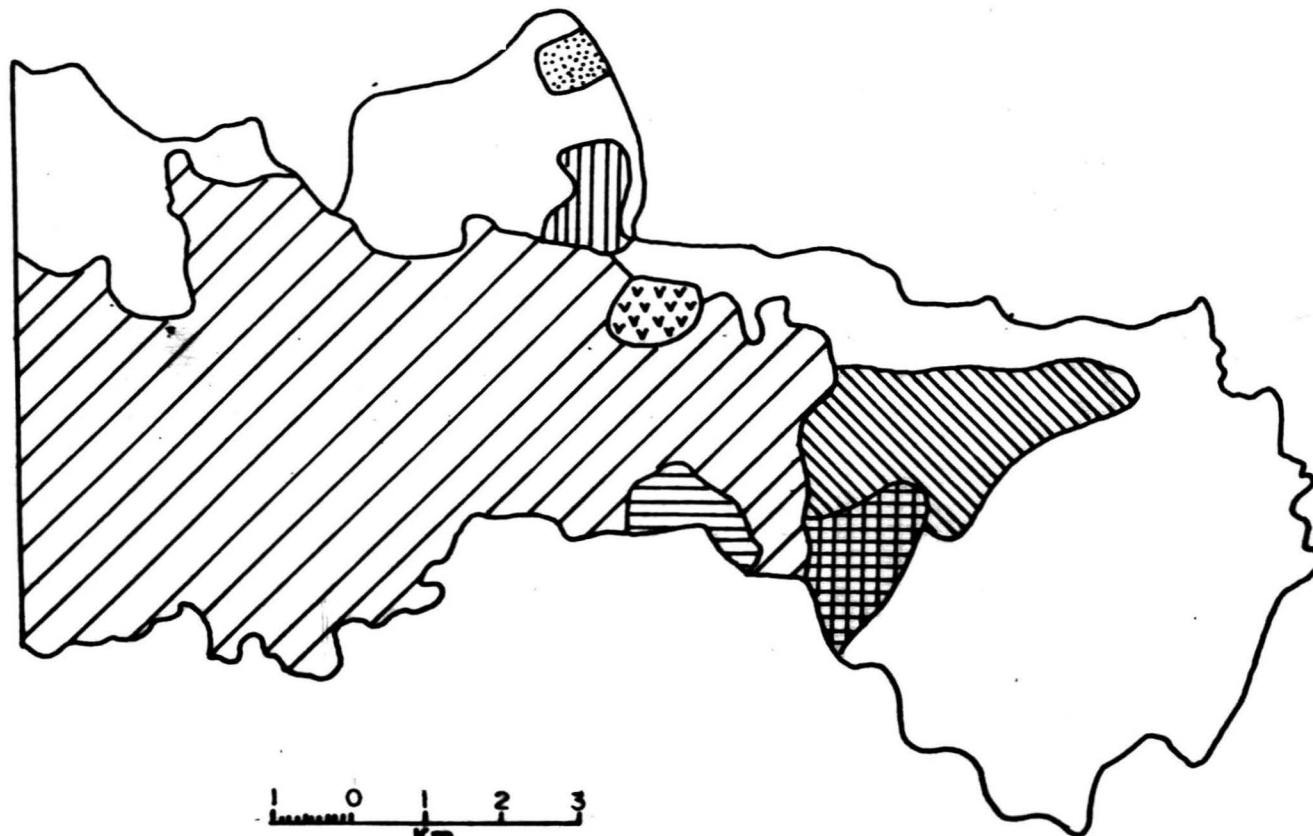


ORG. E. PAZERA.

FONTE: PDDI E TRAB. DE CAMPO, 1976. — Des.: VALDEMAR T. BARRÊTO

MUNICÍPIO DE CAIEIRAS — DIVISÃO EM "SETORES" DE PESQUISA

-  CRESCIUMA
-  SERPA
-  V. ROSINA
-  LARANJEIRAS
-  J. VERA TEREZA
-  MELHORAMENTOS
-  MORRO GRANDE
-  ÁREAS REMANESCENTES



2º) **Serpa** - é o nome dado ao conjunto de quatro loteamentos: Jardim Boa Vista, Vila Gertrudes, Vila Miraval e Vila São João, localizados transversalmente à Estrada Velha de Campinas, no lado ocidental da pista. Comenta, a respeito, o Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado (1971:52):

"Trata-se de uma série de loteamentos residenciais, todos ligados pela mesma estrada, mas entremeados de encostas não loteadas, de maneira que não formam um conjunto conexo."

Os vales profundos que separam esses loteamentos dificultam suas interligações que, por isso mesmo, são feitas, principalmente, pela rodovia. Embora o nível altimétrico do Serpa assemelhe-se ao de Cresciuma, (os dois bairros estão separados pelo amplo e profundo vale do Juqueri), sua topografia é bem mais movimentada. A área loteada e arruada corresponde a 73 ha, contando, em 1971, cerca de 580 casas (PDDI, 1971:51). (Quando da aplicação de nosso questionário domiciliar, em 1976, ali contamos cerca de 725 casas). Embora seja dotado de um pequeno comércio e alguns poucos serviços (inclusive uma Escola Técnica, de segundo grau) ao longo da rodovia, o bairro é essencialmente residencial. Recentemente instalaram-se, nos seus arredores, algumas pequenas indústrias (principalmente metalúrgicas leves).

Suas residências apresentam um aspecto mais modesto do que as de Cresciuma.

3º **Jardim Vera Tereza - Jardim Monte Alegre*** - Tal como o Serpa, estes dois loteamentos estão separados por um vale muito íngreme; ambos estão situados lado a lado, transversalmente à Estrada de Campinas, a cerca de 2 km do Serpa, na divisa do município de Franco da Rocha. Suas altitudes oscilam entre os 760-800 m. O bairro conta com algumas novas in-

* Como o Jardim Monte Alegre é de pequena extensão, será englobado, para os efeitos da nossa pesquisa, pelo Jardim Vera Tereza.

dústrias de médio porte (Metalúrgica Normano, Fusão S.A., etc). Suas casas, cerca de 120 (no ano de 1976, segundo nossa contagem), apresentam um aspecto mais pobre do que as do Serpa, estando quase a metade delas ainda em fase de acabamento. O bairro conta com uma Escola de 1º Grau e não possui nenhuma infraestrutura comercial.

4º) **Laranjeiras** - Enquanto o Serpa e o Jardim Vera Tereza - Jardim Monte Alegre situam-se ao Norte de Cresciuma, do outro lado do rio Juqueri (margem direita), o bairro de Laranjeiras fica ao Sul. Situa-se a 6 km de Cresciuma, na Estrada Velha de Campinas (cruzamento com o caminho que liga esta estrada ao Morro Grande), na faixa altimétrica dos 850-900 m, próximo à Serra do Juá. O rio Juqueri passa a mais de 5 km a Oeste. Nas suas proximidades há algumas cerâmicas e indústrias de materiais de construção, tanto do lado do município de Caieiras como do lado do Distrito de Perus (município de São Paulo), com o qual faz divisa. Apresentava, pelos dados de 1971, cerca de 107 casas (140 no nosso inquérito de 1976). Seus problemas de urbanização assemelham-se aos do Serpa.

5º) **Vila Rosina** - Situa-se a 4 km ao Sul de Cresciuma com acesso que dista uns 500m do lado ocidental da Estrada de Campinas. Localiza-se em uma encosta acidentada (na faixa dos 750-800m de altitude), que termina no ribeirão dos Pinheirinhos. Este curso d'água faz um trecho da divisa com o município de São Paulo (junto ao cemitério de Perus) e deságua na margem esquerda do Juqueri a uns 4 km da Vila Rosina. Do ponto de vista da urbanização, o seu sítio é o mais problemático de todos os bairros caieirenses com declividades de 25% a 50% (PDDI, 1971:53). Contava com 95 domicílios, em 1971, e cerca de 160, em 1976. Muitas dessas casas resultam de atividade de

dustriais de grande porte, com vários estabelecimentos distribuídos pela porção ocidental de Caieiras. Possui, ainda, oficinas, escritórios, depósitos e garagens, situados próximos à estação ferroviária de Caieiras, bem como, desvios ferroviários. O seu caráter peculiar é dado pelas enormes extensões dedicadas à obtenção da matéria prima, ocupadas pela silvicultura. Parte de seus empregados residem nas terras da empresa em algumas "vilas residenciais" pertencentes à empresa, de construção bastante antiga. Essas "vilas operárias" situam-se em várias áreas da empresa. Algumas delas formam bairros com aspecto de aglomerados e com certos benefícios urbanos (luz e água, por exemplo), como é o caso dos seguintes bairros: Barreiro, Fábrica, Vila Nova, Vila Leão e Monjolinho. Outros apresentam casas dispersas, frequentemente sem eletricidade, como é o caso de: Calcárea, Tico-Tico, Sobradinho, Olaria, Horto Florestal, Cerâmica, etc. Entremeando os bairros residencias estão as onipresentes árvores que serão transformadas em papel... Embora a empresa conte com armazém e serviços médicos e assistenciais, a infraestrutura de comércio e serviços na área da Melhoramentos é muito restrita, por razões óbvias.

8º) Áreas remanescentes - Com este nome que-remos nos referir aos espaços que ainda não foram relacionados nos sete itens anteriores. Dentre estes espaços podemos citar a área que forma uma espécie de cunha penetrando entre os municípios de Cajamar e Franco da Rocha (à Noroeste), limitando-se (obviamente) com as terras da Melhoramentos. Sua ocupação vincula-se às proximidades da Via Anhanguera, que passa em Cajamar a uns 2 km de distância do limite municipal, Caracteriza-se pela presença de fábricas de "pó industrial", como são chamados os estabelecimentos que produzem matéria-prima (veículo inerte) para inseticidas. Outra dessas áreas corresponde a um pequeno enclave,

CAIEIRAS — USO DO SOLO

LEGENDA

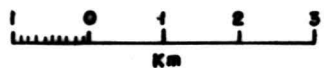
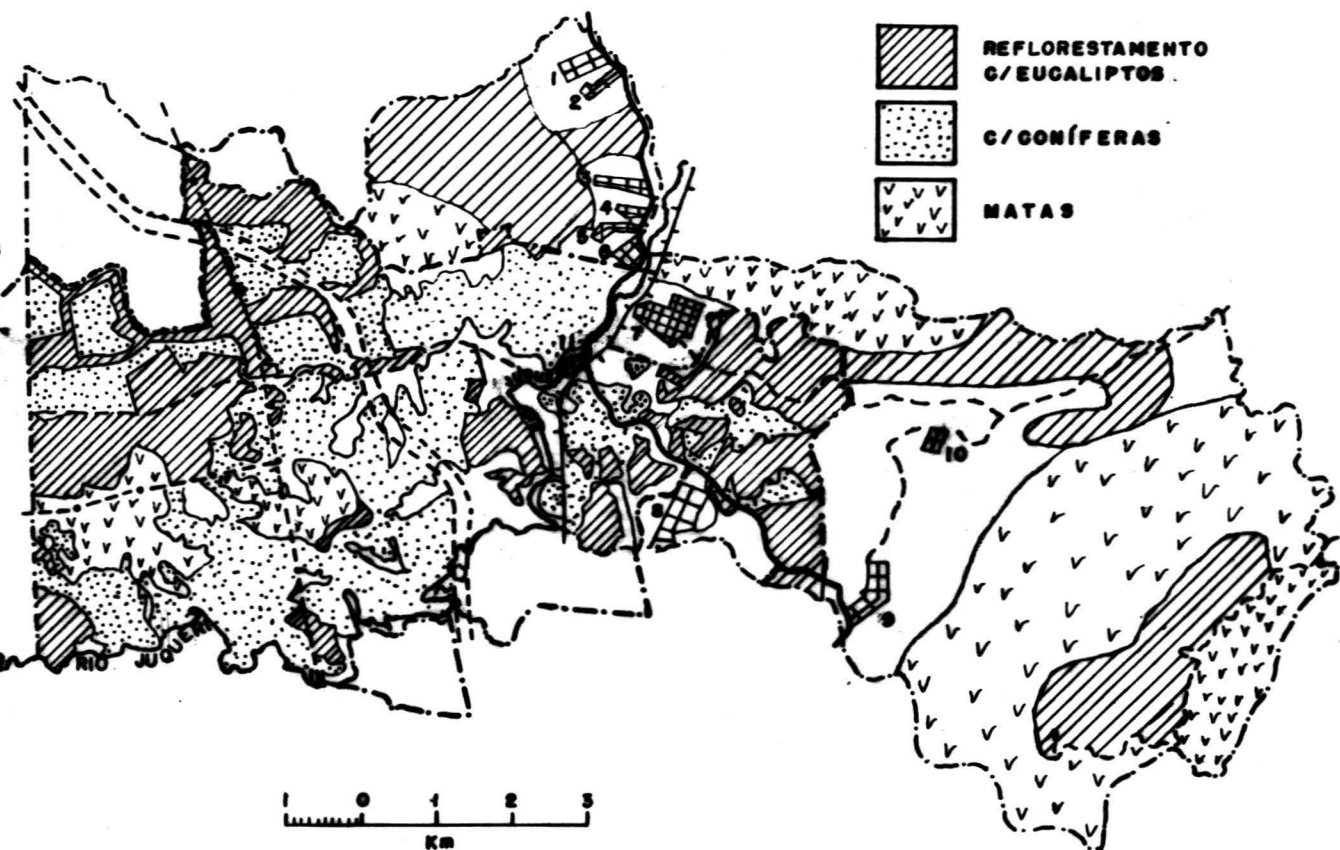
- LIMITE MUNICIPAL
- LIMITE DA PROPRIEDADE DA CIA. MELHORAMENTOS
- ┆┆┆┆┆ FERROVIA (EFSJ)
- ESTRADA VELHA DE CAMPINAS
- CAMINHOS
- VIA NORTE (EM CONST.)
- LINHA DE TRANSMISSÃO



BAIRROS:

- | | |
|----|---------------------|
| 1 | JARDIM VERA TEREZA |
| 2 | JARDIM MONTE ALEGRE |
| 3 | JARDIM BOA VISTA |
| 4 | VILA GERTRUDES |
| 5 | VILA MIRAVAL |
| 6 | VILA SÃO JOÃO |
| 7 | CREGGIUMA |
| 8 | VILA ROSINA |
| 9 | LARANJEIRAS |
| 10 | MORRO GRANDE |
| 11 | MELHORAMENTOS |

- REFLORESTAMENTO C/EUCALIPTOS
- C/CONÍFERAS
- MATAS



FONTE: PDDI, PMDI, FOTOS EMPLASA, TRAB. DE CAMPO, 1976. — Des. VALDENIR T. BARRÊTO

ORG. E. PAZERA.

situado à Noroeste do Serpa (limites com Franco da Rocha). Nesta área há alguns pequenos sítios de produção inexpressiva.

Na várzea do Juqueri, há apenas duas pequenas propriedades rurais que não foram absorvidas pela Melhoramentos. Nelas há algumas olarias e "portos" de areia. Assim a paisagem, que corresponde ao médio vale do Juqueri, contrasta nitidamente com a do alto curso (em Mairiporã por exemplo), com intensa ocupação agrícola voltada para a produção de hortaliças.

Ao concluir este capítulo, queremos chamar a atenção para o aspecto peculiar da paisagem atual que caracteriza a área, a qual abrange a faixa ao longo da Estrada Velha de Campinas, Estrada de Ferro Santos a Jundiá e Via Anhanguera, eixos estes que compreendem: Perus, Cajamar, Jordanésia, e pequena parte de Franco da Rocha e Francisco Morato. Trata-se de uma paisagem em que predominam (abstraíndo-se os núcleos urbanos) espaços pouco povoados e que se caracteriza pelo domínio da silvicultura (notadamente à base de eucaliptais) com alguns pontos localizados de extração mineral (caolim e argilas) e pedreiras.

3. A EVOLUÇÃO DO USO DO SOLO

"O mundo quer ficar sem sertão"

(Guimarães Rosa, "Grande sertão: veredas")

Para o estudo da evolução do uso do solo no município de Caieiras, adotaremos a cronologia que Juergen Langenbuch (1971) estabeleceu em seu livro "A estruturação da Grande São Paulo". A vantagem de empregar esta cronologia consiste na facilidade de estudar, com base nela, a participação de Caieiras como objeto - na verdade quase sempre passivo - no processo evolutivo em que se estruturou a Grande São Paulo, à luz de uma tipologia de Geografia Histórica. Todavia, como toda classificação que se preza, ela estabelece generalizações. Assim, em escala mais detalhada, como é o caso de Caieiras, nem sempre poderemos enquadrar determinadas situações específicas em todos os itens da tipologia, sobretudo nos últimos períodos (como veremos adiante).

OS MEADOS DO SÉCULO XIX

Embora haja vagas notícias de exploração de ouro de aluvião do vale do Juqueri no período colonial, até a metade do século XIX o território caieirense constituiu uma área sem aproveitamento econômico de vulto. Poderíamos, talvez, enquadrar a área na tipologia de Kayser (1966), como se fosse ainda um "espaço indiferenciado". A **Estrada de Golás**, que era um importante eixo de penetração, por ali passava. A referida estrada nunca foi uma verdadeira estrada - era muito mais uma rota, com uma direção determinada, porém com itinerários alternativos. Tanto isso deve ter ocorrido, que J. Langenbuch, o

autor de "A estruturação da Grande São Paulo", assim comenta o assunto no capítulo "Os arredores paulistanos em meados do século XIX:

"(...) Havia também numerosos pousos na estrada de Goiás, entre São Paulo e Jundiá. Infelizmente os relatos dos viajantes são muito divergentes a respeito, impedindo o conhecimento exato de sua sequência. Talvez o fato se deva às retificações da estrada, que pode ter provocado a substituição de pousos sites nos trechos abandonados por outros novos. Saint-Hilaire cita dois pousos reais, (também denominados reúnos, construídos às expensas do poder público): os de Capão das Pombas e Feliz, e menciona a existência de outros, entre estes e Jundiá, sem citar seus nomes. O primeiro dos referidos pousos ficava provavelmente no local hoje ocupado pela vila de Jaraguá e o segundo, citado também por D'Alincourt e Taunay, ficava nas proximidades da atual vila de Jordanésia. Taunay cita além do "Feliz" os pousos de: Taipas, provavelmente também nas proximidades da atual vila de Jaraguá (que já teve esse nome). Perus, Jaguari Açu (denominado por outros de Juqueri), nas proximidades da atual localidade de Gato Preto, Monjolinho, Olhos d'Água, Cristais e Califórnia." (Langenbuch, 1971:38)

Dentre esses topônimos, interessa-nos Monjolinho, por ser um dos mais antigos "bairros" das terras da Melhoramentos. Gato Preto, está às margens da via Anhanguera no atual município de Cajamar a cerca de 1 km da divisa com Caieiras. Cristais também situa-se nas proximidades (junto a Jordanésia).

Ao que parece, na área em pauta, esses caminhos de tropas não tiveram papel muito expressivo na fixação do povoamento.

A inauguração da "São Paulo Railway" (atual "Estrada de Ferro Santos a Jundiá"), em 1867, representará um novo traço da economia capitalista moderna na área. Contudo, a valorização do território não ocorreu de imediato na área em estudo. A ferrovia

por aí apenas passava (através do já referido "corredor de acessibilidade") conduzindo, de um lado, as safras de café das fazendas para a exportação, e, de outro lado, os bens de consumo importados para os fazendeiros. As condições ecológicas dos arredores paulistanos não propiciaram o cultivo do café que se desenvolvera no vale do Paraíba, "desprezara" a capital e havia se expandido a partir de Jundiaí, distante quase 40 km da área em estudo.

A circulação ferroviária levou à decadência das tropas de muares, cessando o tráfego pela **Estrada de Goiás**. A área continuava fracamente povoada e talvez tenha até mesmo perdido pequena parte de seus habitantes, que viviam em função do movimento das tropas. É possível que os mesmos tenham se deslocado para outras áreas ainda não atingidas pela concorrência com a ferrovia.

Os núcleos urbanos mais próximos, além da capital, eram, do lado setentrional, a cidade de Jundiahy (que recebera esse predicado em 1865), do lado ocidental, a vila de Parnaíba (atual sede do município de Santana do Parnaíba) e à leste, a freguesia de Juquery (atual sede do município de Mairiporã). Eram esses núcleos, segundo o testemunho de autores coevos citados por Langenbuch (1971: 44-45), frequentados principalmente por populações dedicadas às atividades primárias (como era a regra no Brasil da época...), sendo que a população rural sempre superava a "urbana". Ademais, segundo a mesma fonte (Langenbuch, 1971: 63):

"(...) é expressivo o fato de serem numerosas as referências a propósito da decadência de aglomerados vizinhos de São Paulo, na época anterior às primeiras manifestações da grande expansão paulistana, enquanto não se encontra re-

ferência mencionando progresso."

O rio Juqueri seccionava o atual território caieirense em duas unidades administrativas distintas. A zona situada à margem direita do rio pertencia ao município de Parnaíba, enquanto a margem esquerda estava subordinada à freguesia de Juquery, que fazia parte do município da capital, passando a ser sede municipal na República. Todo esse território faria parte da faixa que Pasquale Petrone (1964, 278) denominou, com muita propriedade, o "cinturão caipira". Para efeito de enquadramento desse território no conjunto geral da evolução da Grande São Paulo, voltamos a transcrever trecho do capítulo já citado da tese de Langenbuch (1971; 74-76), referente aos meados do século XIX:

"Procurando resumir as conclusões a que se chegou a propósito das características geográficas dos arredores paulistanos, na época que precedeu às primeiras manifestações da grande expansão paulistana, poderíamos destacar os seguintes traços:

- 1) A ocupação agropecuária do solo assumia uma importância maior do que muitas vezes se supõe, embora houvesse grandes extensões inproveitadas. A agricultura comercial de exportação, compreendendo inicialmente a cana-de-açúcar e, posteriormente, o café, apenas conheceu um desenvolvimento expressivo nos lindes dos arredores paulistanos. Na parte mais característica destes predominava a cultura de subsistência, mas o abastecimento da cidade de São Paulo assumia grande importância, compreendendo sobretudo a produção de cereais e leite no "cinturão caipira". Importantes foram também as atividades criatórias ligadas à circulação.

O "cinturão das chácaras" apresentava propriedades menores que o "cinturão caipira", onde ainda era comum uma certa indefinição fundiária, sendo frequentes os litígios e as invasões, estas, às vezes, relacionadas com a prática da rotação de terras pelo sistema de "roça", outras vezes, à antiga estrutura ligada aos jesuítas e aos aldeamentos. (...)

3) Os aglomerados, mesmo os que tinham predicamento de vila e cidade, eram bastante modestos, contrastando em seu tamanho e importância com a cidade de São Paulo, apesar das pequenas dimensões apresentadas por esta. Entre as funções urbanas destes aglomerados dos arredores paulistanos, aparecem ao lado da prestação de serviços à circulação, a prestação de serviços à população rural, a político-administrativa e a religiosa. Alguns aglomerados tinham ligação muito íntima com a Capital, destacando-se o da Penha. Contudo, com nenhum se verificavam relações de migração pendular de mão-de-obra que pudesse se assemelhar a relações suburbanas típicas de áreas metropolitanas. Isto nem sequer se poderia esperar em torno de uma cidade com menos de 20 000 habitantes.

Os antigos aldeamentos indígenas haviam perdido suas funções originais e se transformavam étnica e funcionalmente em povoados "caipiras".

A decadência era mais comum que o progresso nos aglomerados dos arredores paulistanos, em sua maior parte muito antigos, datando dos primórdios da colonização, e tendo em parte perdido a sua razão de ser, e em parte sido ofuscados pelo desenvolvimento de São Paulo.

4) A população dos arredores de São Paulo era diminuta em números absolutos, como o era a da própria Capital. Não obstante, aquela excedia largamente esta, e com relação à população total do estado não era desprezível. Não se tem elementos para avallar a evolução demográfica verificada no "cinturão das chácaras", uma vez que o mesmo está quase totalmente incluso nas freguesias componentes da cidade de São Paulo. Com relação ao "cinturão caipira" chama a atenção o seu crescimento demográfico quase nulo, com exceção de alguns setores, o que caracteriza a faixa, de um modo geral, como área de emigração.

A presença do índio, remanescente dos antigos aldeamentos, ainda se faz sentir, mas a tendência que se observa é a sua miscigenação, sobretudo com a população branca. Os negros são de introdução recente, o que leva a crer que os mulatos ainda não sejam muito numerosos. O único contingente estrangeiro importante é o dos alemães, ligados à colônia de Santo Amaro, mas que se dispersaram pela região. O tipo dominante é o "caipira" que, por seus traços étnicos e por seus hábitos, se distingue da população da cidade de São Paulo.

5) (...) percebe-se nitidamente um papel polarizador da cidade de São Paulo na organização

de seus arredores. A cidade é circundada nitidamente por duas faixas concêntricas: o "cinturão das chácaras" e o "cinturão caipira".

O "cinturão das chácaras" achava-se visivelmente organizado pela cidade para a cidade. Além das chácaras com sua função de residência, e secundariamente de produção frutícola, o cinturão encerrava uma série de elementos funcionalmente ligados à cidade, e que aí se situavam por requererem muito espaço — por seu caráter repulsivo (recomendando seu isolamento), ou por ser a localização campestre considerada ideal. Trata-se daqueles pousos de tropa destinados a propiciar alojamento junto a São Paulo, dos cemitérios, de hospitais, de colégios, do depósito de pólvora.

O "cinturão caipira", que se seguia ao das chácaras, se caracterizava pela cultura de subsistência e pela produção agrícola extrativa (lenha, madeira, pedras de cantaria e produtos cerâmicos) e artesanal (objetos de barro) destinados ao abastecimento de São Paulo. Alguns aglomerados desta faixa são procurados pela população paulistana para fins recreativos e religiosos. Estabelecimentos, instalações e atividades ligadas à circulação são bastante numerosos no "cinturão caipira", em vista do papel de foco concentrador exercido pela cidade de São Paulo, o que provoca uma grande densidade de estradas e de circulação em seus arredores. Este cinturão, não é inteiramente organizado em função de São Paulo, dada a importante presença da cultura de subsistência e de extensas áreas incultas, e do relativo papel polarizador exercido por algumas vilas aí situadas. Contudo, as importantes atividades de abastecimento da capital evidentemente se organizaram em relação a esta, o mesmo se verificando, pelo menos em grande parte, com a aludida função religiosa e de recreação.

(...) A porção dos arredores que mais será abrangida pela expansão suburbana da metrópole é precisamente o "cinturão caipira", uma vez que o "cinturão das chácaras", mais restrito que o limite da atual cidade de São Paulo, será afetado pela expansão mais propriamente urbana da Capital."

O PERÍODO 1875 - 1915

Para melhor compreensão dessa etapa da evolução do uso do solo, e dentro do mesmo espírito de inserir o microcosmo caieirense no conjunto da Grande São Paulo, vale a pena transcrever, outra vez, "data venia", longo (mas indispensável) trecho da obra "A estruturação da Grande São Paulo", que é a conclusão do 2º capítulo e se intitula "A evolução pré-metropolitana dos arredores paulistanos (1875-1915)":

"Passando em revista os vários eventos de natureza geográfica, ocorridos nos arredores paulistanos entre 1875 e 1915, conclui-se que este período se caracterizou sobretudo pelo seguinte:

- 1) O antigo "cinturão das chácaras" foi anexado pela cidade através de uma expansão urbana difusa, traduzida no desdobramento do espaço urbano, em bairros e loteamentos territorialmente isolados da cidade propriamente dita, sendo que a ocupação urbana efetiva era pouco densa tanto nesta (em seu conjunto) quanto naqueles.
- 2) O antigo "cinturão caipira" se viu bastante valorizado, graças à sua posição geográfica vantajosa, e a recursos naturais que antes pouco significavam. A cidade de São Paulo passou a provocar uma reorganização desta área, quer através de sua iniciativa direta, quer através das possibilidades de mercado que lhe abria. Instalaram-se ou ampliaram-se no "cinturão caipira" várias atividades econômicas, visando ao mercado da capital, aproveitando seus recursos ou condições naturais: o extrativismo mineral e vegetal, a indústria de beneficiamento dos mesmos, a vitivinicultura. Núcleos coloniais oficiais foram estabelecidos, representando importante iniciativa pública no sentido de valorizar os arredores paulistanos. Indústrias não vinculadas a matérias-primas locais aí se estabeleceram também. O crescimento da cidade para aí expul-

sou hospitais carentes de isolamento. As condições topográficas e hidrográficas favoreceram a instalação de equipamento hidráulico e hidrelétrico, para os quais a localização nas proximidades da Capital era conveniente. Órgãos militares implantaram no "cinturão caipira" estabelecimentos que deveriam, também, se localizar perto de São Paulo. Tudo isto fêz com que os vínculos funcionais entre São Paulo e o antigo "cinturão caipira" se estreitassem e se diversificassem decisivamente. Em suma, São Paulo provocou a reorganização dos arredores paulistanos em seu benefício. Isto não impediu que formas de uso de solo e atividades anteriores continuassem a existir, como a agricultura caipira.

- 3) A ferrovia funcionou como instrumento da mencionada reorganização. Antes de mais nada provocou o colapso do antigo sistema de transporte e das atividades a êle relacionadas. Por seguir trajetos diferentes das antigas estradas "ordinárias" provocou uma relativa desvalorização de áreas beneficiadas por aquelas, desvalorização esta que abrangeu grande número dos aglomerados preexistentes. Pelo mesmo motivo, a ferrovia ocasionou um desvio de rotas, valorizando estradas "ordinárias" transversais. Valorizou as áreas que passou a servir. Os "povoados-estação" cresciam enquanto os aglomerados apartados da linha, de um modo geral, estagnavam.
- 4) Durante o período 1875/1915 se definiram as vocações de inúmeros setores areolares dos arredores paulistanos, vocações estas que iam influir, decisivamente, nas formas que posteriormente assumiria a expansão metropolitana. Talvez esta seja a característica mais expressiva do período em questão. Vejamos as vocações areolares que mais nitidamente se definiram:
 - a) As ferrovias conferiram às faixas por elas servidas uma vocação suburbana, por ora apenas incipiente, e às estações ferroviárias uma vocação de polarização da industrialização e do povoamento suburbano. Os "povoados-estação" seriam os "embriões" de importantes núcleos suburbanos da atualidade.
 - b) Os contrafortes da Cantareira viram definir-se sua vocação de subúrbio recreativo e hospitalar, funções que a área conserva, ao lado de outras surgidas depois.
 - c) A área compreendida entre Perus e Franco da Rocha (então Estação Juqueri) já assumiu, na época em questão, suas principais caracte-

rísticas funcionais atuais: extrativismo mineral, fabricação de papel, cura psiquiátrica. Pelo caráter extensivo das instalações ligadas a estas atividades, a área viria a se caracterizar como pouco propícia à expansão urbana de natureza residencial (neste sentido, é bem verdade, outros fatores agiram também). (o grifo é nosso)

- 5) A evolução demográfica permite o reconhecimento de dois subperíodos evolutivos, que podem esquematicamente ser delimitados em torno de 1900. Durante o primeiro verifica-se um aumento demográfico modesto nos municípios vizinhos ao de São Paulo, que contrasta com o excepcional crescimento verificado neste. É na citada fase que a população de São Paulo supera a do conjunto dos municípios vizinhos. A partir de 1900 (segundo subperíodo) o ritmo de crescimento demográfico da Capital se atenua, enquanto o dos municípios vizinhos se acelera. Durante o primeiro subperíodo, a cidade parece sugar o elemento humano de seus arredores, enquanto no segundo os reprova, através de sua expansão centrífuga e da reorganização do espaço que promove e enseja.

De qualquer forma, no período 1875/1915, ainda não se inicia a metropolização dos arredores paulistanos — no sentido mais amplo — o que se verificará no período seguinte."

(Langenbuch, 1971: 129-30)

No período inicial desta fase, para empregarmos novamente a tipologia de Kayser (1966), o território em apreço poderia ser enquadrado dentro de uma "região de — especulação" que, posteriormente, começaria a se integrar em uma "bacia urbana".

"(...) as estações ferroviárias que foram sendo estabelecidas nos arredores paulistanos se constituíram, assim, em pontos de convergência de produtos e pessoas das áreas circunvizinhas. Isto conferia ao local das estações a oportunidade de assumir uma modesta função regional. Pequenos, às vezes quase insignificantes, povoados surgiam em torno da estação, com vendas e botequins destinados a servir aos calpiras dos arredores, que agora para aí convergiam em busca da estação.

(...) O modesto comércio, a que aludimos acima,

constitui certamente a mais difundida função original destes pequenos aglomerados que, paulatinamente, surgiam em torno das estações, hoje em sua maioria populosos subúrbios.

Vários destes aglomerados surgiram em fins do século passado e no início do atual. Affonso A. de Freitas em sua "Geographia do Estado de São Paulo", publicada em 1906, cita como "povoações": Pirituba, Taipas (hoje Jaraguá), Perus, Caieiras, Estação Juqueri (hoje Franco da Rocha), Campo Limpo, Várzea (hoje Várzea Paulista), Itaquera, Lajeado (hoje Guaianazes), Poá, Guaió (hoje Suzano), São Caetano (hoje São Caetano do Sul), Estação São Bernardo (hoje Santo André), Ribeirão Pires, Rio Grande (hoje Rio Grande da Serra), Alto da Serra (hoje Paranapiacaba), Baureri, e Estação Cotia (hoje Itapevi)"

(Langenbuch, 1971: 104-5)

Muitas dessas estações ferroviárias serviriam também de ponto de apoio para uma função industrial que, de início, lembra um caráter basicamente extrativo, como é o caso das serrarias, cerâmicas e pedreiras.

Elisée Reclus, em um dos volumes de sua monumental "Géographie Universelle", publicado em 1893, — na parte traduzida sob o nome "Estados Unidos do Brasil" — observa que as montanhas ao Norte de São Paulo eram objeto de intensa atividade extrativa com a finalidade de obter materiais de construção (Réclus, 1900.: 327).

O traçado da ferrovia desprezara os dois núcleos urbanos que, àquela época, balizavam o território caieirense: Juqueri e Parnaíba. Nos arredores, a primeira estação, inaugurada já em 1867, foi a de Belém (hoje Francisco Morato). A estação Juqueri (atual Franco da Rocha) foi instalada após a estação de Caieiras, servindo de acesso à Vila de Juqueri (em 1888), segundo nos informa o jornal "Folha Regional" ("Isto é Franco da Rocha", 1976). É significativo que a primeira ati-

vidade econômica expressiva dos arredores da estação Juqueri foi a obtenção de pedras para construção através de estabelecimento fundado em 1886. Só mais tarde - em 1895 - é que se inicia a função que irá celebrar a área francorochense: a função hospitalar. O Hospital de Alienados, instalado em 1852 na rua São João na capital, transfere-se em 1864 para uma chácara na ladeira do Tabatinguera (atingindo, portanto, nesse processo de descentralização, o "cinturão das chácaras") e, finalmente, vai se consolidar no "cinturão caipira", numa área de pouco mais de 3000 hectares, pequena parte dos quais, por sinal, situa-se em terras do atual município de Caieiras.

A atividade extrativa na área caieirense vai receber maior impulso com o Cel. Rodovalho, célebre capitão de indústria paulista, responsável por muitos empreendimentos industriais na capital, como a fábrica de tecidos Anhaia (Mattos, 1958, 12). Nesse sentido, segundo Langenbuch:

"O mais interessante conjunto industrial surgiu, contudo, em Caieiras, associando três ramos industriais, todos ligados ao campo através de sua matéria-prima. Trata-se do empreendimento fundado, já antes de 1890, pelo coronel Antonio Proost Rodovalho, e que compreendia a extração de pedras de cantaria, e fábricas de cal, produtos cerâmicos e papel. Este conjunto industrial se distingue (...) por não se localizar junto à estação, mas por se encontrarem os vários estabelecimentos dispersos pelo campo, não longe, é verdade, da estação - à qual se ligavam por teleférico e por "tramway de tracção animal", o qual seria posteriormente ampliado e dotado de tracção mecânica. Fica patenteada a relação locacional com a ferrovia. Em 1890 o conjunto de fábricas era adquirido pela Companhia Melhoramentos de São Paulo. Os estabelecimentos fabris de Caieiras caracterizavam essa área como um dos principais centros industriais dos arredores paulistanos, na época. A fábrica de cal, em 1888, era considerada como uma das duas mais importantes da província e a cerâmica era atribuída a primazia absoluta entre os estabelecimentos congêneres." (Langenbuch, 1971, 107-8).



FOTO 1 - Desembarque de equipamentos para a fábrica de papel da Cia. Melhoramentos (1888-89?)



FOTO Nº 2 - Instalações fabris da Cia. Melhoramentos refletindo-se nas águas do rio Juqueri (1898)

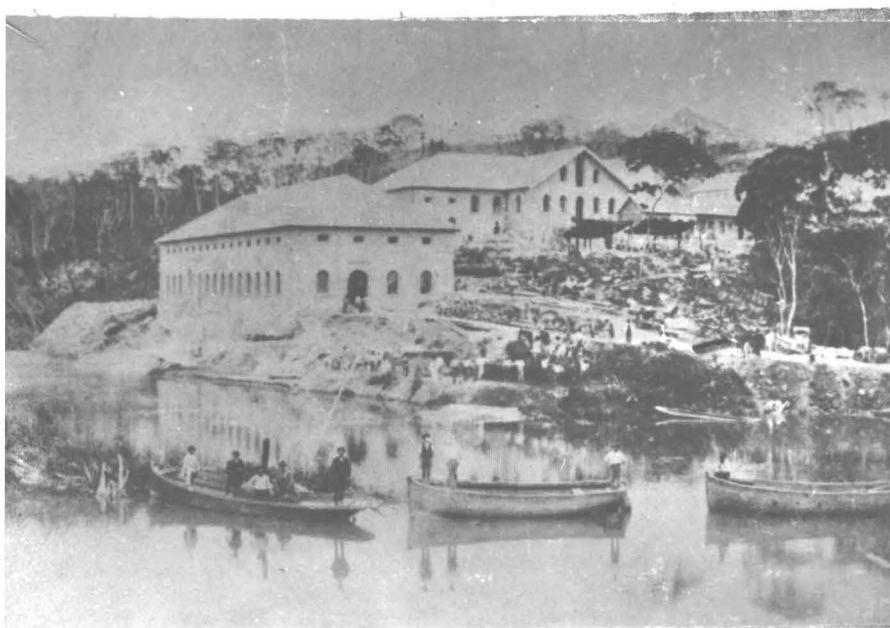


FOTO Nº 3 - O rio Juqueri e a fábrica de papel (1898)

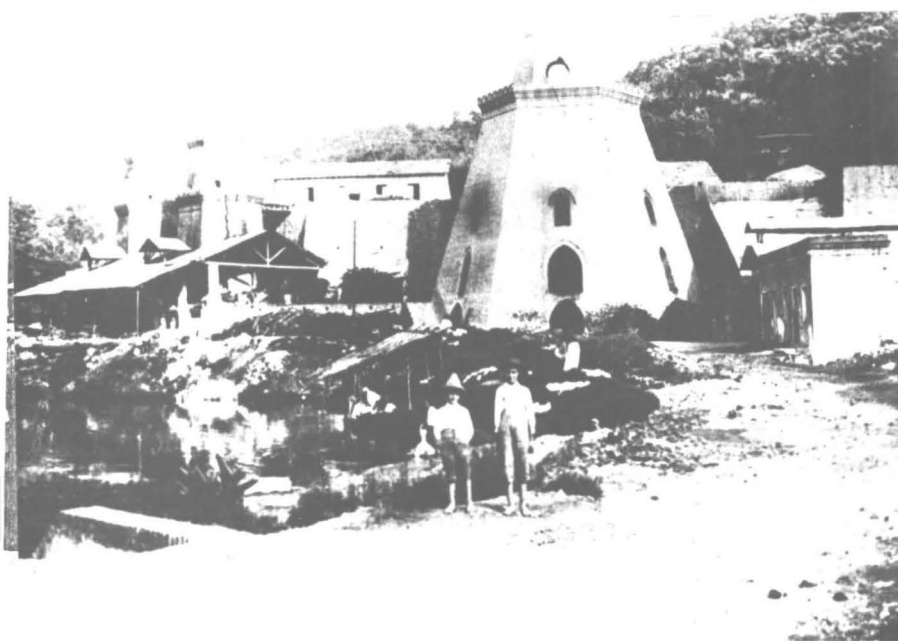


FOTO Nº 4 - Melhoramentos: Fornos de cal (1912)

Para a localização da indústria de papel, a área contou com vários elementos de atração a saber: terras florestadas amplas a preços relativamente baixos; a ferrovia, assegurando o transporte (o único eficaz na época) dos imigrantes, dos insumos e dos produtos da indústria; o rio Juqueri (com seus pequenos afluentes) fornecendo, ao mesmo tempo, a força hidráulica para as máquinas, a água para o fabrico da pasta de papel, como também servindo de desaguadouro dos resíduos de fabricação. Em uma publicação promocional da Prefeitura (Caieiras, Cidade dos Pinheirais), há uma fotografia, datada de 1888, mostrando canoas no rio Juqueri junto à fábrica, o que atesta uma certa utilização, em âmbito local, de uma pequena navegação. A fábrica de papel era ainda muito modesta, fabricando apenas papel de embrulho conforme menciona texto da Prefeitura Municipal de Caieiras (Histórico, 1973), pelo menos até a década de 1920 (Ver fotos 1 a 4).

Conforme dados estatísticos constantes da obra "Le Brésil Méridional" publicada em 1910, de autoria de Delgado de Carvalho (1910, 201), a indústria de papel no Estado de São Paulo contava com apenas 4 estabelecimentos fabris, totalizando 175 operários e o valor de sua produção industrial orçava em 2118 Contos. Correspondia a um dos menos importantes dos doze setores industriais citados; dentre eles o mais importante era o têxtil, com 30 estabelecimentos, 9738 empregados, valor de produção de 44990 Contos. Até mesmo a indústria de chapéus era mais importante: 12 estabelecimentos, 891 empregados, 4613 Contos. Esses dados devem ser considerados com muitas reservas, pois o próprio Delgado de Carvalho (1910, 202), que os compilara no "Centro das Indústrias" do Rio de Janeiro, os considera sub-estimados. De qualquer forma, eles permitem uma visão

da posição relativa da indústria do papel que sofrerá grandes mudanças após a década de 1920. Na verdade, essas cifras entram em contradição com as que abaixo citamos.

Nesse período, como acontecia em todo o Estado, a mão de obra industrial era quase toda estrangeira. Com efeito, Bandeira Jr. - no livro "A Indústria no Estado de São Paulo", publicado em 1901 - citado em Langenbuch (1971, 110), informa que a Cia. Melhoramentos contava, em Caieiras, com cerca de 16 trabalhadores nacionais e 236 estrangeiros. A mesma fonte nos dá a cifra de mil pessoas na "Villa" da fábrica. (Langenbuch, 1971, 111).

Na República Velha foi muito frequente a construção de "vilas operárias" pelas indústrias, em suas proximidades. Com certa defasagem - própria de um país de capitalismo atrasado (e dependente) - repete-se, "mutatis mutandis", o processo ocorrido no Velho Mundo. Nesse sentido, é relevante notar a atualidade da crítica de Marx (1957, 153) a respeito da subordinação do alojamento do trabalhador aos interesses do capital e, sobretudo, os escritos de F. Engels referentes aos meados do século passado (Engels, 1975). Na época, havia muitos apologistas da "vila operária", pois esta parecia ser uma solução para a "questão da habitação". Realmente, representava uma solução para o capital, mas não necessariamente para o trabalhador, como já o demonstrara sobejamente o colaborador de Marx (Engels, 1969). Para o nosso caso, são muito pertinentes as observações de J.S. Leite Lopes, a propósito dessa paradoxal servidão moderna do trabalhador livre no capitalismo, a qual se manifestaria na indústria através da imobilização da força de trabalho pela moradia (Leite Lopes, 1979). A empresa do coronel Rodovalho, na "República dos Coronéis", não poderia fugir à regra. A arqui-

tetura e o arranjo espacial das suas construções fabris, para melhor "vigiar e punir", como lembra o título do livro de Foucault, evoca a imagem ali narrada sobre a arquitetura de fábrica francesa do século XVIII (Foucault, 1977, 130-1). Isto fica patente entre outros fatos pelo (...) "controle da vida dos operários dentro e fora do trabalho por parte do patrão; (...); pelo "aluguel de monopólio" (...); pelo "controle da fábrica sobre os recursos necessários à moradia"; bem como pelo controle ideológico. (Leite Lopes, 1979, 29-30).

No que se refere ao espaço (e ao tempo) em questão, a necessidade que a fábrica demonstrava em fixar o trabalhador era ainda mais evidente se levarmos em conta, além de outros motivos, o problema da escassez de mão de obra sobretudo no "cinturão caipira" que, além de ser fracamente povoado, não contava com trabalhadores qualificados.

O nascente proletariado industrial paulista (constituído por muitos estrangeiros), ainda fracamente organizado, desprovido de amparo legal (leis trabalhistas, previdência, etc), não tinha outra opção a não ser a de se submeter a essa situação, que, se lembrava o coronelismo rural, constituiria, na verdade, a forma aqui assumida pelo desenvolvimento do capital industrial.

O PERÍODO 1915 - 1940

Do ponto de vista da estruturação da Grande São Paulo, Langenbuch denomina o período que vai de 1915 a 1940 de "O Início da Metropolização", cujos traços essenciais abaixo trans-

creveremos :

- 1) O espaço delimitado externamente pelos antigos bairros isolados tende a se compactar através dos loteamentos que surgem entre eles e o núcleo já compacto da cidade. É neste domínio urbano periférico que se verifica o maior crescimento demográfico. Não obstante, vários dos loteamentos que aí surgem, permanecem, por ora, na fase de especulação imobiliária, continuando a separar — ao invés de unir — bairros já estruturados.
(...)
- 3) A tendência de industrialização dos terrenos baixos (várzea ou baixos terraços) contíguos às ferrovias se mantém, provocando a formação de verdadeira faixa industrial ao longo da estrada de ferro Santos a Jundiá, entre as estações de Lapa e Ipiranga. Destarte esta ferrovia, mais do que as outras, se mostra cada vez mais favorável para a condução de operários, vindo a servir como importante instrumento de suburbanização residencial.
- 4) São Paulo conhece uma verdadeira explosão da imobiliária. Além dos loteamentos surtos no domínio propriamente urbano — entre os bairros já existentes — a especulação se volta com interesse nunca visto para os arredores paulistanos da época. Em torno da cidade surge um verdadeiro "cinturão de loteamentos residenciais suburbanos", que transcende os limites municipais, e compreende vastas extensões territoriais que por algum tempo ainda não serão necessárias à expansão urbana. Apenas os loteamentos mais próximos, os sítos em torno de estações ferroviárias e os sítos ao longo do "Tramway de Santo Amaro" conhecerão uma certa ocupação efetiva, em alguns casos bastante densa, em outros esparsa.
- 5) A metropolização dos arredores paulistanos ganha corpo através da expansão suburbana de cunho industrial e residencial da Capital. Formam-se nítidos e definidos subúrbios industriais e residenciais. No período 1915-1940 os incipientes subúrbios industriais do período anterior passam a atrair cada vez mais seus operários, tornando-se sua função residencial cada vez mais importante, a ponto de atrair grande número de pessoas que trabalham em São Paulo. Formam-se subúrbios nitidamente residenciais, do que a zona da Cantareira constitui a melhor expressão.
- 6) As ferrovias, não obstante os progressos alcançados pelo automobilismo, constituem os

grandes eixos do desenvolvimento suburbano. Isto por várias razões: a) suas qualidades intrínsecas, b) o fato de ainda não se admitir grande indústria longe da ferrovia, c) a presença do trinômio *ferrovia-terrenos grandes, planos e baratos - água fluvial* em grandes extensões, importante atrativo para a implantação industrial, d) o fato de algumas ferrovias percorrerem ou atingirem a principal zona industrial da cidade, e assim atraírem a fixação de operários aos arredores das estações suburbanas, e) o desenvolvimento anterior já adquirido pelos "povoados-estação", a atrair novas indústrias, assim como moradores, f) a quase inexistente participação da classe abastada da população na suburbanização residente, a qual, se o fizesse, provavelmente o faria através do automóvel.

- 7) A circulação rodoviária participa do desenvolvimento suburbano, sobretudo como meio de transporte supletivo e complementar de percursos. Sua ação como instrumento de desenvolvimento suburbano se restringe às áreas mais próximas à cidade, onde possibilita o surgimento de um novo tipo genético de subúrbio: o "subúrbio-loteamento", que não se fixa no lugar atingido pelo ônibus; é este, que - com a versatilidade característica da circulação rodoviária - se dirige ao loteamento, implantado em escala local em função de injunções do comércio imobiliário. Ao "subúrbio-loteamento" se contrapõe o "subúrbio-estação", formado em torno das estações ferroviárias, sucessor nos casos mais expressivos de "povoados-estação". Os "subúrbios-loteamento", onde o equipamento comercial e de serviços apresenta certa tendência dispersiva.
- 8) A maiores distâncias, a circulação rodoviária ainda não gera subúrbios, mas origina "povoados-entroncamento", ou revigora os já existentes. Estes povoados encerram uma vocação de núcleos polarizadores do desenvolvimento suburbano, que contudo somente se revelaria no próximo período." (Langenbuch, 1971:176-7)

A "Companhia Melhoramentos de São Paulo Sociedade Anônima", (que doravante chamaremos de Melhoramentos) irá conhecer grandes mudanças a partir de 1920. A firma Weiszflog Ltda. havia se estabelecido em 1898 na rua Líbero Badaró, no centro de São Paulo, com estabelecimento gráfico. Já em 1916 esse

estabelecimento se torna uma importante editora, principalmente de livros didáticos. Em 1924 a gráfica é transferida - agora já denominada Editora Melhoramentos - para novas instalações na Lapa (à rua Tito). É significativo como essa descentralização geográfica está ligada ao processo de expansão da metrópole e, ao mesmo tempo, de concentração do capital. A família Weiszflog vai imprimir um novo dinamismo à Melhoramentos. Há todo um processo de modernização com a importação de novas máquinas, vinda de técnicos alemães, toda uma série de aperfeiçoamentos tecnológicos que conduzem a um aumento e diversificação da produção de papel. Inicia-se uma tendência para a redução e progressiva extinção das atividades de cerâmica, pedreira e fornos de cal. Inicialmente, amplia-se o número de casas para trabalhadores, embora em escala não proporcional ao aumento da produção fabril devido à sua maior automação.

Em 1924 a Melhoramentos é apontada como a maior fábrica de papel do país. (Marcelo Piza, citado em Langenbuch, 1971:108). Já em 1925 inicia-se em grande escala o plantio de *Araucaria angustifolia*, constituindo, assim, segundo a Prefeitura Municipal (Histórico) o "primeiro reflorestamento com pinheiros no Brasil".

A empresa, que já se apropriará de enormes extensões de terras nos tempos do coronel Rodovalho, expande-se ainda mais, passando a controlar quase 5000 hectares em terras contínuas (dessa área, mais de 4000 ha estão contidos nos atuais limites do município de Caieiras e o restante em Cajamar e São Paulo.).

Como a empresa possui as terras que marginam a ferrovia (e conseqüentemente a área adjacente à estação), não há condições para o surgimento de outras atividades (notadamente

industriais ou comerciais) junto ao eixo ferroviário. Isto vai explicar o fato de, ao contrário dos outros subúrbios, não se formar um núcleo urbano junto à estação. De qualquer forma, o caráter monopolizador do uso do solo caieirense pela Cia. Melhoramentos continua bastante acentuado.

Do ponto de vista do operariado, no que se refere ao período final da República Velha, endossamos o parecer de Francisco Foot Hardman:

"(...) o fato de o conjunto dos operários viver uma mesma relação, na qualidade de força de trabalho explorada e oprimida pelas formas diversas do capital, criava as condições básicas para a formação do proletariado brasileiro como classe. Ao lado dessas condições materiais, o processo do movimento operário, em suas lutas concretas, formas próprias de associação, primeiros núcleos dirigentes, greves e demais mobilizações, tendia a unificar cada vez mais os diferentes setores da classe operária, em torno de um projeto amplo e unitário de independência sindical e política e de transformação revolucionária da sociedade capitalista republicana. Neste sentido, o proletariado brasileiro, como parte integrante do proletariado internacional, combinava a experiência recebida do movimento operário na Europa e nas Américas com suas características específicas, as quais eram inerentes ao processo histórico da sociedade brasileira enquanto antigo país colonial escravista e, posteriormente, como país capitalista atrasado. Dessa combinação, nascia uma nova classe social no Brasil — o proletariado — cujo processo de formação era parte integrante e contraditória do desenvolvimento mesmo das relações capitalistas de produção em escala mundial e, em particular, na sociedade brasileira." (Hardman, 1979:297)

Nos anos trinta há toda uma conjunção de fatores que vão determinar uma série de mudanças na sociedade brasileira, conforme tem sido demonstrado pela abundante bibliografia sobre a época (Andrade, 1976).

O período getulista vai ser marcado pela nova legis-

lação que protegeria os direitos do trabalhador. Sem entrar no mérito da discussão sobre as origens e objetivos (subjacentes ou não) dessas leis trabalhistas — em que pese o paternalismo dessa legislação atrelando o Sindicato ao Estado — é fora de dúvida que o proletariado vai contar com uma certa proteção e garantias com que não contava. Outro fenômeno importante vai ser o enorme crescimento da oferta de mão de obra, resultante em grande parte do êxodo rural. A indústria vai passar a dispor do expressivo contingente do "exército de reserva". (Contudo, esse efetivo, era muitíssimo inferior ao de hoje...)

Isto contribui, entre outras razões, para a indústria começar a perder o interesse em fixar a mão de obra. Nesse sentido, devem ter atuado muitas outras razões, v.g.: do lado do trabalhador, o desejo de habitar um "território livre" e/ou de morar em casa própria; do lado da empresa, há que se destacar, entre outros, o problema da possibilidade de "internalização" — para usar o termo de Leite Lopes (1979:29) — por iniciativa dos operários, de problemas que a direção da empresa considera como "externos", a exemplo das reivindicações do movimento sindicalista vinculadas à política nacional. Destarte, se outra fora interessante manter o trabalhador "encerrado", posteriormente, vai se tornar mais proveitoso para a firma não arcar mais com o ônus do "controle", que passará a ser de outras Instituições (formais ou não) do Estado.

Até a década de trinta, os únicos núcleos, relativamente significativos, de povoamento, em Caieiras, eram as diversas vilas operárias da Melhoramentos, que se distribuíam entre as secções fabris e reservas florestais das terras da empresa; estas situavam-se no lado então pertencente ao município de Parnaíba, correspondendo praticamente à totalidade da

porção ocidental no município de Caieiras de nossos dias. O lado oriental de Caieiras subordinava-se administrativamente ao município de Juqueri. Grande parte de suas terras ficaram a salvo da expansão fundiária da Cia. Melhoramentos. Essa porção caracterizava-se por seus terrenos muito acidentados, retalhados por sítios de dimensões modestas (para os padrões regionais), onde continuaram ocorrendo as tradicionais atividades de agricultura caipira. Aí situa-se um antigo bairro rural, de habitat disperso, o bairro de Morro Grande. Nessa época, havia uma trilha muito precária, serpenteando pelas encostas, que ligava a estação da "inglesa" (como também era conhecida popularmente a ferrovia) ao referido bairro do Morro Grande; passava pelo Sítio Cresciuma, penetrando outra vez pelas terras da Melhoramentos, tangenciando outras propriedades, até chegar à capela do bairro.

Em 1921 as terras da Melhoramentos foram valorizadas com a inauguração da estrada que, partindo de São Paulo e tomando um rumo mais ou menos paralelo à ferrovia, demandava Jundiaí e Campinas. Essa estrada - hoje conhecida como "Estrada Velha de Campinas" - foi construída simultaneamente com várias outras estradas estaduais paulistas, sob a égide de Washington Luis (celebrizado pelo seu lema: "governar é abrir estradas", que criara quando "presidente" do Estado). A estrada cruzava a São Paulo Railway junto à estação de Caieiras e, logo em seguida, atravessava o rio Juqueri. A estação ferroviária ganhava, assim, mais uma característica de ponto nodal da circulação, propiciando, em tese, mais um elemento para uma vocação urbana. Não obstante, ela demorava a se concretizar pelo motivo já apontado (a Cia. Melhoramentos...). Ademais, naquele tempo, o papel desempenhado pela rodovia era ainda muito pouco

ponderável do ponto de vista do transporte coletivo e de cargas; vivia-se, então, a época das ferrovias.

A realização dessa mencionada vocação urbana só poderá ocorrer bem mais tarde, na década de trinta, em local distante mais de 1 km da estação, na alta encosta do morro Cresciuma, que fazia parte do Sítio homônimo. Conforme menciona artigo de Luiz Lopes Lansac (1976), no ano de 1931 inicia-se o loteamento do Sítio Cresciuma. Abrem-se duas ruas (em ângulo reto) em função da demanda de terrenos para construção, que começava a atingir a área. Essa demanda era fruto não só do processo de expansão da metrópole paulistana, mas decorria também de fatores locais; dentre eles, merece destaque o papel desempenhado pelos trabalhadores da Cia. Melhoramentos. Alguns deles (os que conseguiram amealhar seus "mil réis"), começarão a adquirir lotes em Cresciuma (então Vila Cresciuma), que passaria a representar, sob certos aspectos, uma espécie de "território livre" em relação à onipresente Melhoramentos... Na verdade, Cresciuma nunca foi um "território livre" e nem o poderia ser... Seu espaço não podia deixar de estar vinculado ao "Sistema" vigente no país. Se, de um lado, a fábrica não se apropriava dos terrenos de Cresciuma, por outro lado, a ideologia da empresa, que, evidentemente, é a do "Sistema", mantinha sob controle esse território. (Voltaremos ao assunto no item "A População e a Habitação").

Cresciuma começaria por ser a sede de um modestíssimo comércio e de alguns poucos serviços que passavam a interessar não só à população do próprio bairro, mas também à da Melhoramentos. Do ponto de vista demográfico, sua função mais expressiva era a de "bairro dormitório". Muitos de seus moradores deslocavam-se a pé para a estação e embarcavam para o

trabalho com destino à capital (atê a estação da Lapa ou a da Luz); outros iam trabalhar na Melhoramentos, partindo do terminal de bitola estreita, próximo à referida estação, do outro lado da ferrovia.

Em que pese a modêstia do aglomerado de Cresciuma, é significativo que, já em 1934, ocorreria uma reestruturação das divisas municipais, passando todo o lado ocidental (retro mencionado, o domínio por excelência da Melhoramentos) a pertencer ao município de Juqueri em detrimento do de Parnaíba. Nesse mesmo ano era criado o Distrito de Paz de Franco da Rocha, com sede no núcleo oriundo da vizinha estação Juqueri. Franco da Rocha, sem a problemática da apropriação de suas terras por uma única empresa (embora tivesse sua expansão urbana limitada no seu lado Sudeste pela propriedade do Hospital Psiquiátrico), conheceria um crescimento urbano muito mais expressivo do que Caieiras. Isso justifica a emancipação de Franco da Rocha, em 1939 passando a conter, também, os distritos de Francisco Morato (ao Norte) e de Caieiras (ao Sul). A velha sede Municipal de Juqueri passava a chamar-se Mairiporã.

Em Cresciuma, a pequena burguesia (inclusive os proprietários de loteamentos que, por sinal, ali residem) procurava estimular iniciativas visando à expansão urbana — o "progresso". Um de seus meios será a "Sociedade Amigos de Caieiras", fundada em 1934, que irá participar da construção da igreja, de clube recreativo e pleitear melhorias urbanas junto às autoridades. Seu porta voz é o jornal "Vida Nova", de circulação quinzenal. A proliferação de "sociedades amigos de bairro", parece ter sido uma constante na metrópole paulistana, mas em período posterior à Segunda Guerra Mundial, na onda da redemocratização. Se Cresciuma, por um lado, iria

antecipar-se, de outro lado, parece-nos que essa associação se revestiria de um caráter um pouco diferente das outras, na medida em que era conduzida pelos próceres locais e não vinha diretamente da massa trabalhadora a exemplo do que ocorria em outros bairros de São Paulo (embora, no fundo, os políticos do "Sistema" acabassem, geralmente, por apropriar-se dessas sociedades...).

Os grandes acionistas e dirigentes principais da Melhoramentos, embora tendo casa da empresa à sua disposição, ali não residiam: preferiam morar na capital. Diferentemente do paradigma americano, os ricos não apreciavam os subúrbios, que não apresentavam as facilidades da "cidade".

Embora guardando, ainda, muitos dos "mores" caipiras (em virtude da origem de parte de sua população), Cresciuma irá representar um elemento fundamental no processo de mudança da organização do espaço caieirense.

O PERÍODO 1940 - 1960

Para a caracterização de alguns dos traços básicos da evolução metropolitana, nesse período, voltamos a transcrever Langenbuch:

- "1) Em números absolutos a expansão metropolitana supera todo o desenvolvimento anterior, provocando a urbanização e suburbanização de extensas áreas.
- 2) A porção da cidade já urbanizada em 1940 conhece uma acentuada compactação; os loteamentos aí compreendidos passam a ser intensamente edificadas. A proporção dos lotes

não ocupados diminuí sensivelmente por toda a parte. O crescimento vertical é intenso em várias partes da cidade.

- 3) A cidade em sua expansão anexa territorialmente numerosos núcleos suburbanos através do loteamento e posterior urbanização das áreas intermediárias; que até então constituíam solução de continuidade. Vários destes subúrbios são de origem anterior ao período em causa, outros são bastante recentes, e sua fusão com a cidade ocorreu pouco tempo após sua formação. Em alguns casos, os núcleos suburbanos, antes de serem absorvidos territorialmente pela cidade, fundem-se entre si formando conglomerados suburbanos. Alguns destes ainda não conheceram a referida absorção.
- 4) A ferrovia continua a gerar novos "subúrbios-estação", enquanto os já existentes crescem extraordinariamente, conservando a original polarização em torno da estação ferroviária. Na realidade, o desenvolvimento suburbano verificado no domínio geográfico das ferrovias nem sempre se relaciona diretamente aos serviços prestados por esta, mas se deve à atração exercida pelos subúrbios já existentes; em função de seu equipamento urbano, mercado de trabalho, mercado de mão-de-obra, etc. Os serviços ferroviários se expandem, quantitativamente, sendo alvo também de melhorias qualitativas, mas não conseguem acompanhar o desenvolvimento suburbano que eles, em última análise, geraram. **A circulação rodoviária, representada no tocante ao transporte de passageiros, sobretudo pelos ônibus, passa a ter um papel cada vez mais destacado no transporte dos "subúrbios-estação". Em parte, isto se deve à própria expansão horizontal conhecida pelos "subúrbios-estação", cujas lindes acabam por atingir porções muito afastadas da estação, demasiadamente distantes para serem atingidas a pé. (o grifo é nosso)**
- 5) Intensificou-se o desenvolvimento suburbano apoiado unicamente na circulação rodoviária. Novos tipos genéticos de subúrbios surgem, identificados por sua posição com relação às estradas de rodagem: "subúrbios-ônibus", ao longo de estradas já servidas por estes veículos, "subúrbios-entroncamento", sucessores de "povoados-entroncamento" que, em seu tempo, já haviam se beneficiado da posição junto ao ponto de concentração e cruzamento de correntes. Atingidos pela circulação rodoviária, um ou outro antigo aglomerado rural passou também a polarizar o desenvolvimento suburbano, tornando-se centro de um núcleo

("subúrbio-ex-vilarejo")."
(Langenbuch, 1971:257-8)

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Cia. Melhoramentos continuará a sua expansão fundiária. Esgotadas suas possibilidades em Caieiras, ela irá adquirir terras longe da área de expansão metropolitana: em Camanducaia-MG, onde instalará uma "fazenda florestal". Enquanto isso, Cresciuma continuava crescendo... Instala-se a sua primeira escola primária, que para ali viera após o fechamento (por falta de alunos) da escola que existia no bairro rural do Morro Grande (Lansac, 1976). A Melhoramentos dispõe do "Grupo Escolar Otto Weiszflog" e Cresciuma da "Escola Mixta Rural de Cresciuma". Só na etapa seguinte é que a expansão da rede escolar será realmente grande - reflexo das mudanças gerais da sociedade e do crescimento urbano. Até o fim da década de cinquenta, o ginásio mais próximo é o de Franco da Rocha, na sede do município.

Cresciuma amplia-se com o loteamento do Sítio São Francisco, ao Norte, nos fins da década de quarenta.

Conforme já salientamos anteriormente, Cresciuma não conta com muitas perspectivas de ampliação urbana horizontal, já que é limitada por várias barreiras, v.g.: ao Norte a propriedade do Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha, a Oeste pela ferrovia e pela várzea inundável do rio Juqueri, pelos outros lados, as terras da Melhoramentos. Contudo ainda nos meados da década de cinquenta, há muitos lotes vagos, sobretudo no trecho oriundo do loteamento do antigo Sítio São Francisco, compreendendo quase 40% de sua área urbanizável. Essa área disponível é objeto de intensa especulação imobiliária em virtude da pretensa exiguidade de solo urbano.

Nessa década de cinquenta, de qualquer forma, a demanda pela habitação popular na periferia paulistana já passa a ser sentida com tal intensidade, que um extravasamento horizontal de Cresciuma tornar-se-á inevitável. Na impossibilidade de lotear terras contíguas, esse extravasamento representará uma solução de continuidade nessa mancha urbana. Aos poucos, vão se loteando as terras do Serpa, do outro lado da ferrovia. Na porção ocidental de Caieiras, o Serpa dista 1 km de Cresciuma em linha reta; está situado, no entanto a cerca de 3 km através do único acesso viável: a Estrada Velha de Campinas, sendo necessário cruzar a porteira da ferrovia, junto à estação e, em seguida, a ponte do Juqueri. Como o bairro do Serpa apresenta uma topografia muito movimentada, só mesmo uma extrema pressão pela construção de casas populares justificaria a sua urbanização. O primeiro loteamento do Serpa será o Jardim Boa Vista que se dispõe em sentido transversal à Estrada de Campinas. No fim da década será loteado o trecho denominado Vila Gertrudes. Esses trechos, embora muito próximos, estão separados por vales muito íngremes, fazendo-se necessária a sua interligação através da Estrada Velha de Campinas. No final dos anos cinquenta, tem início a pavimentação da Estrada e surge a primeira linha de ônibus ligando Franco da Rocha a São Paulo; esta será de utilidade para os caieirenses se deslocarem principalmente de suas casas para a estação. O transporte de passageiros à longa distância por ônibus era ainda pouco expressivo.

Também no Sítio Laranjeiras, que fica na divisa com o município de São Paulo os efeitos do aumento da circulação rodoviária começam a evidenciar-se. No cruzamento da Estrada com o caminho vicinal que demanda o Morro Grande tendo, como

ponto de apoio uma venda (hoje Restaurante) iniciava-se, então, a construção de algumas casas.

Durante o período em tela e em função dos motivos já mencionados a Melhoramentos deixaria, definitivamente, de construir residências em suas terras.

DEPOIS DE 1960

Para a caracterização do período posterior a 1960, no que se refere à estruturação da Grande São Paulo, transcrevemos abaixo, trechos da conclusão da obra de Langenbuch (1971: 333-6):

- "1. A grande São Paulo apresenta estrutura nitidamente rádioconcêntrica e constitui um organismo metropolitano altamente centralizado em torno da cidade (no sentido político-administrativo) de São Paulo. A centralidade expressiva exercida por alguns (poucos) subúrbios e cidades satélites não compromete de modo muito acentuado o caráter monopolar da aglomeração..
2. As várias porções periféricas da metrópole se diferenciam entre si, tanto pela variada intensidade da urbanização e disposição da área edificada, quanto pelo grau de relações diretas com a cidade de São Paulo. Não se verifica correlação muito acentuada entre as "zonas" caracterizadas por ambos os aspectos. Este fato concorre para dificultar a definição e delimitação da Grande São Paulo. (...)
3. Os "subúrbios de cunho urbano" diferem bastante entre si, embora tal, à primeira vista, seja mascarado por uma certa homogeneidade paisagística e funcional, mais aparente do que efetiva. Diferentes fatores de origem e desenvolvimento inicial de subúrbios produziram diferentes tipos de "núcleos" e "conglomerados" suburbanos, que ainda hoje traduzem o fato em vários aspectos de sua

estrutura interna. Por outro lado, do ponto de vista funcional ocorre uma graduação - de subúrbios essencialmente residenciais a outros estritamente industriais - havendo ainda núcleos que encerram outras funções que, face ao indiscutível predomínio das duas supracitadas, são nitidamente "secundárias". O termo "subúrbio industrial" deve ser encarado com o devido cuidado, pois, mesmo considerando-se apenas o fato caracterizador - ou seja a atividade industrial - constatam-se enormes diferenças entre os núcleos com êle rotulados.

4. No tocante à função residencial dos subúrbios cabe salientar o predomínio das classes sócio-econômicas operária e média. As classes mais abastadas pouco se interessaram pelos subúrbios para fins residenciais; quando o fizeram apenas se sentiram atraídas por uma outra área, bastante próxima da cidade e que, logo mais, por ela, seria absorvida territorialmente.
5. Verifica-se uma estreita vinculação entre a cidade e a área rural circundante: esta foi e é organizada para a cidade em grande parte pela cidade. O cinturão rural destarte vinculado a São Paulo sempre existiu, e foi gradativamente conhecendo um deslocamento centrífugo acompanhado de ampliação areolar e diversificação. Do "cinturão das chácaras" de meados do século passado, a evolução conduziu ao atual "cinturão suburbano periférico, mais afastado do centro paulistano, mais amplo, mais diversificado do que aquêle, mas a êle se assemelhando no tocante às vinculações com a cidade.
O "cinturão suburbano periférico", que além de encerrar "subúrbios rurais" constitui área de expansão embrionária e futura da metrópole, é de suma importância para a vida desta.
(...)
6. O arranjo espacial da Grande São Paulo repousa sobretudo na infra-estrutura em vias de transporte. Sem encontrar grandes obstáculos físicos pela frente, tanto indústrias quanto habitantes funcionalmente vinculados a São Paulo puderam se estabelecer onde a comunicação com a Capital fôsse mais fácil. O caráter rádioconcêntrico de metrópole repousa, é claro, nas vias de circulação, responsáveis pela estruturação dos elementos radiais: "eixos de urbanização em colar", "eixos de urbanização embrionária".
A rêde de transporte, além de oferecer eixos à expansão metropolitana, provocou a estruturação de pólos, cristalizadores do desen-

volvimento em escala local.

As ferrovias radiais a São Paulo constituiram os principais eixos de desenvolvimento suburbano, funcionando as estações como os principais pólos. As rodovias neste particular assumem uma posição secundária. Passando a participar mais tarde, já encontraram o essencial esboçado; oferecendo transporte menos rápido não propiciaram expansão a tão grandes distâncias. Dada a ubiquidade das rodovias, as estradas isoladamente não concentraram o desenvolvimento de modo pronunciado. Dada a dispersão dos serviços rodoviários, a polarização local também foi menos pronunciada: entroncamentos e alguns aglomerados preexistentes foram os principais pólos do domínio rodoviário, mas menos importantes que as estações no domínio ferroviário.

Uma vez cristalizado um certo desenvolvimento suburbano, os pólos citados passam a propiciar um efeito de "bola de neve". Em escala sempre crescente os aglomerados e as fábricas suburbanas passam a atrair um desenvolvimento ulterior em função do que êles mesmos significam; a via (ou meio) de transporte em muitos casos deixa de ser fator preponderante do desenvolvimento suburbano, para funcionar como instrumento do processo. (...)

A estrutura interna dos subúrbios se relaciona também, de modo muito significativo, com o elemento (ou elementos) viário(s), que propiciou (propiciaram) seu surgimento, o desenvolvimento inicial.

(...)

9. O desenvolvimento das porções periféricas da Grande São Paulo se deve, em elevadíssimo grau, quase que com exclusividade, a iniciativas tomadas em São Paulo, em função de São Paulo, e como decorrência da expansão centrífuga da cidade. Os arredores paulistanos sempre foram pobres, como se viu. (...) De qualquer forma, nunca houve na porção mais típica dos arredores paulistanos uma concentração de capitais ou de contingentes humanos suficientemente significativa para gerir um desenvolvimento local endógeno. (...) Assim sendo, quando nas porções mais típicas dos arredores paulistanos um aglomerado começa a se povoar ou a se industrializar, isto se relaciona diretamente com São Paulo: a população local tradicional, calpina, pouca participação tem. Haja vista que mesmo como operário das indústrias suburbanas pouco participou. O mesmo se verificou com relação à maioria das transformações e desenvolvimentos verificados no setor rural da Grande São Paulo.

êste caráter monopolar do desenvolvimento constitui um dos fatores a explicar o caráter altamente centralizado da Grande São Paulo atual.

Muitos subúrbios, ao se desenvolverem, adquirem uma maior auto-suficiência interna, bem como certo potencial endógeno de desenvolvimento, responsável por várias iniciativas locais ("cidades satélites"). Isto conduz a uma relativa descentralização, que contudo ainda não foi muito longe.(...).

Nesse período, com a pavimentação da "Estrada Velha de Campinas" totalmente concluída, o papel da rodovia irá se intensificar. Como aconteceu em todo o país, a concorrência ferrovia x rodovia, na batalha dos fretes, beneficiará à esta última. O caminhão ganha uma certa importância nesta estrada, se bem que em nível muito inferior ao das auto-estradas, tipo Anhanguera, Fernão Dias, etc. O transporte coletivo, por ônibus, ganha enorme incremento, embora o fluxo de passageiros pela ferrovia não sofra decurso. O ônibus terá uma atuação complementar à da ferrovia, sobretudo nos percursos intermediários. Deve-se lembrar, ainda, a importância do automóvel particular, que já é sensível nos fins da década de sessenta. (Voltaremos ao assunto no capítulo sobre a vida de relações).

O bairro do Serpa irá conhecer uma grande ampliação, que se vinculará à circulação rodoviária, com o loteamento da Vila Miraval (no início da década de sessenta) e da Vila São João (no final). Na mesma estrada, já nas proximidades da divisa com Franco da Rocha abrem-se dois novos loteamentos: os Jardins Vera Tereza e Monte Alegre. Repetindo as características do Serpa, ambos estão separados por vales profundos, embora situados à pequena distância um do outro.

Laranjeiras torna-se um bairro de crescimento rápido, à pequena distância de Perus. Em área próxima, já na década

de setenta, abre-se outro loteamento: o de Vila Rosina, que se limita com o cemitério de Perus. Localizado em área extremamente acidentada com problemas sérios de arruamento, conforme observa o Plano Diretor do Município (PDDI), é o bairro de padrão mais pobre do município.

A Cia. Melhoramentos que, a esta altura, já abandonara sua produção de cal e cerâmica, concentrando-se no papel, diversifica sua produção no sentido de um aproveitamento mais integrado dos resíduos da fabricação da celulose e pasta de papel. Em 1972 foi criada uma nova empresa em suas terras, a Meliorpel, voltada para a produção de papéis finos com capital da Melhoramentos e participação expressiva de grupos estrangeiros. Sob certos aspectos a História da evolução do capital da Cia. Melhoramentos em Caieiras (que bem mereceria uma alentada tese!) sintetiza no seu microcosmo toda uma interessante periodização da evolução do capitalismo. Exemplifiquemos: a primeira fase é liderada por um capitão de indústria paulista, o coronel Rodovalho, que iniciou, em caráter muito rústico a fabricação de papel; nessa fase, o capital estrangeiro é representado pela ferrovia que drena as riquezas para a exportação. Na fase seguinte imigrantes estrangeiros, com seu capital familiar (os Weiszflog) "salvam" a indústria de papel e a dinamizam. Na atualidade, penetram as multinacionais apropriando-se do capital, enquanto o Estado fornece a infra-estrutura.

Cresciuma irá conhecer sua maior expansão urbana, o seu apogeu. Consolida-se como centro de comércio e prestação de serviços. Já em fins de 1958, graças à iniciativa de moradores de Cresciuma, referendo popular obtém, por esmagadora maioria, a emancipação político-administrativa de Caieiras.

Cresciuma irá sediar o nóvel município. A regra, no municipalismo brasileiro, tem sido a de dar ao município o mesmo nome do aglomerado urbano de sua sede. Caieiras representa, nesse ponto, uma das várias exceções, já que nunca houve um núcleo urbano com esse nome. No passado o topônimo designava a zona de produção de cal (neste caso, as "caieiras" eram os fornos para a obtenção de cal e não de carvão vegetal, ao contrário de muitas áreas dos arredores paulistanos). Esse nome foi dado à estação ferroviária, estendendo-se ao distrito, quase um século depois, quando da já mencionada criação do distrito com as divisas que correspondem às do atual município.

A instalação do município, na década de sessenta, irá trazer consequências importantes para o uso do solo. Dispondo de recursos orçamentários para aplicação direta no local, Caieiras irá conhecer uma fase insólita de melhorias urbanas: calçamento, expansão da rede de iluminação pública, água, escolas, Hospital, etc... O erário municipal contará, inclusive, com recursos para poder disciplinar o zoneamento do uso do solo em seu âmbito. Nesse sentido, desenvolve-se toda uma política de diversificação industrial.

Na década de setenta, pouco mais de duas dezenas de estabelecimentos industriais já estão construídos. Geralmente, essas referidas fábricas instalam-se junto à Estrada de Campinas, nas proximidades do conjunto Jardim Vera-Tereza / Jardim Monte Alegre, no Serpa ou em Laranjeiras. Na maioria dos casos, trata-se de um processo de transferência de indústrias da capital paulista, oriundas de velhos bairros industriais (so-



FOTO Nº 5 - A fábrica de papel da Cia. Melhoramentos, em 1965.

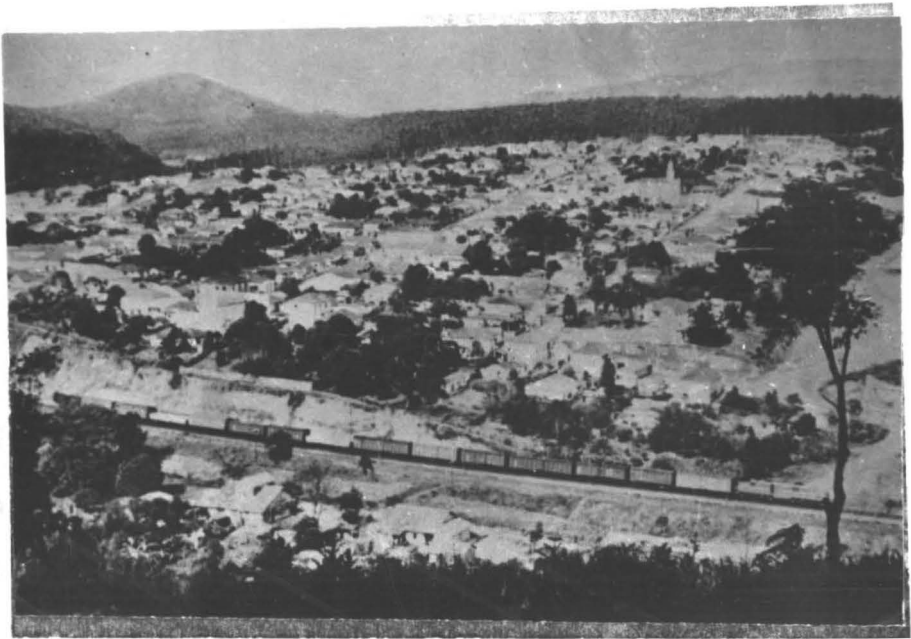


FOTO Nº 6 - O bairro de Crescuma, em 1965. No primeiro plano, separada por uma encosta íngreme, a ferrovia; ao fundo, as florestas.

bretudo da faixa compreendida entre a Lapa e o Brás). Enfim, mais um extravasamento da metrópole.

A Prefeitura concede incentivos para a instalação de indústrias. Até mesmo um dos mais sérios obstáculos para a implantação de parques fabris, ou seja, a escassez de terras planas, hoje está contornado, pois a Prefeitura cuida da terraplanagem. Escusado dizer que a faixa mais extensa de terras já havia sido ocupada no século passado pelas primeiras instalações industriais da Melhoramentos; trata-se de um trecho de terraços aluviais e de "várzeas enxutas" da margem esquerda do Juqueri.

Via de regra, as fábricas que se instalam são de pequeno porte e o conjunto dessas indústrias está longe de ameaçar a supremacia da Melhoramentos. Não obstante, a Cia. Melhoramentos irá sofrer uma pequena redução no seu papel relativo na economia industrial do município. Com efeito, em 1960, sua produção representava 99% do valor da produção industrial de Caieiras; em 1967 passa a corresponder a 96% e, em 1970, a 91% (cf. PDDI, 1971).

No cartograma anexo, fig. 8, pode-se observar a localização das indústrias em relação às vias de circulação e aos bairros.

Outro fator importante nas mudanças do uso do solo, que irá ocorrer no período em estudo, será representado pela decadência da agricultura. A produção agrícola, que sempre fora modesta, entra em um processo irreversível de redução. Os últimos vestígios da agricultura caipira praticamente desaparecem sem que haja uma substituição, ao menos quantitativa, pela agricultura comercial. A partir de meados da década de sessenta, verifica-se uma grande expansão dos sítios e chácaras de recreio bem como de clubes de campo. Estes últimos, situam-

FIGURA 8

CAIEIRAS — LOCALIZAÇÃO DAS INDÚSTRIAS

LEGENDA

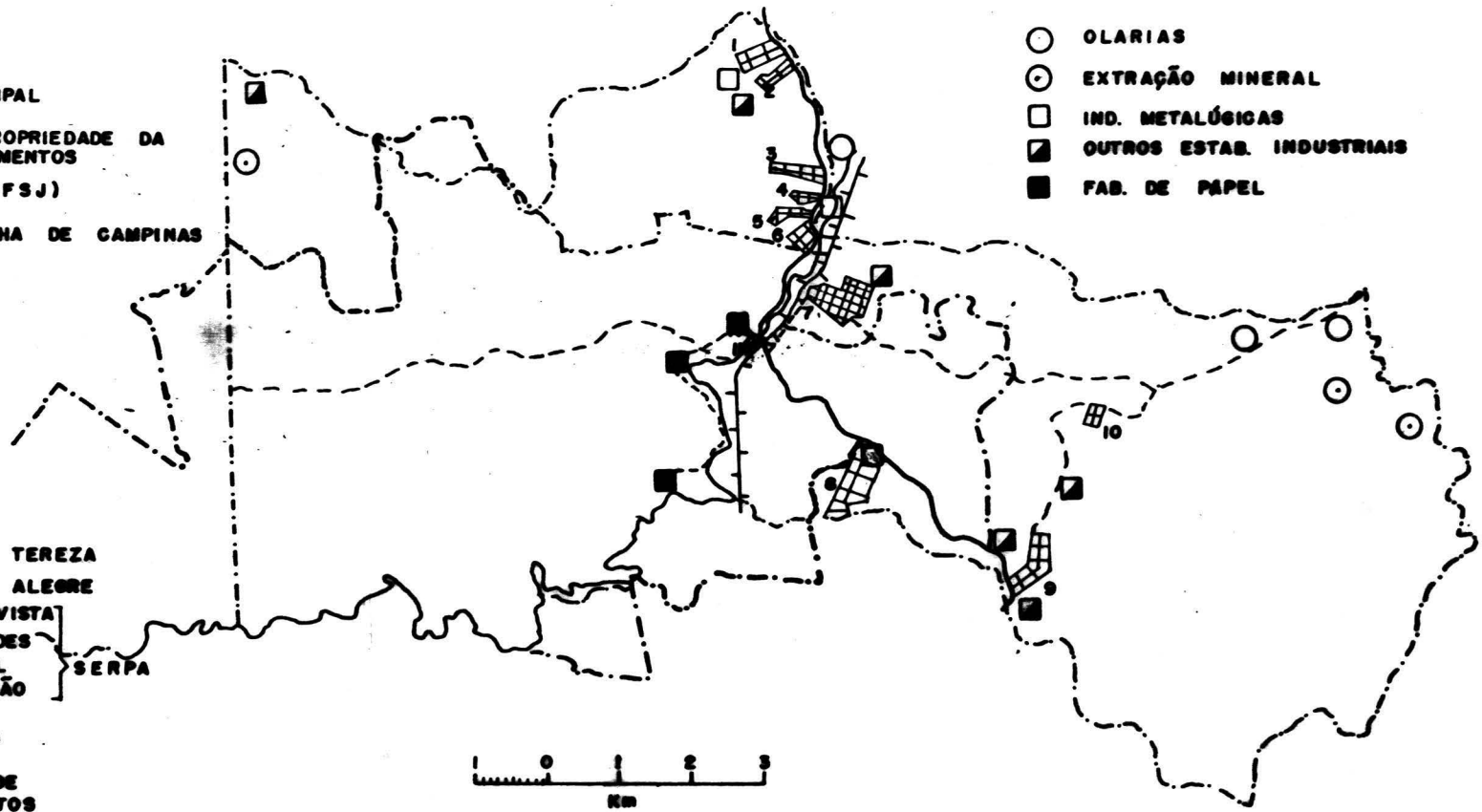
- LIMITE MUNICIPAL
- - - LIMITE DA PROPRIEDADE DA CIA. MELHORAMENTOS
- +— FERROVIA (EFSJ)
- ESTRADA VELHA DE CAMPINAS
- - - CAMINHOS

- OLARIAS
- ⊙ EXTRAÇÃO MINERAL
- IND. METALÚGICAS
- ▣ OUTROS ESTAB. INDUSTRIAIS
- FAB. DE PAPEL



BAIRROS:

- | | |
|----|---------------------|
| 1 | JARDIM VERA TEREZA |
| 2 | JARDIM MONTE ALEGRE |
| 3 | JARDIM BOA VISTA |
| 4 | VILA GERTRUDES |
| 5 | VILA MIRAVAL |
| 6 | VILA SÃO JOÃO |
| 7 | CRESCIUMA |
| 8 | VILA ROSINA |
| 9 | LARANJEIRAS |
| 10 | MORRO GRANDE |
| 11 | MELHORAMENTOS |
- } SERPA



FONTE: PDBI E TRAB. DE CAMPO. 1976. — Des.: VALDEMAR T. BARRÊTO.

ORG. E. PAZERA.

se na sua totalidade na Serra da Cantareira, portanto nas linhas de Sudeste do município, correspondendo a um prolongamento funcional da mesma área do município de São Paulo. Esta, extravasara, no fim da década de cinquenta, para Mairiporã e, agora, atingirá Caieiras. Tanto isso é verdade, que o acesso a esses clubes é efetuado, via de regra, pelos caminhos vicinais da Serra da Cantareira por parte do lado paulistano, sem passar pelo caminho usual de acesso a Caieiras (a Estrada de Campinas).

Ao concluir este capítulo, observamos que, após 1960, Caieiras já nada mais guardará de seu antigo passado caipira. Somente a paisagem não-urbana mostra heranças do passado no trecho ocupado pela Melhoramentos (com o reflorestamento). Enfim, a cultura urbana — da Grande São Paulo — comandada pela capital (e pelo capitalismo) absorve, através dos modernos meios de comunicação, o povoado do cinturão caipira, o povoado-estação, o subúrbio industrial e o subúrbio dormitório. O território, que servira como espaço para a reprodução coletiva da força de trabalho (na acepção dada por Castells, 1977), passará a ser, ainda em pequena escala. (é verdade), um dos muitos espaços de descentralização da metrópole — mais um espaço de distribuição do capital.

Uma última observação a respeito da Cia. Melhoramentos: apesar de seu progressivo aumento da produção, a empresa perde a sua posição relativa no âmbito nacional; de "maior fábrica de papel da América do Sul" dos meados da década de vinte, passa, em 1973, segundo dados de L. Goldenstein (1974:400), pertencer ao grupo de produtores responsáveis por 1,5 a 5% da produção brasileira de papel.



FOTO Nº 7 - Sede da Prefeitura Municipal de Caieiras (1974).

A terraplanagem permite a ocupação de novos espaços no bairro de Cresciuma.

OBSERVAÇÃO:

As sete fotos constantes deste capítulo foram publicadas - originalmente, em: "Caieiras, cidade dos pinheirais", editada pela Prefeitura Municipal. A reprodução e processamento das fotografias deve-se à nímia gentileza de José Anchieta Madruga.

4. TRAÇOS RELEVANTES DA DEMOGRAFIA CAIEIRENSE

"Tende piedade das pequenas famílias suburbanas
E em particular dos adolescentes que se embebedam de
domingos

.....

E se piedade vos sobrar, Senhor, tende piedade de mim!"

(VINICIUS DE MORAES, 'Elegia Desesperada')

Neste capítulo, serão esboçados alguns traços relevantes da geografia da população de Caieiras com o objetivo de caracterizar os moradores do município. Essa caracterização não constitui um estudo da demografia municipal mas, tão somente, um apanhado dos aspectos que mais interessam à compreensão dos fatos populacionais ligados à integração de um segmento da periferia da Grande São Paulo. Por uma questão de facilidade redacional, trataremos no próximo capítulo ("a vida de relações") alguns fatos demográficos mais diretamente ligados aos deslocamentos e relações do ponto de vista de seus fluxos no espaço.

O EFETIVO

Em 1976, segundo a Prefeitura Municipal, Caieiras teria quase 24.000 habitantes. Para a EMPLASA, essa população era da ordem de 20.000 indivíduos. Com base na amostragem de nosso inquérito domiciliar, de julho a outubro de 1976, parece-nos razoável estimar essa população em uns 22.000 habitantes. O censo de 1970 acusou uma população de 15.631 habitantes.

Comparando-se o efetivo populacional de Caieiras com o dos municípios integrantes da Sub-Região Norte (da classificação oficial já referida), este coloca-se na última posição após Franco da Rocha (43.000 hab.), Mairiporã (24.178 hab.) e Francisco Morato (23.548 hab.). No conjunto dos 37 municípios da Grande São Paulo, Caieiras classifica-se em 27º lugar pelo

tamanho de sua população que, por sinal, não chega a representar 0,2% do efetivo da Grande São Paulo. Contudo, essa posição é comum para muitos dos municípios da GSP pois, basta lembrar que só o município da capital abriga mais de 80% da população da Grande São Paulo (GSP).

Do total de 15.631 habitantes do censo de 1970, teríamos 8.793 na zona urbana e 6.838 na zona rural, o que daria uma população urbana de 56%. (PDDI, 1971)

No que se refere aos dados de população rural, é importante salientar que a imensa maioria da população recenseada sob esta denominação não exerce atividades vinculadas ao meio rural. Isto se deve ao fato de que a delimitação legal do perímetro urbano exclui grande parte dos domicílios situados nas terras pertencentes à Cia. Melhoramentos; estes são ocupados por famílias que contam com pelo menos um membro trabalhando, necessariamente, na indústria de papel. Na verdade, ali moram também algumas (poucas) pessoas que trabalham no setor primário, nas reservas florestais da empresa.

Segundo informa Langenbuch (1971:293), em 1960 a "população agrícola" (no sentido de população que exerce atividades classificadas como "agrícolas") constituía, 2,4% da população de Caieiras.

Fora do território da Melhoramentos, há um pequeno número de pessoas que exercem atividades agrícolas em área remanescente de antiga tradição rural, como é o caso de alguns moradores de Morro Grande, Laranjeiras e arredores.

Com base nos nossos levantamentos de campo, efetuados em 1976, podemos afirmar (sem querer fazer uma estimativa precisa) que a população rural de Caieiras não ultrapassa os 10%.

Como é sabido, poucos municípios da GSP apresentam uma

população rural numericamente expressiva. Nesse sentido, a população de Caieiras assume uma posição intermediária entre os municípios de elevada população rural (tipo Biritiba Mirim, Embu, Guararema, Santa Isabel, Santana de Parnaíba) e os municípios tipicamente urbanos (a exemplo das comunas que compõem o conhecido "ABC").

Diante dos 104 km² do território municipal, esses 22.000 habitantes correspondem a uma densidade demográfica média de 211,5 habitantes por km². Pelo censo de 1970, a densidade seria de 153 hab./km². No conjunto da GSP, essa média correspondia, aproximadamente, a uma situação similar à de Cajamar e Mairiporã, sendo inferior à de Franco da Rocha e Francisco Morato e superior à de Santana de Parnaíba, para mencionar somente os municípios vizinhos. De modo geral, a densidade corresponde, até certo ponto, a uma situação que espelha o grau de urbanização do município. Nesse ponto, a colocação de Caieiras é aquela a que já nos referimos: uma posição intermediária entre as comunas tipicamente urbanas e as de expressivo caráter rural.

Como não foi possível desagregar os dados do censo de 1970 para termos a população dos diversos bairros do município, podemos, não obstante, fornecer algumas indicações com base em dados da Prefeitura (PDDI, 1971) e de nosso trabalho de campo (de 1976). O bairro de Crescuma, que abrigava, em 1971- uns 30% da população municipal, contava com 4.834 habitantes, o Serpa (18% do município) cerca de 2.845 pessoas, o conjunto Laranjeiras-Vila Rosina, 979 indivíduos e a parte "urbana" da Cia. Melhoramentos cerca de 1.115 moradores, o que daria uma população total de 9.773 habitantes no perímetro urbano legal definido pela Prefeitura. Em nossos trabalhos de cam-

po, em 1976, encontramos grande diferença no que se refere ao Serpa que passou a ter uma população quase igual à de Cresciuma e, em breve, deverá superá-la em virtude de seu ritmo veloz de construção de casas: ali encontramos cerca de 3.670 moradores (com base no número total de domicílios e respectiva média de habitantes por domicílio da população de nossa amostragem). Vila Rosina teria uns 1.370 moradores, Laranjeiras 710 e Vera Tereza/Monte Alegre, 590. (Essas estimativas não foram testadas estatisticamente e servem apenas de indicações sumárias). Quanto aos bairros da Cia. Melhoramentos, segundo a Prefeitura, sua população total, em 1967 era de 4.057 pessoas. (PDDI, 1971: 21), sendo que uns 25% desses moradores habitavam bairros enquadrados dentro do perímetro urbano do município e os demais na zona rural (cf. classificação já mencionada). Por ocasião de nossos trabalhos de campo, prevíamos (conforme já mencionamos) a aplicação de questionários domiciliares à base de 10% dos domicílios; no entanto, por motivos de força maior, só foi possível visitar 14 casas na Melhoramentos (distribuídas pelos bairros: Fábrica, Barreiro, Vila Nova, Vila Leão, Monjolinho e Tico-Tico). Não foi cumprido assim, no caso da Melhoramentos o nosso plano de amostragem. (Por uma dessas vicissitudes na vida do pesquisador, o "motivo de força maior" que impediu a aplicação prevista de nosso questionário domiciliar junto aos moradores da Melhoramentos foi a proibição dessa atividade por um dos "zelosos" representantes da gerência da empresa. O questionário foi reputado inconveniente...). (Infelizmente, não dispomos de outros dados sobre essa população, que não só não deve ter conhecido crescimento (em virtude de não se construir mais casas nas terras da empresa) como é possível que tenha, até mesmo, sofrido diminuição em virtude da demolição

de algumas casas atingidas pelas obras da Via Norte (atual Rodovia dos Bandeirantes .) afetando parte da Vila Nova e algumas casas dispersas.

A POPULAÇÃO E O DOMICÍLIO

TABELA 1

CAIEIRAS - PROPRIEDADE DOS DOMICÍLIOS

(Fonte: Amostra da pesquisa - 1976)

Bairros	Casa Própria	Casa Alugada
CRESCIUMA	82,9	17,1
SERPA	82,2	17,8
V.ROSINA	72,2	27,8
LARANJEIRAS	85,7	14,3
V.TEREZA	50,0	50,0
MELHORAMENTOS	-	100,0
TOTAL GERAL CAIEIRAS	70,6	29,4

De acordo com a tabela acima, segundo a amostragem da pesquisa, 70% das casas do município pertencem aos seus moradores. Essa proporção só não é maior devido ao fato de a totalidade das residências situadas nas terras da Cia. Melhoramentos pertencerem à empresa, como já destacamos no capítulo "a evolução do uso do solo". Seus moradores pagam aluguéis cujos valores são inversamente proporcionais ao tempo de serviço

TABELA 2

CAIEIRAS - RENDA FAMILIAR E PROPRIEDADE DA CASA

(número de respostas)

(Fonte: Amostra da Pesquisa - 1976)

RENDA SALÁRIO MÍNIMO	BAIRROS	CRESCIUMA		SERPA		V.ROSINA		LARANJEIRAS		V.TEREZA		TOTAL CAIEIRAS (+)	
		P	A	P	A	P	A	P	A	P	A	P	A
menos de 1				2				1				3	
1 a 2		3		9	2	5	1	1		1	3	19	6
2 a 3		4	1	6	2	3	3	3	1	2	2	18	9
3 a 4		2	2	14	1	1		2		1		20	3
4 a 5		2		6		2				1	1	11	1
5 a 6		8	1	5	3	1		1				15	4
6 a 7		9	4	4	2			1	1	1		15	7
7 a 8		7	1	2	1	1						10	2
8 a 9		2	1	1								3	1
9 a 10		5	1	3								8	1
10 a 11		1	2									1	2
11 a 12		4		1				1				6	
12 a 13													
13 a 14		4		1			1					5	1
14 a 15		2		1								3	
mais de 15		11										11	
Não declarado		3		6	1			2				11	1

P = casa própria

(+) Exceto Melhoramentos

A = casa alugada

na Companhia. Os aluguéis oriundos de admissões mais recentes já se aproximam dos atuais valores de mercado. A empresa que, no passado, construiu residências para seus trabalhadores, deixou de fazê-lo desde os fins da década de quarenta. Destarte, essas moradias são bastante antigas. A maioria delas, que correspondem ao tipo padrão de "casa de operário" são de alvenaria com chão de tijolo e banheiros do lado externo. Reforçando o estereótipo de que "antigamente se construía melhor", os materiais empregados são de maior durabilidade e as dimensões dos imóveis são bem maiores do que aquelas que hoje vigoram nos conjuntos habitacionais ditos "populares". Outras categorias de empregados residem em casas de melhor padrão.

Conforme já vimos no capítulo anterior a Cia. Melhoramentos, herdeira do estilo empresarial do fim do século passado, em que era muito frequente a participação da empresa industrial na construção de casas para os seus trabalhadores - conforme ocorrera em cidades industriais européias e mesmo no Brasil - hoje modernizou-se. Na fase atual do capitalismo, não é mais "necessário" construir, pois a mão de obra agora é abundante e não é preciso investir na sua fixação próximo à fábrica. No passado, conforme estudo da socióloga Eva Alterman Blay (1979:79):

"A aplicação de capital nestas habitações era um investimento perfeitamente coerente com as condições econômicas da época e sobretudo com o tamanho da população fornecedora de força de trabalho.

As casas construídas pela fábrica eram alugadas aos seus próprios operários. A casa constituía um abrigo para o trabalhador. Era quase um prêmio conseguí-la numa época em que a construção civil era incipiente. Pode-se recompor as condições de sujeição às quais o empregado se colocava quando tinha seu emprego e sua casa vinculados. A moradia era um fator de atração pa-

ra os escassos trabalhadores qualificados necessitados pela indústria. Mas ao entrar nesta engrenagem ele não só vendia seu trabalho como as possibilidades de obter um valor mais alto pelo mesmo. A moradia enraizava o trabalhador a uma dada empresa, evitava o "turnover" e provavelmente reduzia suas possibilidades de lutar pelos próprios interesses. Perder o emprego representava perder a casa. Do ponto de vista da empresa, a habitação era um fator de pressão sobre os operários. E além deste aspecto que certamente é o mais importante, ainda representava um investimento imobiliário cujo capital retornava inúmeras vezes aumentado na forma de aluguéis pagos pelos operários".

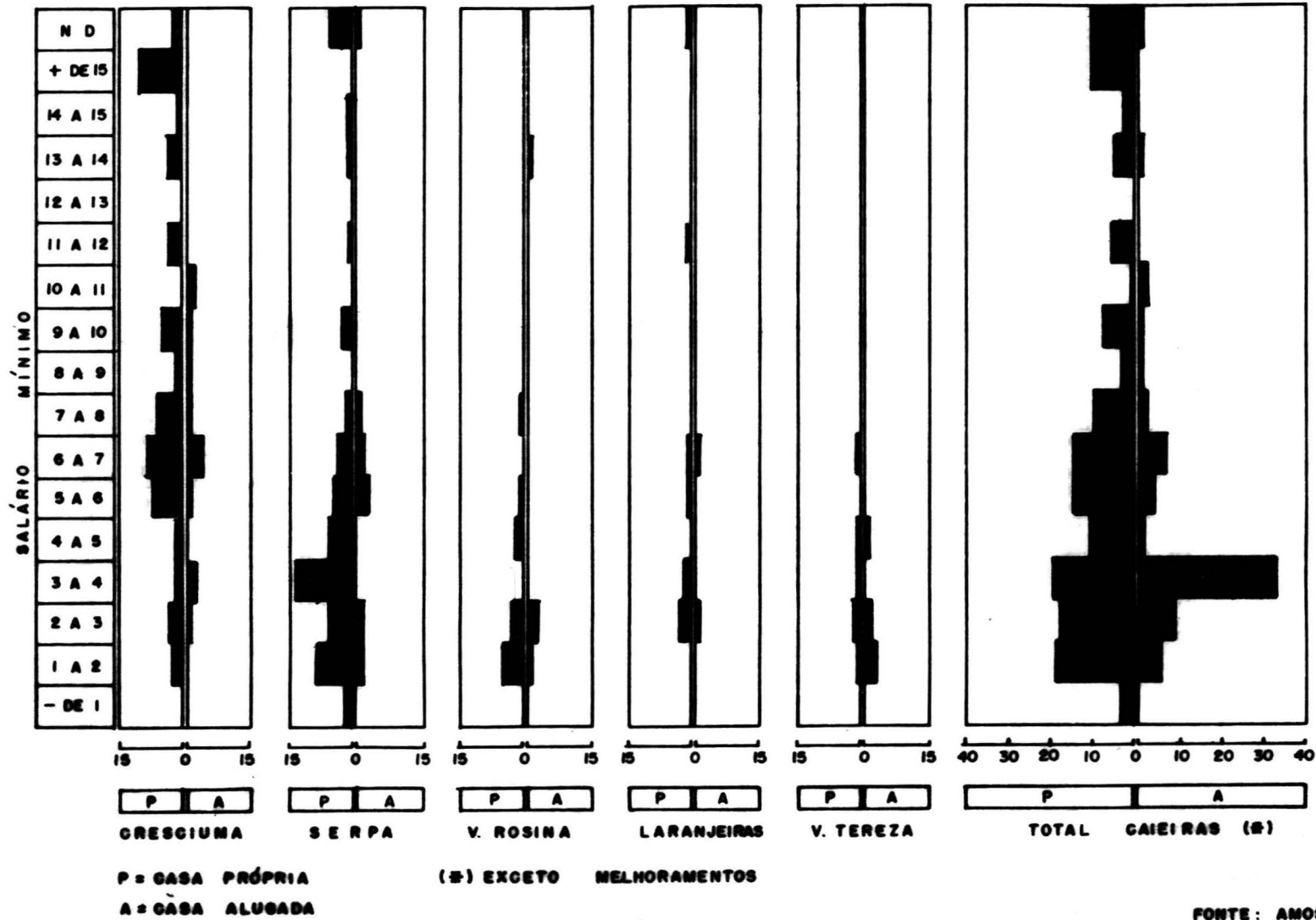
Ainda hoje, a escassez de residências parece ser um instrumento da política da Melhoramentos que cede as casas para os seus "melhores e fiéis" empregados que, ao se aposentarem, devem cedê-las para outros que se disponham a servir a Cia. Por outro lado, agora, o investimento na construção da casa competirá ao trabalhador, que se submeterá aos maiores sacrifícios pelo ideal da casa própria. O papel da casa própria como elemento de atração de trabalhadores para a cidade já foi bastante estudado principalmente pela Sociologia Urbana. Nesse sentido voltamos a citar Eva Blay (1979:79):

"(...) Conseguir um emprego é difícil, instável, precário. A casa, porém, é a proteção para os momentos de desemprego, é a certeza de ter um teto enquanto se busca um novo trabalho. Como o mercado de trabalho é muito inferior ao número de trabalhadores disponíveis, o problema é garantir um modo de sobreviver na cidade, mesmo nos críticos momentos de desemprego. Movidos por tais alvos aqueles que buscam o trabalho na cidade, buscam também uma casa própria".

É significativo que até mesmo o transporte coletivo dentro das terras da Melhoramentos deixou de ser proporcionado gratuitamente pela Empresa. A "máquina da Companhia", como era

FIGURA 9

CAIEIRAS- RENDA FAMILIAR E PROPRIEDADE DA CASA



FONTE: AMOSTRA DA PESQUISA - 1976

chamada pelos usuários a composição ferroviária (de bitola estreita) da Melhoramentos foi se deteriorando até ser desativada nos anos sessenta. Esse transporte beneficiava não só os operários nos seus deslocamentos pelos diferentes setores da indústria de papel, mas também seus dependentes. Atualmente, os ônibus da Viação Miriam por aí circulam em plena era da "crise do petróleo"...

Comentando fenômeno análogo, a propósito do vale do Loire, em artigo na revista "Herodote", Gribet (1980:81) observa que a "indústria se desengaja do fato urbano", procurando, inclusive, rejeitar a imagem paternalista do passado, onde os patrões assumiam o encargo de equipar a cidade.

Em Cresciuma, Serpa e Laranjeiras, mais de 80% das habitações são próprias. Vila Rosina aproxima-se da média municipal. Jardim Vera Tereza-Jardim Monte Alegre apresenta o menor índice. Ao que parece, muitas de suas casas foram construídas pelos moradores mais bem aquinhoados de Cresciuma e da Melhoramentos, como investimento, recebendo aluguéis de pessoas que vieram trabalhar nas novas indústrias que se instalaram nos arredores, nesta década.

A média geral de habitantes por domicílio, em Caieiras, segundo o Censo de 1970, era de 5,07. A amostragem (tab.3) apresentou cerca de 5,21 habitantes por domicílio. O índice mais baixo é o de Cresciuma (4,83) e o mais alto o de Vila Rosina (7,6). Confirma-se, portanto, a expectativa demonstrada pelos dois extremos do Município. A taxa de ocupação domiciliar dos Jardins Vera Tereza e Monte Alegre revelou-se inferior à média caieirense. Apesar de ocupados por populações pobres, esses núcleos, em que predominam casas de construção recente (muitas delas ainda em fase de acabamento), são habi-

TABELA 3

CAIEIRAS - NÚMERO DE HABITANTES POR DOMICÍLIO

(Fonte: Amostra da pesquisa - 1976)

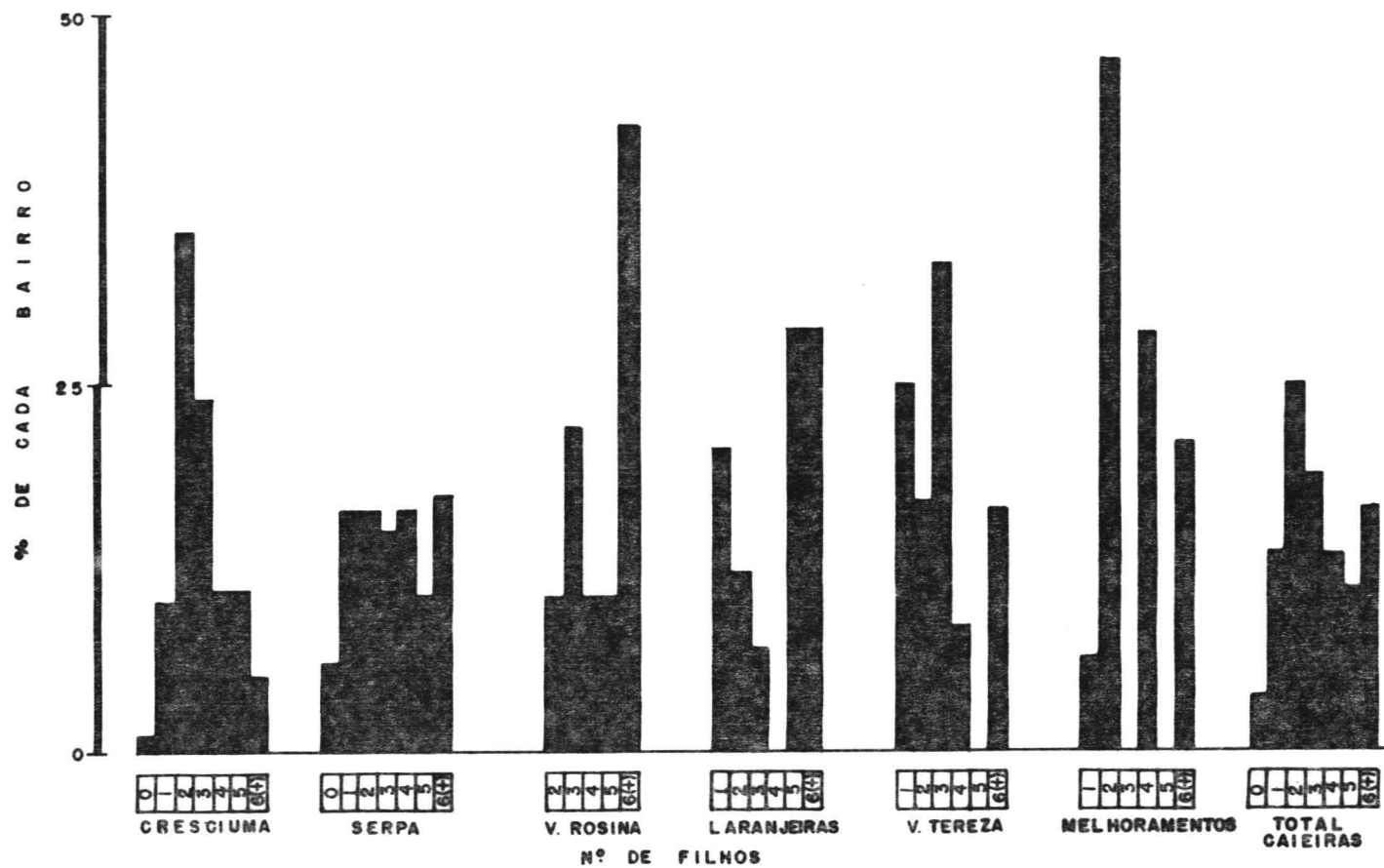
Percentagem dos domicílios de cada bairro	CRESCIUMA	SERPA	V.ROSINA	LARANJEIRAS	V.TEREZA	MELHORAMENTOS	TOTAL CAIEIRAS
01	1,2	--	--	--	--	--	0,46
02	4,9	11,0	--	--	--	7,1	6,10
03	14,6	20,5	--	21,4	16,7	7,1	15,49
04	24,4	12,3	11,1	14,3	33,4	42,9	19,24
05	19,5	20,5	16,7	42,9	25,0	14,4	21,12
06	20,7	15,1	16,7	7,2	8,3	7,2	16,90
07	9,8	1,4	16,7	--	8,3	7,1	6,57
08	3,6	11,0	--	7,1	--	7,1	6,10
09	1,2	7,1	5,5	--	8,3	--	2,81
10	--	1,4	11,1	7,1	--	--	1,87
11	--	1,4	11,1	--	--	--	1,70
12	--	1,4	11,1	--	--	--	1,70
13	--	--	--	--	--	--	--
14	--	--	--	--	--	7,1	0,46
Media geral habitantes x domicílio	4,83	5,05	7,60	5,07	4,90	5,28	5,21

TABELA 4
 CAIEIRAS - NÚMERO DE FILHOS POR DOMICÍLIO
 EM PORCENTAGEM DE CADA BAIRRO
 (Fonte: Amostra da pesquisa - 1976)

Número de famílias Número de filhos	CRESCIUMA	SERPA	V.ROSINA	LARANJEIRAS	V.TEREZA	MELHORA- MENTOS	TOTAL CAIEIRAS
0	1,22	6,84	- -	- -	- -	- -	2,81
1	10,97	16,43	- -	21,42	25,00	7,14	13,14
2	35,36	16,43	11,11	14,28	16,66	42,85	24,88
3	24,39	15,06	22,22	7,14	33,33	- -	18,78
4	10,97	16,43	11,11	- -	8,33	28,57	13,14
5	10,97	10,96	11,11	28,57	- -	- -	10,80
6 ou mais	6,10	17,80	44,44	28,57	16,66	21,42	16,43
Média filhos x família	2,9	3,5	5,4	4,3	3,0	3,1	3,3

FIGURA 10

CAIEIRAS - NÚMERO DE FILHOS POR DOMICÍLIO



FONTE: AMOSTRA DA PESQUISA - 1976

tados principalmente por casais muito jovens com poucos filhos.

Os domicílios são ocupados pela família nuclear padrão. Em Cresciuma, em algumas poucas casas (menos de 10%), moram também um dos genitores ou irmãos dos cônjuges. Nos outros bairros o fenômeno é insignificante.

A tabela 4 - número de filhos por domicílio - nos mostra que a média geral da nossa amostragem é de 3,3 filhos por família. O bairro mais "rico" (Cresciuma) está abaixo da média, aproximando-se do paradigma da família urbana de acordo com o critério de Kubat e Mourão citado em Attadia da Motta (1975: 81) que é o casal com 2-3 filhos. No outro extremo está o bairro mais pobre, a Vila Rosina.

A COMPOSIÇÃO POR IDADE E SEXO

Neste ítem, começaremos por caracterizar a composição etária da população caieirense adotando o mesmo critério que M. R. Carlos (1973:33) empregou na sua pesquisa em Santana de Parnaíba. Nesse sentido, utilizaremos a população de nossa amostra (com informações sobre a idade de 993 indivíduos), distinguindo as seguintes categorias: a) População infantil em idade pré-escolar - 0 a 6 anos; b) população infantil em idade escolar - 7 a 14 anos; c) com população jovem potencialmente ativa-15-24 anos;d)população adulta, idem - 25 a 59 anos; e) população velha inativa - 60 anos e mais. Dentro dessa classificação, obtivemos os seguintes dados em 1976, na nossa amostragem:

CAIEIRAS: CLASSES DE IDADE DA POPULAÇÃO

TABELA 5

Classes de idade	número de indivíduos		
	masc.	fem.	total
0 a 6	69	74	143
7 a 14	98	106	204
15 a 25	115	119	234
26 a 59	188	177	365
60 e mais	27	20	47
TOTAL	497	496	993

Fonte: Amostra da Pesquisa, 1976

Como se vê, a repartição da população da amostragem por sexos é equilibrada. Contudo, isto não ocorre em todos os bairros, pois a amostragem de Cresciuma, por exemplo, revelou 187 homens para 164 mulheres, enquanto no Serpa contamos 168 homens para 181 mulheres. O censo de 1970 acusava uma proporção de 54,5% de habitantes do sexo masculino, no município.

Na população da amostragem, constatamos que toda a população em idade escolar encontrava-se estudando. Já no que se refere à população potencialmente ativa, ou seja, aquela formada pelos jovens dos 15 aos 25 e pelos adultos dos 26 aos 59 anos, a tabela da página seguinte é muito elucidativa, dispensando maiores comentários; não obstante, podemos destacar os seguintes fatos: a) é muito elevada a proporção de ativos no grupo masculino adulto; desse grupo, os inativos eram quase todos aposentados, havendo apenas dois desempregados (um em Vila Rosina e outro em Vera Tereza) por terem sido recentemente despedidos; b) na classe dos jovens, também é elevada a proporção de ativos, embora não tão expressiva quanto na dos adultos, em função da importância dos estudos nessa idade. Nessa classe

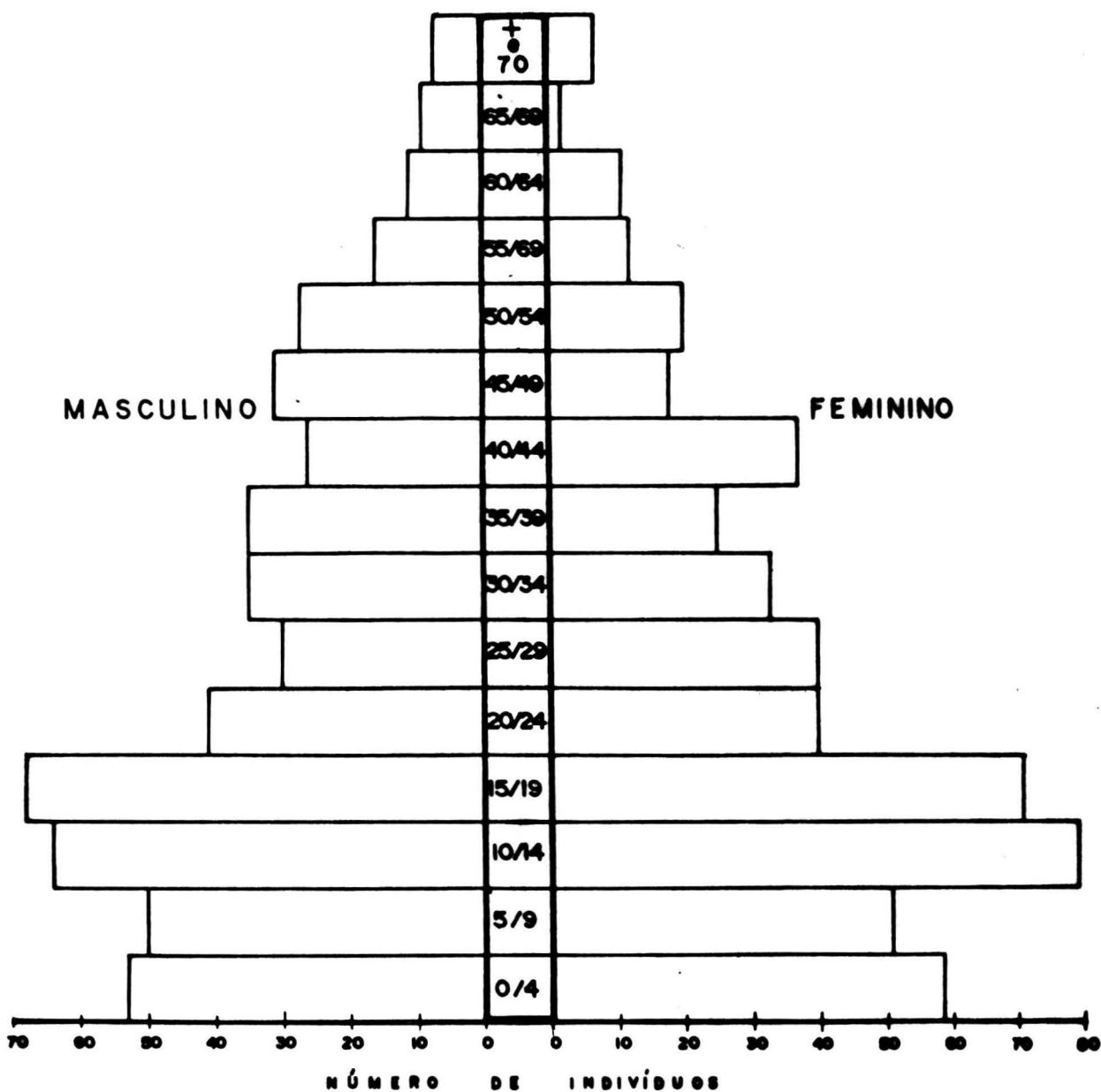
TABELA 6

CAIEIRAS: POPULAÇÃO ATIVA POR CLASSE DE IDADE E SEXO (Número de respostas)

BAIRROS POPULAÇÃO	CRESCIUMA	SERPA	V.ROSINA	LARANJEIRAS	J.VERA TEREZA	MELHORAMENTOS	TOTAL CAIEIRAS
MASC. 15/25							
Ativos	19	33	3	4	2	6	66
Inativos	18	7	-	6	2	-	36
MASC. 26/59							
Ativos	64	60	18	15	12	18	187
Inativos	15	2	1	-	-	5	23
MASC. 60 e +							
Ativos	2	1	1	1	-	2	7
Inativos	10	2	-	-	-	3	13
FEM. 15/25							
Ativos	20	17	4	-	2	-	47
Inativos	27	19	8	1	3	2	60
FEM. 26/59							
Ativos	30	12	6	2	2	4	58
Inativos	46	49	8	4	7	8	128
FEM. 60 e +							
Ativos	2	1	-	-	-	8	11
Inativos	4	2	1	-	1	4	12

FIGURA 11

CAIEIRAS : PIRÂMIDE DE IDADES



é mais expressiva a participação dos jovens na força de trabalho nas famílias mais pobres; c) quanto à participação da mulher na força de trabalho, é mais expressiva a atuação dos jovens do que das adultas; isto ocorre, obviamente, em virtude das últimas assumirem, em bem maior proporção, os encargos do casamento.

O estudo da repartição da população ativa pelos diferentes setores de atividade será feito no próximo capítulo.

Quanto à população velha, os bairros mais pobres, (notadamente a Vila Rosina) apesar de apresentarem pequena proporção nesse grupo, possuem uma quantidade significativa de pessoas idosas que ainda não saíram da força de trabalho. Evidentemente a baixa renda familiar obriga o prolongamento da idade de trabalhar. Caso contrário é o de Crescuma com elevada proporção de velhos e muitos deles vivendo de suas aposentadorias. Por sinal, é expressivo o número de aposentados da Cia. Melhoramentos que se mudaram para Crescuma (regra geral os de maior faixa salarial) ou para o Serpa (os de renda mais baixa).

Comparando-se os dados dos censos de 1960 e de 1970, observa-se uma tendência para a redução percentual da população infantil, o que se explica pela tendência nacional de redução das taxas de natalidade. A pirâmide de idades, em anexo, para 1976, também mostra essa tendência.

O CRESCIMENTO

O crescimento populacional de Caieiras é elevado, principalmente em períodos mais recentes como o demonstram os dados abaixo, transcritos do Plano Diretor da Prefeitura (PDDI, 1971):

TABELA 7

ANOS	POPULAÇÃO	% DE CRESCIMENTO
1940	5.105	-
1950	6.923	35,6
1960	9.405	35,9
1970	15.631	62,2

Em fins de 1975, se estimarmos a população, conforme já nos referimos, em 22.000 habitantes, teríamos obtido um elevado crescimento de 40% em apenas cinco anos. Essas médias situavam-se, geralmente, muito abaixo das que ocorriam na maioria dos municípios da GSP até a década de sessenta. A partir de então o ritmo de crescimento da população caieirense já está apresentando uma tendência para se aproximar das médias comuns a vários municípios da GSP. Mesmo assim, apesar de seu crescimento expressivo, esse índice é superior apenas ao de 13 municípios da GSP (inclusive o da capital) para o período 1960/70; nesse período, foram os seguintes os índices de crescimento para os municípios dos arredores: Franco da Rocha 48,4%; Francisco Morato 339,8%; Mairiporã 53,1%; Cajamar 62,1%; Santana de Parnaíba 3,5%. (Carlos, 1973:24).

Vejamos os fatores que atuaram no crescimento popu-

lacional:

CAIEIRAS: CRESCIMENTO DA POPULAÇÃO

(Taxas por mil habitantes)

- 1964/1970 -

TABELA 8

ANOS	NATAL.	MORTAL.	CRESC. VEGET.	MIGR.	TOTAL
1964	34,74	5,87	28,87	26,0	54,87
1965	30,90	4,69	26,21	29,0	55,21
1966	30,14	3,85	26,29	29,0	55,29
1967	25,54	5,65	19,89	36,0	55,89
1968	24,71	6,55	18,16	34,0	52,16
1969	23,64	6,09	17,55	34,0	51,55
1970	21,20	4,31	16,89	35,0	51,89

Fonte: PDDI, 1971.

De acordo com os dados da tabela acima, notamos que o fator primordial do crescimento da população do município é o crescimento migratório. Nota-se que as taxas de natalidade têm diminuído significativamente. A mortalidade, que, por sinal é bem inferior à média brasileira, também caiu. Contudo, já que a queda da taxa de natalidade é maior do que o decréscimo da mortalidade, o crescimento vegetativo diminuiu — ao contrário do que aconteceu para o conjunto da população brasileira, no mesmo período. Não obstante, essa redução no ritmo de crescimento natural foi largamente compensada pelos contingentes migratórios que passam a ser cada vez mais ponderáveis no crescimento da população de Caieiras.

Um último fato merece ser destacado quanto ao crescimento natural: apesar da redução das taxas de natalidade e

de mortalidade geral, as taxas de mortalidade infantil aumentaram. Os dados abaixo mostram essa tendência, que foi geral na Grande São Paulo.

MORTALIDADE INFANTIL - Taxas por mil nascidos vivos
(números aproximados)

TABELA 9

ANOS	CAIEIRAS	GSP (exceto capital)
1964	52	60
1965	42	67
1966	33	76
1967	63	78
1968	49	74
1969	71	90
1970	69	98

(Fonte: PDDI (1971:97) e Camargo et al., 1976:49)

Percebe-se que, embora com expressão numérica bem menor, o fenômeno segue a tendência ocorrida no conjunto dos municípios que circundam a capital. A explicação mais plausível para essa ocorrência, encontra-se na obra "São Paulo 1975 (Camargo et al) (1976:45-53), onde se demonstra que nesse período teria ocorrido uma redução no poder aquisitivo real da classe trabalhadora com a conseqüente queda do padrão alimentar e sanitário, refletindo-se no incremento da mortalidade infantil. Na época desses dados, instalou-se o Hospital Regional em Caieiras melhorando, evidentemente, a oferta no setor de assistência materno-infantil; mesmo assim, não foi possível contra-

riar a tendência ascendente da mortalidade infantil. Esse fato serve para corroborar a idéia de que a pura e simples assistência médica, ainda que atenuo o problema, não é uma solução.

Quanto à distribuição desse crescimento populacional pelos diferentes bairros, podemos apontar algumas indicações sumárias, com base na expansão das construções. Na primeira data da tabela, referente ao censo de 1940, a Cia. Melhoramentos abrigava uns 80% da população de Caieiras, Cresciuma pouco menos de 10%, ficando o restante para outras áreas rurais.

A partir dessa época, a população da Melhoramentos não aumentará mais, sendo o seu crescimento vegetativo compensado pela saída de pessoas, já que não se constroem mais casas. Assim, há uma certa rotatividade na população residente para compensar as saídas dos moradores que se aposentam ou adquirem casa própria. Provavelmente a população vai manter-se estabilizada em torno de 4.000 indivíduos.

No período 1940/50, Cresciuma responderá pelo essencial do crescimento da população caieirense. No período 1950/60 esse papel será compartilhado, também, pelo bairro do Serpa, então em início de povoamento. A partir da década de sessenta, outros bairros contribuirão para um crescimento com taxas cada vez mais elevadas.

MIGRAÇÕES

As transformações econômicas que têm ocorrido nas metrópoles, nas últimas décadas, notadamente em São Paulo, têm levado a um processo de concentração espacial de atividades, sobretudo no setor industrial e financeiro. Esse processo vincula-se, em grande parte, a todo um processo de concentração de renda. Assim sendo, São Paulo passou a constituir o mais importante centro de atração de populações de todo o país. A população que imigra graças ao poder de atração de São Paulo, não encontrando condições de se fixar no aglomerado urbano da capital — em virtude dos altos custos locacionais —, acaba por ocupar a faixa periférica. Os dados dos censos, particularmente os do censo de 1970, corroboram o fato de que a imigração é mais expressiva para os municípios periféricos da Grande São Paulo do que para a capital. Com efeito, enquanto 47,9% dos moradores da capital não eram naturais do município, para o conjunto da Grande São Paulo (eles) constituíam 56,8%; em Franco da Rocha, 69,8%; em Francisco Morato, 79,0%; em Mairiporã, 46,5% e em Cajamar, 61,1 por cento (Camargo et al. 1976: 31). Em Caieiras, os percentuais de pessoas não naturais por tempo de residência assim se distribuía: com menos de um ano, 10,3%; de 1 a 2 anos, 13,0%; de 3 a 5 anos, 6,8%; de 6 e mais, 26,7%; totalizavam, assim, os 56,8% de moradores não naturais do município. Para o conjunto da Grande São Paulo, os dados seriam os seguintes: menos de um ano, 5,1%; 1 a 2, 6,6%; 3 a 5, 7,0%; 6 e mais, 33,8%; total = 52,5 por cento. Percebe-se, portanto que, em relação à Grande São Paulo, a maior in-

tensidade do fenômeno migratório é bem mais recente em Caieiras (Ver a esse respeito as observações já referidas no item "Crescimento da população").

Se levássemos em conta apenas os chefes de família, esses percentuais sofreriam um grande aumento. Realmente, dos 213 chefes de família entrevistados, em 1976, cerca de 174 (ou seja, 81,6%) não eram naturais do município (cf. tabela 10 "Pessoas não naturais por tempo de residência - Chefes de família). Quanto aos dados referentes ao tempo de residência, a tabela se refere ao tempo de residência no município e não necessariamente no bairro; mesmo assim, percebe-se o caráter mais antigo da imigração em Crescuma e mais recente em Vila Rosina. No caso da Melhoramentos, temos dúvidas sobre a representatividade dos dados.

Voltemos aos dados do censo de 1970 para tecer algumas considerações em torno da origem da população. Dos 15.563 habitantes recenseados em Caieiras, apenas 264 não eram naturais do Brasil, ou seja, menos de 1,7% da população. Esses dados estão relacionados na tabela 11 referente à distribuição da população por nacionalidade.

Dentre os estrangeiros, os italianos são geralmente empregados aposentados da Melhoramentos; grande parte dos alemães e austríacos também pertencem ou pertenceram aos quadros da Melhoramentos; contudo, quase sempre desempenham funções técnicas; os espanhóis seguem, aproximadamente, o

TABELA 10

CAIEIRAS - PESSOAS NÃO NATURAIS POR TEMPO DE RESIDÊNCIA
(CHEFES DE FAMÍLIA)

(Fonte: Amostra da pesquisa - 1976)

BAIRROS ANOS	CRESCIUMA		SERPA		V.ROSINA		LARANJEIRAS		V.TEREZA		MELHORA- MENTOS		TOTAL CAIEIRAS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
até 1	1	1,2	2	2,7	2	11,1	-	-	1	8,3	-	-	6	2,8
1 a 2	-	-	1	1,4	1	5,6	-	-	-	-	-	-	2	0,9
2 a 3	1	1,2	5	6,8	2	11,1	-	-	1	8,3	-	-	9	4,2
3 a 4	1	1,2	3	4,1	1	5,6	-	-	2	16,7	-	-	7	3,3
4 a 5	3	3,7	2	2,7	1	5,6	-	-	1	8,3	-	-	7	3,3
5 a 6	-	-	3	4,1	4	22,2	-	-	1	8,3	-	-	8	3,8
6 a 7	-	-	1	1,4	2	11,1	1	7,1	-	-	2	14,3	6	2,8
7 a 8	2	2,4	5	6,8	2	11,1	-	-	-	-	-	-	9	4,2
8 a 9	1	1,2	4	5,5	-	-	-	-	2	16,7	1	7,1	8	3,8
9 a 10	3	3,7	4	5,5	1	5,6	1	7,1	1	8,3	2	14,3	12	5,6
10 e mais	49	59,8	32	43,8	1	5,6	9	64,4	3	25,0	6	42,9	100	46,9
TOTAL NÃO NATURAIS	61	74,4	62	84,9	17	94,4	11	78,6	12	100,0	11	78,6	174	81,6
TOTAL DE NATURAIS	21	25,6	11	15,1	1	5,6	3	21,4	-	-	3	21,4	39	18,4
TOTAL GERAL	82	100,0	73	100,0	18	100,0	14	100,0	12	100,0	14	100,0	213	100,0

mesmo padrão dos italianos; os portugueses, como ocorre em outras cidades brasileiras, destacam-se nas atividades comerciais. Os japoneses, que por sinal se apresentam em Caieiras, em proporção inferior ao padrão da Grande São Paulo, chegaram recentemente provenientes de Mairiporã e da capital.

TABELA 11

CAIEIRAS - POPULAÇÃO POR NACIONALIDADE (1970)

Brasileiros natos	15.299
Brasileiros naturalizados	40
Estrangeiros (total)	224
alemães	30
argentinos	9
austriacos	8
espanhóis	32
italianos	45
japoneses	6
libaneses	1
norte-americanos	2
portugueses	46
romenos	7
russos	1
sírios	1
uruguaios	1
outros	33

(FONTE: PDDI, cf. Censo de 1970).

Em seguida, ainda com base nos dados de 1970, transcrevemos outra tabela, desta vez referente à naturalidade da população caieirense por Estados de origem. (Tab. 12)

Como podemos observar pelos dados da tabela 12, o Estado de São Paulo ocupa o primeiro lugar na lista de naturalidade da população, com mais de 11.729 pessoas; dentre estas estão incluídos os caieirenses natos, que perfazem os 43,2% da população. Os paulistas constituem cerca de 75% da

população e os mineiros, 14,5%; em seguida, estão os baianos, com 2,1%; os pernambucanos, com 1,6%; os paranaenses, com 1,1% e os demais com uma participação inferior a 1% para cada Estado.

Em 1976, quando da aplicação de nosso questionário domiciliar, notamos que havia diminuído a proporção de caieirenses natos, passando a ser de aproximadamente 39,6% da população da amostragem da qual extraímos essa informação. Em que pese as limitações desses dados, é fora de dúvida que a imigração para Caieiras vem aumentando nesses últimos anos, conforme já havíamos observado anteriormente. Outro fato significativo é a diminuição da proporção de mineiros que, em 1970, contava com 2.260 indivíduos (14,5% da população) e passa a constituir, em 1976, apenas 9,3% da população da amostragem (101 pessoas). Em compensação, aumenta a percentagem de paulistas, que passa a corresponder a quase 84% da população; também aumenta, embora em pequena escala, a proporção de nordestinos. A tabela 13 sobre a "Naturalidade da População" elucida, inclusive a origem da população por bairros de residência. Corroborando os dados da tabela 10 referente aos chefes de família, notamos que Vila Rosina e Jardim Vera Tereza apresentam a menor proporção de população nascida no município (cerca de 19%) e Cresciuma a maior (49%).

No que se refere à população paulista que migrou para Caieiras, nota-se a importância dos indivíduos oriundos da capital. Convém lembrar, todavia, que esse número vê-se elevado pelas crianças de famílias caieirenses nasci-

das em maternidades da capital. Contudo, a parcela mais significativa desse conjunto é formada por jovens, nascidos principalmente em bairros periféricos da capital (Perus, Pirituba e outros), cujos pais migraram de outras áreas (notadamente de Minas Gerais e do Nordeste). Em seguida, avulta o número de pessoas que vieram dos municípios da "Bragantina", notadamente de Bragança Paulista, Piracaia, Atibaia e Pedra Bela (É curioso notar que muitos informantes disseram que esta última localidade pertenceria ao Estado de Minas Gerais.

TABELA 12

CAIEIRAS - NATURALIDADE DA POPULAÇÃO (1970)

N a t u r a l i d a d e	Homens	Mulheres
Amazonas	-	1
Pará	5	-
Amapá	1	-
Maranhão	16	2
Piauí	52	10
Ceará	51	15
Rio Grande do Norte	30	12
Paraíba	47	13
Pernambuco	191	69
Alagoas	47	29
Fernando de Noronha	1	-
Sergipe	25	7
Bahia	208	118
Minas Gerais	1.395	865
Espírito Santo	18	2
Rio de Janeiro	28	11
São Paulo	6.038	5.691
Paraná	109	63
Santa Catarina	60	4
Rio Grande do Sul	13	7
Mato Grosso	16	14
Goiás	8	5
Distrito Federal	1	1
T O T A L	8.360	6.939

FONTE: PDDI, cf. Censo de 1970

TABELA 13

CAIEIRAS: NATURALIDADE DA POPULAÇÃO

Bairros	Cresciuma		Serpa		V. Rosina		Laranjeiras		J.Vera Tereza		Melhoramentos		TOTAL-CAIEIRAS	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Caieiras	178	49,3	147	42,1	15	11,9	24	39,3	11	21,6	30	44,1	405	39,6
Franco da Rocha	6	1,6	5	1,4	-	-	7	11,5	6	11,8	-	-	24	2,3
Mairiporã	2	0,5	10	2,8	-	-	2	3,3	-	-	-	-	14	1,4
Santana do Parnaíba	7	1,9	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1,5	8	0,8
São Paulo-Capital	46	12,7	43	12,2	46	36,5	13	2,3	2	3,9	10	14,7	160	15,6
Grande SP-outros	5	1,3	12	3,4	4	3,2	-	-	1	2,0	-	-	22	2,2
Jundiaí	12	3,3	14	4,0	-	-	-	-	-	-	1	1,5	27	2,6
Mun.da Bragantina	24	6,6	31	8,8	-	-	1	1,6	5	9,8	1	1,5	62	6,1
São Paulo-outros	48	13,2	40	11,4	25	19,8	1	1,6	9	17,6	13	19,1	136	13,3
Minas Gerais	28	7,7	28	8,4	13	10,3	5	8,2	15	29,4	12	17,6	101	9,9
Sudeste-Outros	-	-	2	0,2	3	2,4	-	-	1	2,0	-	-	6	0,6
Sul	1	0,2	2	0,5	1	0,8	-	-	2	3,9	-	-	4	0,4
Bahia	-	-	10	2,8	9	7,1	-	-	-	-	-	-	19	1,9
Pernambuco	3	0,8	1	0,2	7	5,6	8	13,1	-	-	-	-	19	1,9
Nordeste-Outros	1	0,2	2	0,5	3	2,4	-	-	3	5,9	-	-	9	0,9
Outros	1	0,2	3	0,8	-	-	-	-	-	-	-	-	5	0,5
T O T A L	361		350		126		61		57		68		1023	100

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976.

Os bragantinos, via de regra, correspondem às gerações mais velhas. Quanto aos outros municípios de São Paulo, há uma grande dispersão de casos; contudo, merecem um certo destaque as cidades da Mogiana, principalmente no que se refere às migrações mais antigas. Quanto à contri-buição dos municípios vizinhos, o papel de Franco da Rocha é bastante sensível no Jardim Vera Tereza que, como vimos, está situado muito próximo a Franco da Rocha servindo - se deste município não só como escala intermediária nas migrações, como também, utilizando-se de sua maternidade. A contribuição dos outros municípios da Grande São Paulo não é muito expressiva; corresponde, no entanto, a um dos "elos" da cadeia das migrações.

Ao Estado de Minas Gerais cabe um papel fundamental no processo migratório para Caieiras; por essa razão voltamos a enfatizar a sua importância. É sabido que, nas décadas de quarenta a sessenta, Minas (seguido pela Bahia), foi o Estado que mais contribuiu com imigrantes para São Paulo. Para Caieiras isto também é válido. Os mineiros que se deslocaram para Caieiras vieram, principalmente, do Sul de Minas, podendo-se destacar os municípios de Pouso Alegre, Toledo, Consolação e Camanducaia (Neste último a Companhia Melhoramentos possui uma filial, a já citada "fazenda florestal", o que justifica o fato de muitos dos moradores da Melhoramentos serem oriundos da Camanducaia). Esta procedência é bastante expressiva nas migrações das gerações mais velhas. Ultimamente, apesar da diminuição da chegada de mineiros, tem ocorrido uma maior diversificação de suas

áreas de origem.

Os nordestinos, que até a década de sessenta, vinham quase que exclusivamente da Bahia, posteriormente, ampliaram o seu número e origem, embora com maior destaque para a Bahia e Pernambuco. Dos 361 indivíduos da amostragem de Cresciuma, apenas 4 eram nordestinos (1%); para o Serpa o percentual era de 3,5% ; em Vila Rosina 15,1% ; e em Laranjeiras 13,1% . Como se percebe, a imigração nordestina não só é mais recente como também se dirige, preferencialmente, para os bairros mais pobres.

Nas migrações provenientes da Zona Bragantina (sub-região de Bragança Paulista da Região Administrativa de Campinas, da divisão regional adotada pelo Governo do Estado de São Paulo) e lindes de Minas Gerais, a ferrovia desempenhou um papel fundamental. A reprodução anexa do trecho da "Carta do Brasil ao Milionésimo" (Fig. 2), permite observar os traçados ferroviários de interesse para a área caieirense. A Estrada de Ferro Bragantina (extinta em meados da década de sessenta), ligava-se à Estrada de Ferro Santos a Jundiaí na estação de Campo Limpo, que era ponto de baldeação em virtude da diferença de bitolas. A linha tronco da bragantina ia até Vargem (na divisa mineira) através de Bragança Paulista (que sediava a empresa); havia ainda o ramal de Piracaia (via Atibaia). Essa ferrovia teve importante função no transporte de pessoas e mercadorias da bragantina para a capital afetando, inclusive a área caieirense. Os vínculos da zona bragantina com Caieiras esmoreceram quando ocorreu a pavimentação da rodovia São Paulo - Belo Ho

rizonte (que passa muito distante de Caieiras e nem tem ligação direta) e simultânea decadência da ferrovia bragantina.

A Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (com ponto inicial em Campinas), parece ter desempenhado um papel de menor importância (se comparada à Estrada de Ferro Bragança Paulista), mas foi um dos meios empregados, principalmente, nas migrações dos mineiros. Vale notar, contudo, que algumas localidades mineiras fornecedoras de povoadores para Caieiras situam-se à certa distância das ferrovias, como é o caso de Extrema, Camanducaia, Cambuí e Consolação.

A Companhia Paulista de Estradas de Ferro, também com ponto inicial em Campinas, articulava-se com a Estrada de Ferro Santos a Jundiaí em Jundiaí; dotada da mesma bitola que a "EFSJ", suas composições trafegavam até a capital. Alguns moradores de Caieiras são oriundos do trecho compreendido entre Jundiaí e Campinas (que abrange Vinhedo, Itatiba e Valinhos, por exemplo). Além desse setor mencionado a "Paulista" não parece ter exercido muita influência na vinda de pessoas para Caieiras.

Escusado salientar o papel da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí no transporte dos imigrantes estrangeiros desde o porto de Santos.

As migrações que se desenvolveram a partir da década de sessenta passaram a utilizar basicamente a circulação rodoviária, como ocorreu em todo o país, embora a Estrada de Ferro Santos a Jundiaí ainda tenha uma certa importância no seu trecho suburbano.

Em nosso inquérito domiciliar perguntamos, também, a respeito da origem dos pais dos entrevistados. Muitas dessas respostas foram prejudicadas ou simplesmente não foram dadas e obtivemos apenas 354 informações. Esses dados, que serviram para elaborar a tabela 14 "Naturalidade dos pais dos chefes de família" nos dão indicações a respeito da geração anterior e servem para corroborar algumas das tendências gerais das migrações passadas. Contudo a tabela deve ser interpretada à luz de outras informações, já fornecidas, pois, evidentemente, apenas uma pequena parte dos indivíduos nela relacionados residem (ou residiram) em Caieiras. Como já dissemos, esses elementos nos permitem algumas indicações a saber:

a) Chama a atenção o pequeno percentual de caieirenses (7,3%) e que é mais elevado em Cresciúma e Melhoramentos (mais de 12%) e inexistente em Vila Rosina e Laranjeiras. É pouco expressiva, também, a contribuição dos municípios vizinhos, a não ser, talvez, a participação de Santana de Parnaíba, tradicional área de emigração.

b) O predomínio da participação paulista (56% do total), embora com expressão modesta em Vila Rosina, Laranjeiras e Vera Tereza. Nesse conjunto, destacam-se os bragan-tinos. A eles seguem-se os naturais de Jundiá, Itatiba e Caconde (os dois últimos estão englobados na linha "outros" de São Paulo).

c) A importância da presença estrangeira; estes que constituem 16,7% da população da tabela são mais ex-

TABELA 14

CAIEIRAS - NATURALIDADE DOS PAIS DOS CHEFES DE FAMÍLIA

Bairros Naturalidade	Cresciuma		Serpa		V. Rosina		Laranjeiras		J.Vera Tereza		Melhoramentos		T O T A L CAIEIRAS	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Caieiras	17	12,1	5	4,4	-	-	1	5,9	-	-	3	12,5	26	7,3
Franco da Rocha	-	-	-	-	-	-	-	-	2	8,3	-	-	2	0,6
Mairiporã	-	-	6	5,3	-	-	-	-	-	-	-	-	6	1,7
Santana do Parnaíba	6	4,3	1	0,9	-	-	-	-	-	-	1	4,2	8	2,3
São Paulo-Capital	3	2,1	9	8,0	4	11,1	1	5,9	1	4,2	-	-	18	5,1
Jundiaí	5	3,6	2	1,8	-	-	-	-	-	-	-	-	7	2,0
Mun.Bragantina	17	12,1	21	18,6	2	5,6	3	17,6	3	12,5	2	8,3	48	13,6
São Paulo-Outros	44	31,4	16	14,2	7	19,4	2	11,8	5	20,8	9	37,5	83	23,4
Minas Gerais	17	12,1	22	19,5	5	13,9	4	23,5	9	37,5	7	29,2	64	18,1
Sul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4,2	1	0,3
Nordeste	-	-	9	8,0	16	44,4	2	11,8	4	16,7	-	-	31	8,8
Outros	-	-	1	0,9	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,3
Exterior: Itália	10	7,1	10	8,8	-	-	1	5,9	-	-	1	4,2	22	6,2
Portugal	8	5,8	6	5,3	1	2,8	2	11,8	-	-	-	-	17	4,8
Outros	13	9,3	5	4,4	1	2,8	1	5,9	-	-	-	-	20	5,7
T O T A L G E R A L	140	100	113	100	36	100	17	100	24	100	24	100	354	100

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976.

pressivos em relação à população da amostragem de Cresciuma (22,2%) e do Serpa (18,5%), sendo nulos em Vera Tereza. Dentre eles destacam-se os italianos seguidos pelos portugueses, espanhóis, alemães e austríacos.

d) É grande a importância dos mineiros — 18,1% do conjunto. Dentre eles, muitos efetivamente vieram fixar-se sobretudo em Cresciuma (e talvez no Serpa) e Melhoramentos, quase sempre oriundos de localidades próximas à divisa com a Sub-região de Bragança. Os demais, interessando aos outros bairros, são nascidos em muitos outros municípios e, na sua maioria, não vieram para Caieiras.

e) O destaque para os nordestinos (convém lembrar que os números são relativos...) é devido aos ascendentes dos moradores de Vila Rosina e também de Vera Tereza (Nota-se o índice nulo de Cresciuma).

Poderíamos tentar estabelecer uma periodização aproximada dos movimentos migratórios para Caieiras, nos seguintes termos:

a) Na primeira fase, que vai dos fins do século XIX até a década de 1930, ao pequeno (numericamente) substrato caipira veio juntar-se, nas terras da Melhoramentos, o imigrante estrangeiro, representado, principalmente, pelo italiano como também pelo português e espanhol e, em menor escala, pelo elemento germânico.

b) A partir da década de trinta (como de sorte em toda São Paulo) predomina o elemento nacional. Nessa década

cada, que corresponde à abertura do bairro de Cresciúma (cf. capítulo "A Evolução do Uso do Solo") é grande o afluxo de paulistas da Bragantina e de mineiros e, em menor proporção, de naturais da Mogiana e de outras áreas do Estado. Segundo informações coevas (Lanzac, 1976), essas migrações relacionam-se à crise e à decadência do café nessas áreas. Assim, o período de 1930 até meados da década de cinquenta, é uma fase de predomínio dos mineiros e seus vizinhos bragantinos.

c) O período de meados de cinquenta até a década de setenta começa a apresentar a chegada dos baianos e elementos de outras áreas.

d) O período que vai da década de setenta aos dias de hoje apresenta não só uma maior diversificação nas migrações (de acordo com o que ocorre em toda a Grande São Paulo), como também conta com volumes bem maiores de pessoas. Uma característica importante, comum aos dois últimos períodos citados (embora com maior intensidade nos últimos anos) é o fenômeno da migração por etapas em que elementos oriundos principalmente do Nordeste, fixaram-se em Caieiras após sucessivas mudanças. Nestas (várias mudanças) destacam-se, além de outras áreas do Estado e da periferia da capital, o Paraná e Rio de Janeiro, segundo dados que obtivemos nas entrevistas com os moradores.

Não cabe aqui uma discussão em torno das causas das migrações, pois é sabido que a motivação básica desses deslocamentos, pelo menos no que se refere à área em pauta,

é de índole econômica. As relações de parentesco e de amizade funcionam como importante elemento na fixação dos imigrantes, como já o demonstraram outros estudos, a exemplo da dissertação de mestrado de Maria Niédja L. de Oliveira (1972: 31). Nesse sentido, os dados do questionário domiciliar nos permitiram organizar, para Caieiras, as tabelas 15 e 16. Embora os dados da tabela 15 se refiram à "tomada de conhecimento da atual residência" afetando, inclusive, as mudanças entre diferentes bairros do município, eles nos dão uma corroboração segura do que afirmamos anteriormente, demonstrando o papel dos parentes e amigos como pessoas que contribuem, decisivamente, para a escolha do local de moradia. A tabela seguinte (16), que se refere ao número de parentes e amigos que mudaram para Caieiras após a vinda da família do entrevistado, enfatiza o papel exercido pelas pessoas que servem como fonte de notícias e referências para a atração de outros imigrantes.

Quando do estudo do crescimento populacional de Caieiras, no capítulo anterior, vimos que a imigração tem representado, numericamente, uma importância maior que o crescimento vegetativo. Já a emigração, não parece ter importância como demonstram as cifras do referido item. O número de pessoas que se mudaram de Caieiras é muito pequeno. Na tabela 17 e na figura 12, com base nos questionários domiciliares, compilamos informações a respeito dos "filhos ausentes". Os dados dizem respeito aos filhos dos entrevistados que "sairam de casa", ou ainda, em certos casos

TABELA 15

CAIEIRAS - TOMADA DE CONHECIMENTO DA ATUAL RESIDÊNCIA
(número de respostas)

(Fonte: Amostra da Pesquisa - 1976)

MOTIVOS DA ESCOLHA \ BAIROS	CRESCIUMA	SERPA	V.ROSINA	LARANJEIRAS	V. TEREZA	MELHORA- MENTOS	TOTAL CAIEIRAS
1. Propaganda em jornal	1	1	-	-	-	-	2
2. Propaganda da construtora	5	5	5	-	1	-	16
3. Parentes	21	24	6	6	2	4	63
4. Amigos	36	24	6	2	7	-	75
5. Sindicato	7	1	-	-	-	-	8
6. Passando pelo local	2	9	1	1	-	-	13
7. Outros	8	2	-	-	2	9	21
8. Não declarados	2	7	-	5	1	2	17

TABELA 16

NÚMERO DE PARENTES E AMIGOS QUE MUDARAM PARA CAIEIRAS APÓS A VINDA DA FAMÍLIA DO DOMICÍLIO DO ENTREVISTADO

Bairros Nº de respostas	Cresciuma	Serpa	Vila Rosina	Laranjeiras	Jardim Vera Tereza	Melhoramentos	TOTAL Caieiras
Parentes	25	27	3	4	4	5	68
Amigos	8	20	3	4	4	3	42
Total	33	47	6	8	8	8	110
Sem resposta	49	26	12	6	4	6	103
TOTAL GERAL	82	73	18	14	14	14	213

FONTE: Amostra da pesquisa - 1976

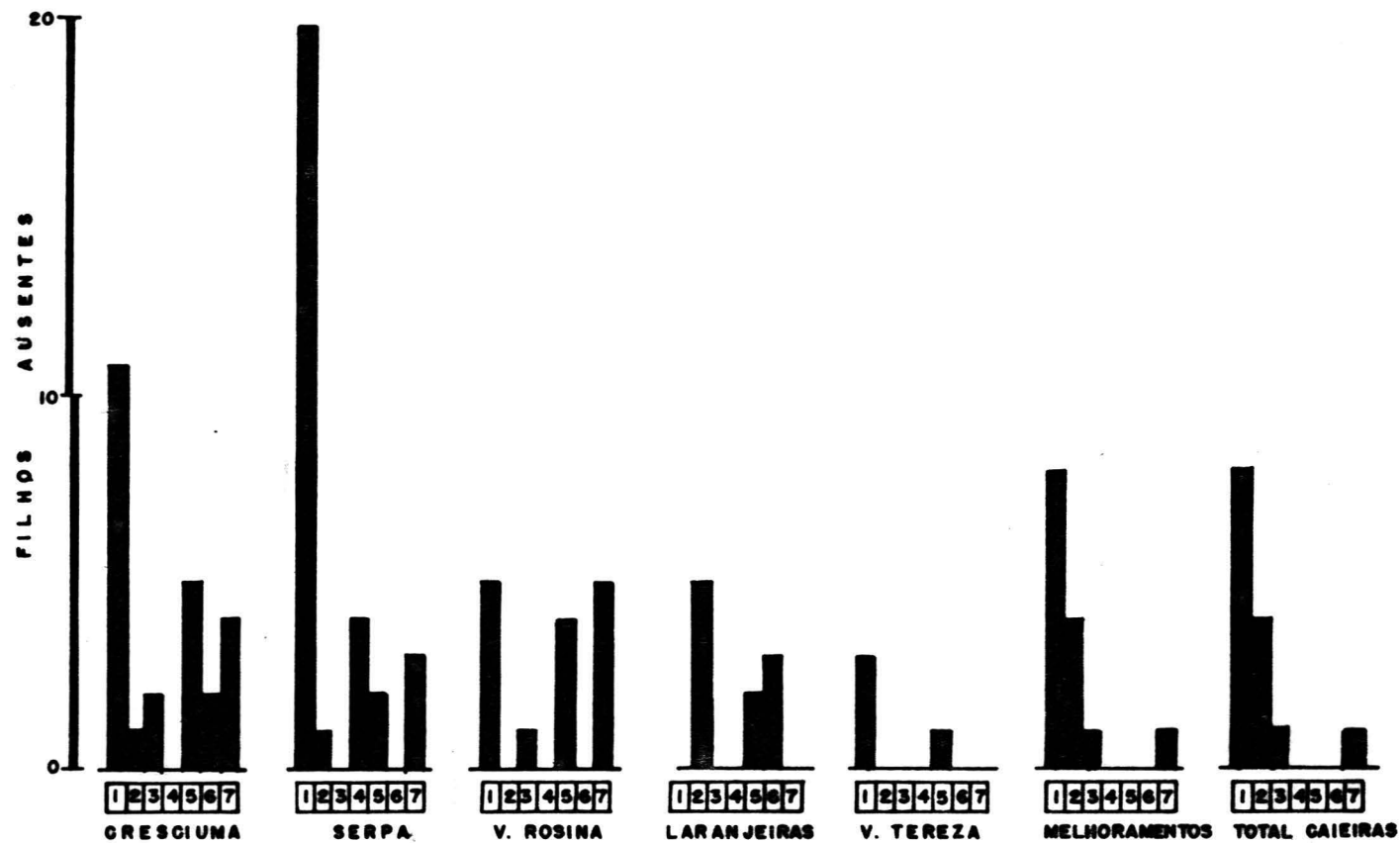
TABELA 17

CAIEIRAS - LOCALIZAÇÃO DOS FILHOS AUSENTES (NÚMERO DE RESPOSTAS)

Bairros de origem Locais de destino	Cres- ciuma	Serpa	V. Ro- sina	Laran- jeiras	Vera Tereza	Melhora- mentos	TOTAL CAIEIRAS
Caieiras	14	19	5	-	3	8	49
Franco da Rocha	2	-	1	-	-	1	4
Perus - SP	1	1	-	5	-	-	11
Pirituba - SP	-	4	-	-	-	-	4
São Paulo -SP(outros)	5	2	4	2	1	-	14
Outros da Grande São Paulo	2	2	-	3	-	-	5
Outros	4	3	5	-	-	1	13
TOTAL	28	29	15	10	4	14	100

(FONTE: Amostra da pesquisa - 1976)

CAIEIRAS- LOCALIZAÇÃO DOS FILHOS AUSENTES



- 1 CAIEIRAS
- 2 PERUS - SP
- 3 FRANGO DA ROCHA
- 4 PIRITUBA - SP

- 5 SÃO PAULO - SP
- 6 OUTROS DA GRANDE SÃO PAULO
- 7 OUTROS

(como acontece em Vila Rosina), abrange os filhos que não vieram para Caieiras junto com o restante da família. A grande maioria dessas "ausências" é resultante do casamento e conseqüente formação de nova unidade domiciliar. É muito significativo o fato, demonstrado pela tabela 17 que 49% das respostas correspondem aos filhos que moram em outra casa no município de Caieiras, o que demonstra um expressivo poder de fixação dessas populações. Saliente-se, também, a mudança para outras áreas da periferia da capital nas proximidades de Caieiras e no mesmo eixo ferroviário ou rodoviário, como é o caso de Perus e Pirituba. Mesmo no item "São Paulo - outros", esse fenômeno ainda é expressivo, pois esses dados incluem pessoas que foram residir em Jaraguá, Freguesia do Ó, Piqueri e arredores.

GRAU DE INSTRUÇÃO

Segundo dados da Prefeitura (PDDI, 1971), compatibilizando resultados do censo de 1970 com levantamento efetuado pelo Mobral, dos 13.590 indivíduos com mais de 5 anos de idade, cerca de 10.498 sabiam ler e escrever; portanto, o índice de analfabetos seria inferior a 25%. Segundo o mesmo critério, o município de São Paulo apresentava uma taxa de 27% de analfabetos, Carapicuíba 31%, Guarulhos 29%, para citar apenas os mencionados por Attadia da Motta (1975:89-90).

Na amostragem de nosso inquérito domiciliar, constatamos, em 1976, no que se refere à população adulta (cf. tabelas 18 e 19 e figura 13) cerca de 15% de analfabetos para o sexo masculino e 18% para as donas de casa. Contudo, se considerássemos apenas a população com idade superior a 50 anos, o índice ultrapassaria os 50%, segundo dados do Mobral.

É sabido que as novas gerações apresentam níveis de escolarização mais altos do que as mais velhas, em virtude da expansão da rede escolar. Esse progresso do nível educacional não reflete, necessariamente, maiores possibilidades de ascensão social para os pobres, mas resulta, na verdade, de uma adaptação às novas exigências da divisão social do trabalho.

"(...) O sistema educacional, nas sociedades urbano-industriais, tem uma significação importante nas oportunidades de trabalho. A criança ou jovem que não pode frequentar a escola, ou que precisa abandoná-la terá menores possibili-

dades de exercer no futuro uma série de ocupações que exigem conhecimentos prévios. O futuro profissional já se encontra em grande medida traçado e comprometido, durante o período de escolarização.

Não obstante o aumento do número de crianças e jovens que frequentam escola em São Paulo, ainda há muitos que devem interromper seus estudos prematuramente. Há mesmo alguns dados que indicam uma relativa deterioração dos níveis elementares do ensino na Grande São Paulo (...)"

(Camargo et alii, 1976:90-91)

No outro extremo, no que diz respeito aos cursos superiores, a proporção de maridos graduados corresponde ao dobro das esposas (3,8% para 1,8%). Como seria de esperar, a relação entre a renda do chefe de família e o grau de instrução demonstra que os níveis mais baixos de instrução correspondem à mais baixa renda. Contudo, quanto ao nível superior, não mais acontece o que ocorria no passado, quando a educação superior era apanágio dos ricos. Das doze pessoas da amostragem com curso superior (8 homens), metade pertence à faixa salarial "média" (4 a 9 salários mínimos mensais) e a outra metade à faixa "alta" (mais de 9 salários mínimos), conforme demonstra a tabela "renda e grau de instrução", a proximidade da capital e a proliferação de cursos superiores permitiu o acesso à educação de terceiro grau aquela faixa da classe média antes sem condições. Por sinal, dentre os portadores de diplomas de graduação, situados na faixa de renda média, predominam os professores e advogados; na faixa alta os engenheiros. Se por um lado houve uma democratização do acesso ao ensino superior, por outro lado, é de se perguntar se não estaria havendo um processo de proletarização dos profissionais de nível superior com relação à maioria dos cursos pertencentes às ciências Humanas.

Já vimos que as mulheres adultas apresentam níveis de

CAIEIRAS - GRAU DE INSTRUÇÃO DO CÔNJUGES
(número de respostas)

(Fonte: Amostra da Pesquisa - 1976)

TABELA 18

INSTRUÇÃO \ BAIRO	CRESCIUMA		SERPA		V. ROSINA		LARANJEIRAS		V. TEREZA		MELHORAMENTOS		TOTAL CAIEIRAS	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
SEM INSTRUÇÃO	7	8	11	11	7	9	3	3	1	2	5	6	34	39
ELEMENTAR	59	59	46	50	11	9	8	7	9	10	6	6	139	141
MÉDIO	9	10	7	4	-	-	-	1	-	-	1	1	17	16
SUPERIOR	6	4	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	8	4
NÃO DECLARADA	1	1	8	6	-	-	3	3	1	-	1	-	14	10

CAIEIRAS - GRAU DE INSTRUÇÃO DO CÔNJUGES

(percentagem de respostas)

(Fonte: Amostra da Pesquisa - 1976)

TABELA 19

BAIRRO \ INSTRUÇÃO	CRESCIUMA		SERPA		V. ROSINA		LARANJEIRAS		V. TEREZA		MELHORAMENTOS		TOTAL CAIEIRAS	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
SEM INSTRUÇÃO	8,5	9,7	15,1	15,5	38,9	50,0	21,4	21,4	9,1	16,7	35,8	46,1	16,0	18,6
ELEMENTAR	72,0	72,0	63,0	70,4	61,1	50,0	57,2	50,0	81,8	83,3	42,9	46,1	65,6	67,0
MÉDIO	11,0	12,1	9,6	5,6	-	-	-	7,2	-	-	7,1	7,7	8,0	7,6
SUPERIOR	7,3	5,0	1,4	-	-	-	-	-	-	-	7,1	-	3,8	2,0
NÃO DECLARADA	1,2	1,2	10,9	8,5	-	-	21,4	21,4	9,1	-	7,1	-	6,6	4,8

escolarização (cf. tabela) inferiores ao dos homens. Não obstante, no que se refere à relação entre educação e trabalho, repete-se, em Caieiras, aproximadamente o fato apontado pelos autores de "São Paulo 1975 Crescimento e Pobreza", que abaixo transcrevemos:

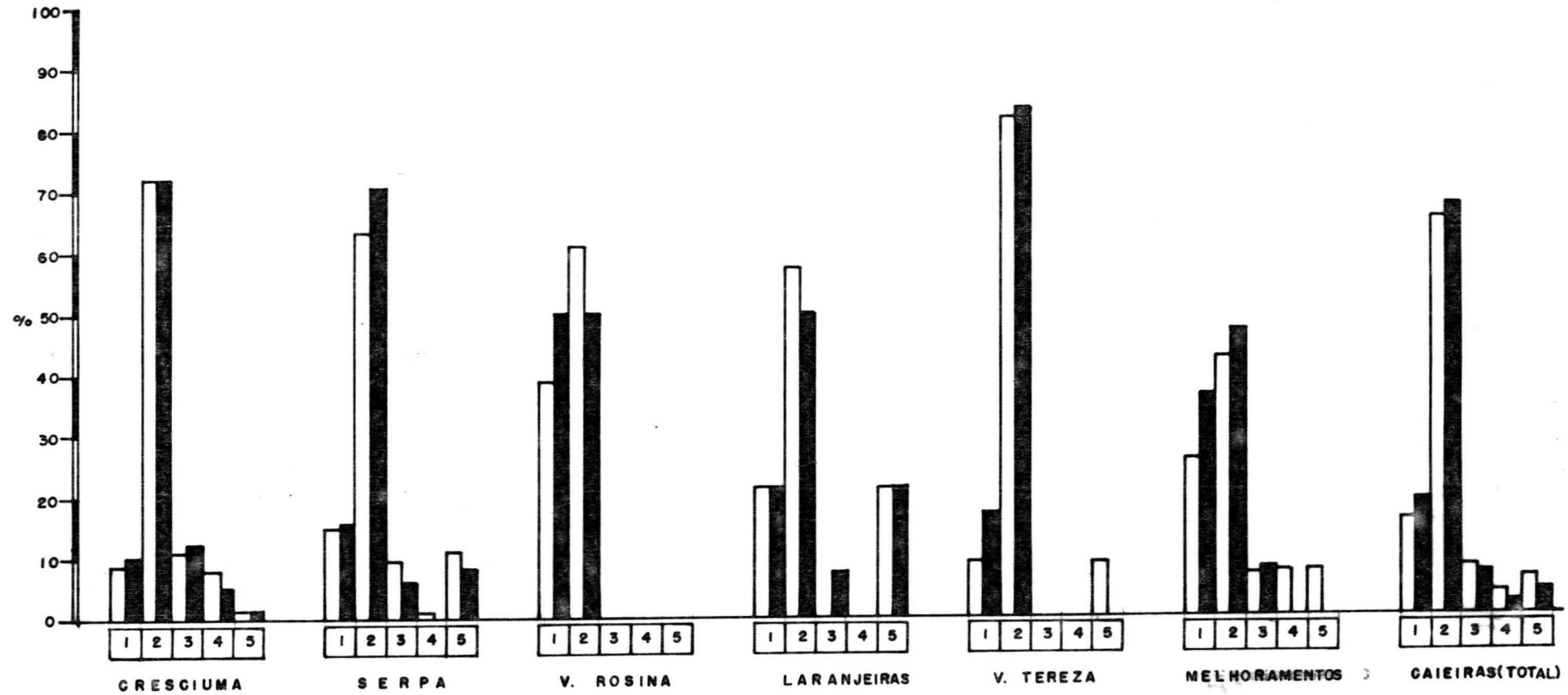
"(...) As mulheres que trabalham apresentam um nível de escolarização mais elevado do que a mão de obra masculina: 21% possuem o 1º ciclo - contra 19% dos homens -; 14% o 2º ciclo - contra 8% dos homens -; e 9% o curso superior, ao passo que são 7% dos homens que trabalham têm tal nível de formação (...) Esses dados sugerem que a mulher consegue, em parte, superar as barreiras do mercado de trabalho quando, em comparação com os homens, apresenta maior nível escolar. (...) Em outros termos, nas ocupações em que se requer maior grau de escolarização, as empresas preferem admitir mulheres, pois podem empregá-las a preços inferiores aos que pagam para o contingente masculino, dada a inoperância dos preceitos legais que asseguram a igualdade de remuneração para ambos os sexos. Por outro lado, com exceção do emprego doméstico, tradicionalmente uma atividade feminina, nas ocupações de baixa qualificação - onde a escolaridade não é requisito importante e o salário está próximo ao mínimo, sendo reduzidas as possibilidades de se pagar menos à mulher - prevalece a preferência pela mão-de-obra masculina."

(Camargo, et al 1976:87-90)

No que se refere ao grau de instrução das populações dos diversos bairros caieirenses de acordo com a tabelas 18 e 19 e figura 13, a existência de claros nas colunas dos bairros mais pobres: Vila Rosina e Jardim Vera Tereza; neles, nenhum adulto ultrapassou o nível elementar de instrução. O fato quase se repetira em Laranjeiras, não fora a presença de uma mulher da amostragem que apresentou grau "médio" de escolarização. No outro extremo, Cresciúma conta com 10 dos 12 adultos que declararam possuir diploma de curso superior, cabendo um ao Serpa e outro à Melhoramentos. Levando em conta os dados da

FIGURA 13

CAIEIRAS - GRAU DE INSTRUÇÃO DOS CÔNJUGES



LEGENDA

1 SEM INSTRUÇÃO

2 ELEMENTAR

3 MÉDIO

4 SUPERIOR

5 NÃO DECLARADA

HOMEM

MULHER

FONTE: AMOSTRA DA PESQUISA - 1976

tabela, de acordo com a maior ponderabilidade dos níveis mais altos de escolarização, poderíamos estabelecer uma hierarquia dos bairros - do mais "instruído" para o de menor grau de instrução na seguinte ordem: 1º) Cresciuma, 2º) Serpa, 3º) Melhoramentos, 4º) Laranjeiras, 5º) Vera Tereza, 6º) Vila Rosina.

DISPONIBILIDADE DE BENS DE CONSUMO DURÁVEIS

Na tab.20, de acordo com a amostragem da pesquisa, cerca de 85% dos domicílios possuem rádio e televisão. Para os televisores, o índice mais alto é o de Cresciuma (97%) e o mais baixo o de Vila Rosina (apenas 33%). Esse contraste, que se verifica entre o bairro mais rico e o mais pobre, seria de se esperar, inclusive devido ao fato de que metade das casas de V.Rosina não dispõem de eletricidade. Contudo, se observarmos os índices de propriedade domiciliar de geladeiras, o contraste fica mais agudo: 96% contra 5%! Ora, a geladeira seria um equipamento doméstico prioritário que se ligaria diretamente ao regime alimentar (Attadia da Motta, 1975: 24). Para M.R. Carlos (1973: 50), a importância dos televisores entre as classes de baixos salários demonstra como os meios de comunicação penetraram entre elas "em detrimento de uma melhoria de suas condições de subsistência".

Paul Singer (1977:178), baseando-se em pesquisa do DIEESE sobre "a família assalariada: padrão e custo de vida", menciona que em 1970, só a televisão absorvia 42% do total dos gastos com equipamento doméstico, na capital paulista, entre as famílias de renda mais baixa. Além disso, as despesas com equipamento doméstico que representavam 3% do orçamento doméstico operário em 1958, passaram à casa dos 6,5% em 1970. Este fenômeno teria ocorrido em detrimento do consumo não só de alimentos,

"(...) mas também de vestuário, de assistência à saúde, de produtos e serviços de higiene pessoal e até de produtos de limpeza doméstica. Em última análise, a classe operária para adquirir certos serviços e 'novos produtos' é obrigada a comer menos e a cuidar menos da saúde, da higiene pessoal e da limpeza doméstica. Não será exagero afirmar que o impacto dos 'novos produtos', face à redução do salário real, produziu verdadeira degeneração do padrão de vida operário em São Paulo. O aumento resultante da desnutrição e a piora das condições de higiene explicam, entre outras coisas, o nítido aumento da mortalidade infantil em São Paulo, de 70,0 em 1958 para 83,8 em 1969 (por mil nascidos vivos)" (Singer 1977:179)

Vê-se, portanto, que há todo um consumismo resultante da publicidade que afeta principalmente a população mais carente, em que a posse desses objetos representa um sinal de **status**. Não obstante, julgamos que outros fatores também influenciam para que essas populações adquiram esses **gadgets** de alienação. Dentre eles, podemos destacar o fato de que há crédito de longo prazo para a sua aquisição (o que não ocorre para os gêneros alimentícios...). Voltaremos ao assunto posteriormente, no item **lazer**.

Do ponto de vista do consumo, sob certos aspectos, o papel desempenhado pela televisão junto aos estratos médio e inferior da população é representado pelo automóvel junto ao estrato superior (Camargo et al. 1976:77).

Quanto à proporção de automóveis por domicílio, os domicílios de nossa amostragem apresentam um alto índice: 30,4%. Cumpre salientar que sob a denominação **automóvel** incluímos em nossa tabela os veículos de carga (caminhão e similares) e táxis. Este é o caso da totalidade dos veículos de Laranjeiras e Jardim Vera Tereza e de metade do índice do Serpa. Mais uma vez o índice mais elevado é o de Cresciuma (superior a 40%),

TABELA 20

CAIEIRAS - DISPONIBILIDADE DE BENS DE CONSUMO
EM PERCENTAGEM DOS DOMICÍLIOS DE CADA BAIRRO

(Fonte: Amostra de pesquisa - 1976)

BAIRRO EQUIPAMENTOS	CRESCIUMA	SERPA	V.ROSINA	LARANJEIRAS	V.TEREZA	MELHORA- MENTOS	TOTAL CAIEIRAS
Televisão	97,56	93,15	33,33	71,42	50,00	85,71	85,04
Rádio	89,02	87,67	66,66	92,85	66,66	85,71	85,04
Geladeira	96,34	73,97	5,55	21,42	41,66	78,57	71,49
Enceradeira	80,48	47,94	- -	28,57	25,00	50,00	53,77
Aspirador	12,19	- -	- -	7,14	- -	14,28	6,07
Liquidificador	93,90	61,64	11,11	50,00	25,00	50,00	65,88
Máquina de lavar	30,48	- -	- -	14,28	- -	21,42	14,01
Toca-discos	51,21	26,02	- -	28,57	16,66	50,00	34,57
Batedeira	45,12	10,95	- -	21,42	- -	21,42	23,83
Ventilador	41,46	8,21	- -	7,14	8,33	21,42	20,56
Aquecedor	12,19	- -	- -	- -	- -	- -	4,67
Máquina de costura	85,36	61,64	16,66	71,42	8,33	71,42	64,95
Automóvel	41,46	30,13	- -	21,42	8,33	35,71	30,37

onde efetivamente predominam os automóveis de passeio. Na amostragem de Vila Rosina não ocorre nenhum veículo.

Para a aquisição do carro, influenciam, além dos fatores já citados, a má qualidade dos transportes coletivos e os problemas de acessibilidade de certas áreas (principalmente as mais acidentadas) que quase transformam o automóvel de um produto de luxo (supérfluo) em um bem de produção.

RENDA

A importância da renda auferida pelas populações é fundamental para a compreensão de muitos dos fenômenos aqui estudados. Assim, encontramos uma relação nítida entre a renda e a qualidade e quantidade do uso de muitos bens e serviços, bem como de sua diferenciação espacial. Sem querermos cair no óbvio, é bom lembrar que os lotes dos bairros dotados de melhor infraestrutura urbana costumam mais caro... Há toda uma "lógica da especulação imobiliária" (cf. artigo de título homônimo de Ariovaldo U. de Oliveira, 1978:81) presidindo o processo dessa diferenciação espacial da apropriação do espaço urbano pelas diversas camadas da população.

Vejamos, inicialmente, algumas características da composição dos rendimentos encontrados nos domicílios de nossa amostragem: na tabela de nº 21, referente à composição da renda familiar, notamos que dos 200 questionários em que constavam rendimentos, cerca de 95 (ou seja, 47,5% do total), eram formados exclusivamente pelos ganhos do chefe da família; em segundo lugar (com 19%) colocavam-se os domicílios em que a renda é composta pelos salários dos cônjuges, e em terceiro (com 18%) pelos salários dos chefes de família e de seus filhos. As famílias em que pais e filhos auferem rendimentos constituem 11% do total. O item "outros", com 4,5%, corresponde aos casos em que o domicílio é mantido pela mulher ou por um ou mais filhos. (Em outras tabelas este item foi incorporado no conjunto dos chefes de família, já que, na prática, esse papel é desempenhado por essas pessoas, pelo menos do ponto de vista financeiro.

TABELA 21

CAIEIRAS - COMPOSIÇÃO DA RENDA FAMILIAR

	CRESCIUMA		SERPA		V. ROSINA		LARANJEIRAS		J. VERA TEREZA		MELHORAMENTOS		TOTAL CAIEIRAS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Apenas o Salário Chefe da Família (SC)	33	42,30	36	54,54	10	55,55	4	33,33	7	58,33	5	35,72	95	47,5
Salário do Chefe + salário dos filhos (SC+SFs)	13	16,67	13	19,69	3	16,67	3	25,00	-	-	4	28,58	36	18,0
Salário do Chefe + salário da esposa (SC+SEsp)	19	24,36	10	15,15	1	5,56	2	16,67	3	25,00	3	21,42	38	19,0
Salário de todos os familiares (SC+SEsp+SFs)	12	15,39	4	6,07	3	16,67	-	-	2	16,67	1	7,14	22	11,0
Outros	1	1,28	3	4,55	1	5,55	3	25,00	-	-	1	7,14	9	4,5
TOTAL	78	100	66	100	18	100	12	100	12	100	14	100	200	100

Fonte: Amostra da Pesquisa - 1976.

Ao nível dos bairros de nossa pesquisa, esta hierarquização se repete na mesma ordem somente em Cresciuma; nos demais bairros o segundo lugar é ocupado pelo orçamento familiar constituído pela contribuição do chefe da família e dos filhos.

De um modo geral, a composição do orçamento familiar irá sofrer variações em função dos vencimentos dos chefes de família, quanto maior o seu salário, menor a participação de outros membros da família, notadamente os filhos. Quanto à participação das esposas, nem sempre ocorre a relação a que nos referimos, pois, muitas outras variáveis influem (número e idade dos filhos, componentes culturais, etc.). É fora de dúvida, como o demonstram outras pesquisas, (Attadia da Motta, 1975; Camargo et al, 1976), que a pressão dos baixos salários atua como o principal responsável pelo maior número de pessoas que exercem atividade remunerada em uma mesma família.

Com o fito de permitir comparações com outras áreas, convertemos os valores financeiros auferidos pelos indivíduos de nossa amostragem em equivalentes salários-mínimos mensais, que à época de pesquisa (2º semestre de 1976) correspondia a Cr\$ 768,56). Todavia, estamos cômscios das limitações do método, sobretudo quando se trata de comparações do ponto de vista diacrônico, já que ocorre o problema da queda do poder aquisitivo real do salário mínimo.

No que se refere à distribuição da renda, montamos a tabela 22, em que notamos a situação privilegiada de Caieiras, se comparada com o conjunto brasileiro e da GSP. Observa-se que a proporção dos que auferem até um salário mínimo é visivelmente inferior em Caieiras. Consequentemente, a proporção dos que ocupam os estratos médios e altos de renda é comparativamente maior.

TABELA 22
DISTRIBUIÇÃO DA RENDA NA POPULAÇÃO

(Em %, segundo a renda em salários mínimos)

	1. Brasil (1970)	2. Grande S.Paulo (1970)	3. Caieiras (1976)
menos de 1 S.M.	48,42	19,06	0,49
1 a 2 S.M.	27,99	35,63	7,47
2 a 5 S.M	16,18	30,28	46,27
mais de 5 S.M	7,41	15,05	45,77

Fonte: 1 e 2 Camargo et al; 3, amostra da pesquisa

Para o estudo da distribuição da renda em Caieiras, elaboramos, com base nos questionários, a tabela de nº 23. Por ser muito grande a dispersão da renda, sobretudo no bairro de Cresciuma, elaboramos outra tabela para simplificar essa abordagem. Assim, dividimos a população em três faixas de renda, a saber: "baixa" para os salários inferiores a 4 Salários Mínimos; média, de 4 a 9 S.M.; e a "alta", superior a 9 S.M. (Essa divisão não implica, necessariamente, em uma estratificação rígida de classes sociais). A tabela de nº 24, evidencia, para o conjunto da população, a importância do estrato de renda baixa (60%) para os chefes de família, e do estrato de renda média para os rendimentos familiares. Ela é útil, também, para corroborar os dados da tabela nº 21, pois também nela podemos observar a importância da renda familiar se comparada apenas com a dos chefes de família, que se torna mais expressiva nos bairros mais pobres. Quanto a distribuição da renda pelos bairros, nota-se a destacada posição de Cresciuma, com mais de 37% de suas famílias na classe de renda alta (16,45% dos chefes de fa-

(número de respostas)

(Fonte: Amostra da Pesquisa - 1976)

TABELA 23

BAIRRO FAIXAS SALARIAIS	CRESCIUMA		SERPA		V. ROSINA		LARANJEIRAS		V. TEREZA		MELHORAMENTOS		TOTAL CAIEIRAS	
	CF.	RF	CF	RF	CF	RF	CF	RF	CF	RF	CE	RF	CF	RF
SALÁRIOS MÍNIMOS														
menos de 1	3		1		2		1	1					7	1
1 a 2	4	1	18	2	5	6	4	2	5	3	4	1	40	15
2 a 3	13	7	18	11	7	5	2	2	4	5	3	2	47	32
3 a 4	8	6	13	13	1	2	3	3		1	1		26	25
4 a 5	4	2	4	7		2			3	2		1	11	14
5 a 6	12	9	4	7		1		1			3	4	19	22
6 a 7	12	7	2	6				1		1	1		15	25
7 a 8	8	5	1	3		1	1	1				2	10	12
8 a 9	2	4	1	1	1							2	4	7
9 a 10	4	5	1	3									5	8
10 a 11	1	5					1	1					2	6
11 a 12		3	1	1		1					1	1	2	6
12 a 13		2												2
13 a 14	5	3	1	1									6	4
14 a 15			1	1									1	1
15 a 16		1									1	1	1	2
16 a 17	1	2											1	2
17 a 18		2												2
18 a 19														
19 a 20	1	3											1	3
mais de 20	1	4											1	4
não declarado	3	3	7	7			2	2					12	12

TABELA 24

CAIEIRAS: DISTRIBUIÇÃO DA RENDA DOS CHEFES DE FAMÍLIA (C) E DA RENDA FAMILIAR (F)
Em % da população/Salários Mínimos

BAIRROS RENDA	CRESCIUMA		SERPA		V.ROSINA		LARANJEIRAS		J. VERA TEREZA		MELHORAMENTOS		TOTAL CAIEIRAS	
	C	F	C	F	C	F	C	F	C	F	C	F	C	F
Baixa Até 4 SM	35,45	17,28	75,75	46,42	93,75	72,22	83,34	66,67	75,00	75,00	57,15	21,44	60,31	37,82
Média De 4 a 9 SM	48,10	45,68	18,19	42,85	6,25	22,23	8,33	25,00	25,00	25,00	28,57	64,28	29,64	41,46
Alta Mais de 9 SM	16,45	37,04	6,06	10,73	-	5,55	8,33	8,33	-	-	14,28	14,28	10,05	20,72
	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: Amostra da Pesquisa, 1976.

mília); no outro extremo o Jardim Vera Tereza sem registro nessa categoria. Quanto ao estrato inferior de renda, a Vila Rosina vai apresentar mais de 93% de seus chefes de família nessa categoria. No que se refere à renda familiar, o Jardim Vera Tereza apresenta 75% de suas famílias nesse estrato inferior e a Vila Rosina 72%, enquanto Cresciuma conta com apenas 17%. Na verdade, se levássemos em conta a renda per capita, a Vila Rosina ocuparia uma posição bem inferior, posto que as suas famílias são as maiores do município.

Quanto à renda média da população da nossa amostra, encontramos os seguintes resultados:

TABELA 25
CAIEIRAS - RENDA MÉDIA MENSAL EM SALÁRIOS MÍNIMOS

	Renda do Chefe da fam.	Renda Familiar
Cresciuma	6,3	8,0
Serpa	3,7	5,0
V. Rosina	2,3	3,5
Laranjeiras	3,9	5,0
J. Vera Tereza	3,0	3,5
Melhoramentos	4,3	5,9
T O T A L	5,0	6,4

Fonte: amostra da pesquisa, 1976

Mais uma vez, Cresciuma é o bairro que apresenta um status mais elevado, e a Vila Rosina o mais baixo. Todavia, convém não esquecer que toda média é uma abstração de extremos e, por isso mesmo, devemos considerar esses dados com a devida cautela. Basta lembrar que em Cresciuma há uma grande disper-

são dos salários (de 1 a 20 SM para os chefes de famílias e de 2 a 59 SM para o conjunto das famílias).

Levando em conta a apropriação da renda da população estudada pelos diferentes bairros, obtivemos a seguinte tabela:

TABELA 26
CAIEIRAS - DIVISÃO DA RENDA FAMILIAR PELOS BAIRROS

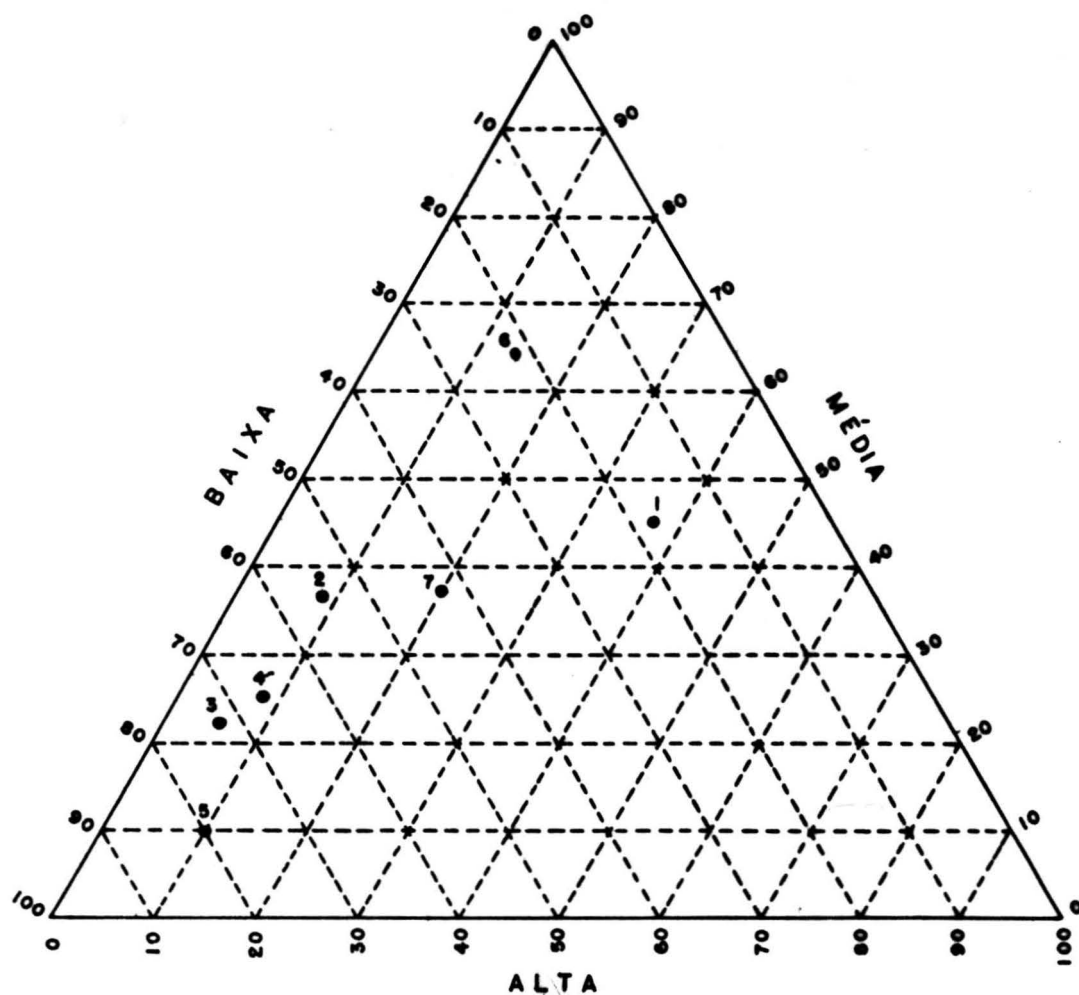
	% do número de famílias	% da renda total
Cresciuma	39	56
Serpa	33	25
V. Rosina	9	4
Laranjeiras	6	5
J. Vera Tereza	6	3
Melhoramentos	7	6

Fonte: Amostra da Pesquisa, 1976.

Nota-se, portanto, que Cresciuma é o bairro que detém a maior parte da renda da população; é o único bairro em que o percentual da renda é superior ao percentual do número de famílias (56% da renda total da amostragem da pesquisa para 39% do número de famílias)- Se quiséssemos detalhar mais os contrastes, lembraríamos que as dez famílias mais ricas de nossa amostragem (residentes em Cresciuma) que correspondem a menos de 10% do número total de famílias, controlam mais de 20% da renda da população da amostragem. Por outro lado, metade das famílias da amostragem (os 50% mais pobres), controlam 25% da renda. Pesquisa de J.C. Duarte citada em Camargo et al. (1976: 65), referente à distribuição da renda no Brasil, mostra que segundo o censo de 1970 os 50% da população brasileira de ren-

FIGURA 14

CAIEIRAS-DISTRIBUIÇÃO DA RENDA FAMILIAR (EM % DA POPULAÇÃO)



- 1 - CRESCIUMA
- 2 - SERPA
- 3 - V. ROSINA
- 4 - LARANJEIRAS
- 5 - V. TEREZA
- 6 - MELHORAMENTOS
- 7 - TOTAL CAIEIRAS

da mais baixa detinham 13,1% da renda. A mesma fonte nos mostra que no censo de 1960 esse mesmo grupo detinha 17,7%. Nesse sentido, a situação de Caieiras não parece ser tão grave como a da média brasileira. Embora não tenhamos dados para o estudo da evolução do processo de concentração de renda no município, sabemos, através de indicadores indiretos (já citados, a exemplo da mortalidade infantil), que os caieirenses não poderiam deixar de seguir as imposições do Sistema que afeta a toda a população brasileira.

5. OS MORADORES E A VIDA DE RELAÇÕES

O TRABALHO

No item "a composição da população por idades e sexo" já comentamos algumas características da população ativa em relação àqueles aspectos. Vejamos alguns traços referentes à composição profissional dessa população. Inicialmente, consideraremos os efetivos da população ativa. O censo de 1970 apontou, em Caieiras, um total de 6116 pessoas exercendo atividades remuneradas, o que perfazia uma população ativa total de 38,28% (PDDI,1973:12). Com os dados da nossa pesquisa de campo, de 1976, elaboramos a tabela abaixo:

TABELA 27
CAIEIRAS: CONDIÇÃO DE ATIVIDADE DA POPULAÇÃO

B a i r r o s	P o p u l a ç ã o					
	Economicamente ativa		Inativa		TOTALS	
	nº	%	nº	%	nº	%
Cresciúma	150	40,3	222	59,7	372	100
Serpa	129	40,7	188	59,3	317	100
Vila Rosina	33	30,6	75	69,4	108	100
Laranjeiras	21	31,8	45	68,2	66	100
J.Vera Tereza	16	28,1	41	71,9	57	100
Melhoramentos	27	39,7	32	60,3	59	100
TOTAL GERAL	376	38,4	603	61,6	979	100

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976

Percebe-se, através da tabela 27, que as médias mais elevadas de população ativa estão no Serpa e Cresciú—

ma. O Jardim Vera Tereza apresenta-se com um percentual de população ativa inferior ao da média (28,6%) em função de sua expressiva presença de crianças. De um modo geral, os percentuais de população ativa em Caieiras são mais elevados do que os dos municípios vizinhos; como o demonstram os dados do Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado (PMDI, 1971).

No que se refere à população ativa por setores de atividade, elaboramos a seguinte tabela:

TABELA 28
CAIEIRAS: ESTRUTURA DE EMPREGO DA POPULAÇÃO POR SETORES DE ATIVIDADE

Setores Bairros	PRIMÁRIO		SECUNDÁRIO		TERCIÁRIO		TOTAL	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
Cresciuma	-	-	41	27,3	109	72,7	150	100
Serpa	1	0,8	63	48,8	65	50,4	129	100
V.Rosina	-	-	17	51,5	16	48,5	33	100
Laranjeiras	2	9,5	4	19,0	15	71,5	21	100
J.Vera Tereza	-	-	12	75,0	4	25,0	16	100
Melhoramentos	1	3,7	17	63,0	9	33,3	27	100
TOTAL GERAL	4	1,1	154	41,0	218	57,9	376	100

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976.

O setor primário, como demonstra a tabela 28, emprega apenas 1,1% da população ativa. O censo de 1970 acusou cerca de 5% nesse setor. Em que pesem as limitações do método de amostragem, é evidente que as atividades primárias não são expressivas no município, estão

em rápido processo de diminuição de sua mão-de-obra tanto em termos relativos como absolutos.

Complementando essas idéias, procuramos levantar dados a propósito da mobilidade profissional da população e colhemos dados a respeito dos moradores que trabalhavam anteriormente no setor primário e que mudaram de atividade. São apenas 18 pessoas, para um total de 376 ativos da amostragem, o que demonstra, efetivamente, a modéstia do setor.

A grande maioria desses indivíduos, ou seja todos de Cresciuma, Serpa e Laranjeiras, residem no município faz mais de 10 anos, o que demonstra que, ultimamente, são raros os migrantes que deixam o campo e seguem diretamente para Caieiras; isto fica mais evidenciado se observarmos que a Vila Rosina, bairro formado quase que exclusivamente por imigrantes recém-chegados (ver a este respeito, a tabela 10 referente às "pessoas não naturais", apresentou um único ex-lavrador (que passou, posteriormente a trabalhar como faxineiro).

Quanto ao setor secundário, há contradições entre os dados do Censo de 1970, que apresentam uma taxa de 53 por cento. Na nossa amostragem, sempre de acordo com a tabela 28, encontramos 41 por cento. Tudo indica que efetivamente venha ocorrendo, na última década, uma diminuição relativa do índice do secundário e um processo de terciarização em Caieiras, como de sorte no Brasil e principalmente nas metrópoles. No conjunto do setor secundá-

rio é a indústria de transformação que emprega quase 2/3 da mão-de-obra industrial (nela destaca-se a indústria de papel seguida com grande diferença, pela metalúrgica). Por ordem de número de empregos viria, em seguida, a indústria de construção. Apenas na Vila Rosina ela aparece com um número maior de empregados que a indústria de transformação. Isto ocorre devido à existência de muitos trabalhadores nas obras de construção civil.

Quanto ao setor terciário, que emprega 57,9% de mão-de-obra da nossa amostragem, apresenta-se com maior destaque em Crescuma (72,7%) e com menor expressão em Vera Tereza (33,3%). Este setor, que engloba uma grande variedade de ocupações, desde as de maior qualificação educacional (e financeira...) até aquelas que Milton Santos (1979) inclui no chamado "circuito inferior da economia", apresenta ^{em} Crescuma um predomínio de servidores públicos e profissionais liberais e, em Vila Rosina, de comerciários, vendedores ambulantes e corretores de imóveis.

Para uma melhor caracterização da estrutura de emprego dos moradores de Caieiras é interessante observar os dados das tabelas referentes à estrutura de emprego dos chefes de famílias e das mulheres (tabelas de números 29 e 30, respectivamente). Para a distribuição dessas tabelas baseamo-nos na classificação empregada por Rattner (1975: 31) para a Grande São Paulo.

TABELA 29

CAIEIRAS - ESTRUTURA DE EMPREGO (Chefes de família)

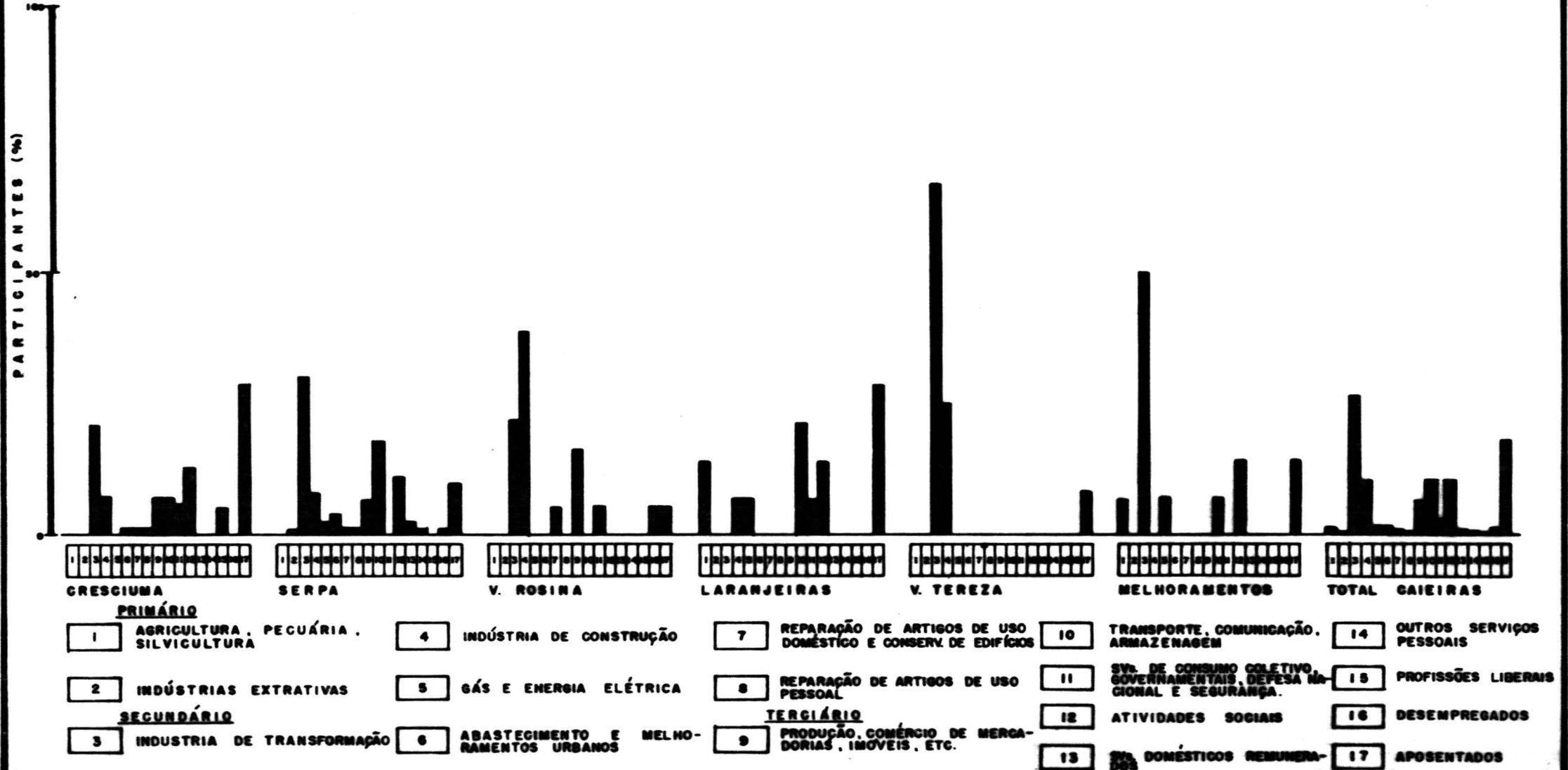
Setor	Cresciuna		Serpa		V. Rosina		Laranjeiras		Vera Tereza		Melhoramentos		T O T A L Caieiras	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
PRIMÁRIO														
- agropecuária e silvicultura	-	-	-	-	-	-	2	14,3	-	-	1	7,1	3	1,4
- indústrias extrativas	-	-	1	1,4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,5
SECUNDÁRIO														
- indústria de transformação	17	20,8	22	30,5	4	22,1	-	-	8	66,6	7	50,0	58	27,2
- indústria de construção	6	7,3	6	8,5	7	38,8	1	7,1	3	25,0	-	-	23	10,8
- gás e energia elétrica	-	-	2	2,8	-	-	1	7,1	-	-	1	7,1	4	2,0
- abastecimento e melhoramentos urbanos														
- reparação de artigos de uso doméstico e conservação de edifícios	2	2,9	2	2,8	1	5,6	-	-	-	-	-	-	5	2,4
TERCIÁRIO														
- comércio	6	7,3	5	6,9	3	16,7	-	-	-	-	-	-	14	6,6
- transporte e comunicação	6	7,3	13	18,0	-	-	3	21,5	-	-	1	7,1	23	10,8
- serviços de consumo coletivo, governamentais, defesa nacional e segurança	5	6,1	-	-	1	5,6	1	7,1	-	-	-	-	7	3,3
- atividades sociais	11	13,4	8	11,1	-	-	2	14,3	-	-	2	14,3	23	10,8
- serviços domésticos remunerados	-	-	2	2,8	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1,0
- outros serviços pessoais	-	-	1	1,4	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,5
- profissões liberais	4	4,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1,8
DESEMPREGADOS	-	-	1	1,4	1	5,6	-	-	-	-	-	-	2	1,0
APOSENTADOS	24	29,3	7	9,8	1	5,6	4	28,6	1	8,4	2	14,3	39	18,3
T O T A L	82	100	73	100	18	100	14	100	12	100	14	100	213	100

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976.

FIGURA 1E

CAIEIRAS - PARTICIPAÇÃO DOS CHEFES DE FAMÍLIA NA FORÇA DE TRABALHO

(% DE CADA BAIRRO)



FONTE: AMOSTRA DA PESQUISA - 1976

Quanto à participação dos chefes de família na força de trabalho, já enfatizamos no capítulo anterior a sua expressividade. É de se notar, nos dados da tabela 29, a importância numérica dos aposentados em Cresciuma (24 pessoas na amostragem, equivalendo a 29,3% do total da população de amostragem do bairro). É significativo que muitos desses aposentados apresentam rendimentos bastante elevados para a categoria, como é o caso de alguns engenheiros aposentados. Nos demais bairros os aposentados apresentam, geralmente, um baixo padrão financeiro. Nessa tabela incluímos, por razões já explicadas anteriormente, algumas pessoas do sexo feminino que respondem pela manutenção do domicílio, daí a razão de aparecerem chefes de família (2) na categoria "serviços domésticos remunerados". Trata-se de empregadas domésticas que sustentam suas casas trabalhando em casas alheias... Se compararmos essa tabela com a de número 30, referente à participação da mulher na força de trabalho, notaremos, conforme já observamos anteriormente, a menor proporção do sexo feminino na mão-de-obra no setor primário e secundário. Esses Setores são predominantemente de ocupações masculinas. No terciário avulta a participação da mulher principalmente devido ao número de empregadas domésticas (21,31%) e pessoas engajadas em atividades sociais (22,95%). É preciso atentar para o fato de que apenas 6,9% das trabalhadoras de Cresciuma são empregadas domésticas, enquanto elas são 66,6% em Vila Rosina e Jardim Vera Tereza. Por outro lado, todas as professoras residentes no município moram em Cresciuma (item atividades sociais), que inclui também enfer-

TABELA 30

CAIEIRAS - PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA FORÇA DE TRABALHO, EM PORCENTAGEM DE CADA BAIRRO

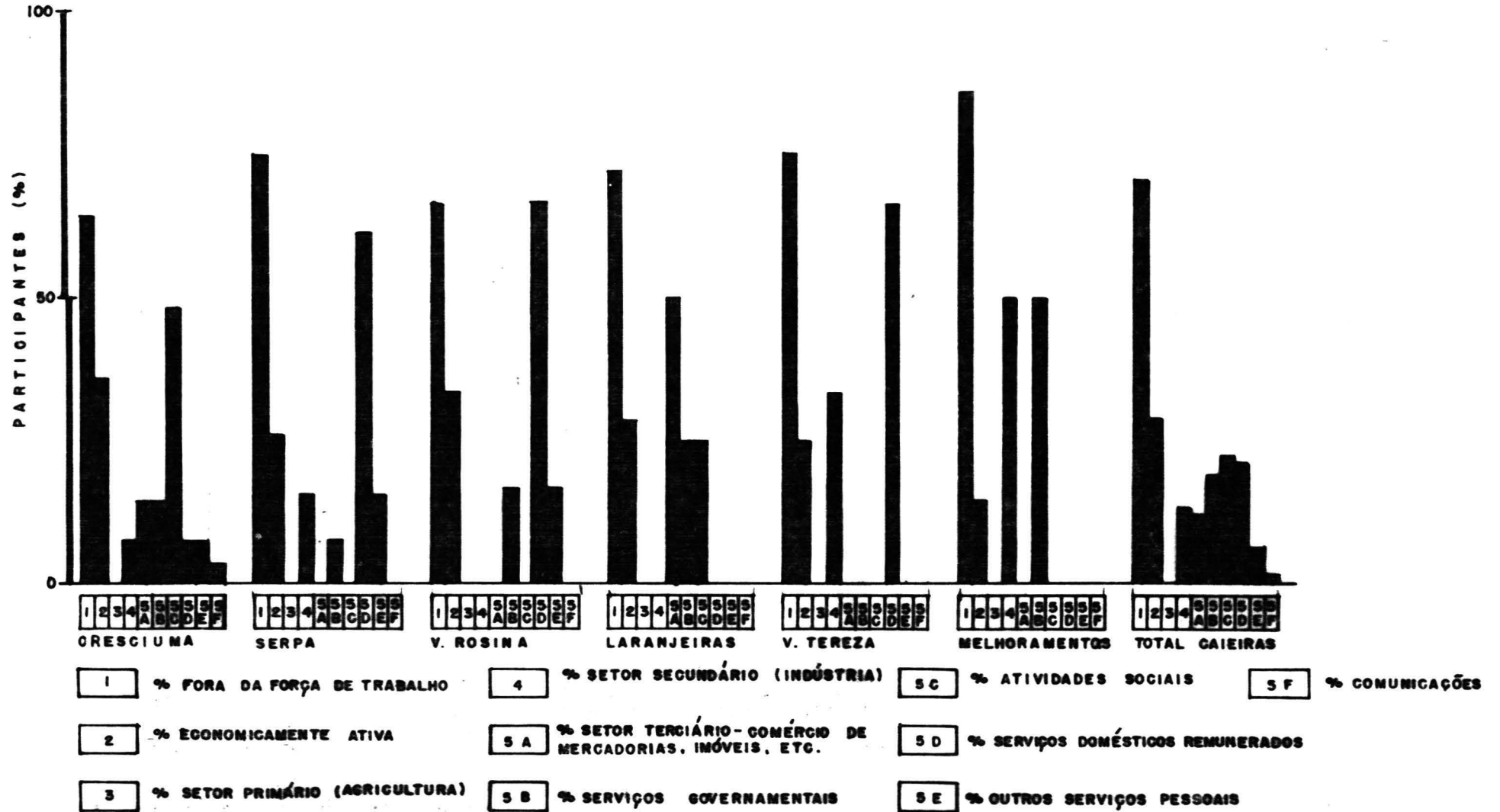
(Fonte: Amostra da pesquisa - 1976)

ATIVIDADE \ BAIROS	BAIROS						
	CRESCIUMA	SERPA	V.ROSINA	LARANJEIRAS	V.TEREZA	MELHORA- MENTOS	TOTAL CAIEIRAS
Percentagem da população fe- minina fora da força de tra- balho	64,20	74,37	66,60	71,40	75,00	85,70	70,33
Percentagem da população fe- minina economicamente ativa	35,80	25,63	33,40	28,60	25,00	14,30	29,67
Percentagem da população fe- minina ativa no setor prima- rio (agricultura)	--	--	--	--	--	--	--
Percentagem da população fe- minina ativa no setor secun- dário (indústria)	6,90	15,40	--	--	33,40	50,00	13,11
Percentagem da população fe- minina ativa no setor ter- ciário:							
a) comércio de mercadorias imóveis, etc.	13,78	--	--	50,00	--	--	14,75
b) serviços governamentais	13,78	7,70	16,70	25,00	--	50,00	19,67
c) atividades sociais	48,30	--	--	25,00	--	--	22,95
d) serviços domésticos remu- nerados	6,90	61,50	66,60	--	66,60	--	21,31
e) outros serviços pessoais	6,90	15,40	16,70	--	--	--	6,55
f) comunicações	3,44	--	--	--	--	--	1,63

FIGURA 16

CAIEIRAS - PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA FORÇA DE TRABALHO

(% DE CADA BAIIRRO)



FONTE: AMOSTRA DA PESQUISA - 1976

meiras). Na tabela notamos que o índice de população feminina com atividade remunerada é de 29,67% para o conjunto da população da amostragem; acima dessa média estão Cresciuma (35,8%) e Vila Rosina (33,4%), que apresentam proporções mais ou menos semelhantes, mas de estrutura e razões diversas. Apesar de Cresciuma ser o bairro de padrão financeiro mais elevado (ou talvez por isso mesmo?), não havendo, em tese, uma necessidade imperiosa do trabalho feminino, o nível mais elevado de instrução e a pressão das novas "necessidades" típicas da classe média conduzem a mulher ao trabalho remunerado. A esse respeito, Paul Singer (1977) observa que o engajamento da mão-de-obra feminina tem aumentado, mesmo nos países altamente industrializados, por força da criação de novas necessidades. Já no caso de Vila Rosina, é a condição de pobreza da família que obriga a mulher a trabalhar fora de casa para complementar o orçamento familiar. Isto permite, em parte, que algumas mulheres de Cresciuma possam trabalhar fora por contarem com empregada doméstica de Vila Rosina...

No que tange à localização dos empregos dos moradores de Caieiras, com base nas informações do questionário domiciliar, elaboramos uma tabela (de nº 31) que compreende apenas os empregados nos setores secundário e terciário que especificaram os seus respectivos locais de trabalho. Correspondem a 334 indivíduos do total dos 376 ativos.

TABELA 31

CAIEIRAS - LOCALIZAÇÃO DOS EMPREGOS DA POPULAÇÃO (Número de respostas)

LOCAIS DE TRABALHO	Bairros de residência e Setores de atividade																		T O T A L CAIEIRAS		
	Cresciuma			Serpa			V. Rosina			Laranjeiras			J.Vera Tereza			Melhoramentos			S	T	To
	S	T	To	S	T	To	S	T	To	S	T	To	S	T	To	S	T	To			
Cresciuma	15	35	50	6	7	13	-	3	3	-	-	-	-	1	1	-	-	-	21	42	63
Serpa	-	3	3	5	15	20	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	5	19	24
Vila Rosina	-	1	1	-	-	-	6	2	8	-	-	-	-	-	-	1	-	1	7	3	10
Laranjeiras	-	1	1	-	-	-	-	-	-	2	3	5	-	-	-	-	-	-	3	4	7
J.Vera Tereza	2	-	2	5	-	5	1	-	1	-	-	-	5	-	5	-	-	-	13	2	15
Melhoramentos	16	5	21	19	3	22	1	1	2	1	-	1	4	-	4	18	4	22	59	13	72
TOTAL-CAIEIRAS	33	45	78	35	25	60	8	6	14	3	3	6	9	2	11	19	4	23	108	83	191
Perus/Pirituba	2	-	2	2	2	4	-	1	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	5	3	8
Lapa/Agua Branca	8	10	18	8	6	14	4	2	6	1	2	3	1	-	1	2	1	3	24	21	45
Centro e outros	5	15	20	14	6	20	1	4	5	2	3	5	-	-	-	-	-	-	22	28	50
TOTAL-SÃO PAULO	15	25	40	24	14	38	5	7	12	4	5	9	1	-	1	2	1	3	51	52	103
Franco da Rocha	1	13	14	1	6	7	-	-	-	-	2	2	3	2	5	-	-	-	5	23	28
Outros-Grande	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
São Paulo	-	1	1	3	2	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	6
Outros	1	1	2	2	-	2	-	-	-	1	1	2	-	-	-	-	-	-	4	2	4
T O T A L	50	85	135	65	47	112	13	13	26	8	11	19	13	4	17	21	5	26	171	163	334

S = Setor secundário

T = Setor terciário

To = Total

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976.

Para facilitar as comparações, em termos relativos, consideramos também as respostas dos informantes sob forma de percentagens. Devido às limitações de ordem gráfica, apresentamos esses dados em duas tabelas 32 e 33 . A tabela referente à percentagem do total geral de respostas (nº 32) permite discutir a propósito da importância relativa de cada local de trabalho para o conjunto de toda a população estudada. Na outra tabela de nº 33 lançamos os percentuais das respostas de cada bairro (considerando a população de cada bairro como correspondente a 100%), a fim de avaliar a expressividade (relativa) de cada local de trabalho, tendo em vista cada um dos bairros de residência. Passemos a comentar esses dados:

Inicialmente, podemos complementar algumas idéias a respeito da estrutura de empregos (já comentada com base nos dados da tabela 29) onde devemos destacar a posição de Cresciuma; este, por ser o bairro mais populoso, abriga 40,4% da população ativa da amostragem, sendo que mais da metade de sua mão de obra trabalha no setor terciário. Em segundo lugar, em termos quantitativos, viria o Serpa com 33,5%, onde predominam os empregados do setor secundário b) No conjunto das respostas das tabelas 32 e 33 avulta o fato de que 58,4% da mão de obra residente em Caieiras trabalha no próprio município. Na realidade, sabemos que esse índice está um pouco subestimado. Já nos referimos anteriormente ao fato de que o plano de amostragem que pretendíamos efetuar na Melhoramentos não foi completado. Assim, ocorreu, em alguns aspectos, uma sub-avaliação de seus dados. Através de outras informações (da Prefeitura, do Censo de 1970 e da própria Cia. Melhoramentos), podemos estimar, grosso modo, que os empregados da Cia. Melhoramentos residentes nas terras da própria empresa representariam, tal-

CAIEIRAS - LOCALIZAÇÃO DOS EMPREGOS DA POPULAÇÃO (% DAS RESPOSTAS DE CADA BAIRRO)

LOCAIS DE TRABALHO	Cresciuma			Bairros de residência Serpa			residência V. Rosina			e Setores de atividade Laranjeiras			J.Vera Tereza			Melhoramentos			TOTAL CAIEIRAS		
	S	T	To	S	T	To	S	T	To	S	T	To	S	T	To	S	T	To	S	T	To
Cresciuma	11,1	25,9	37,0	5,4	7	11,6	-	11,5	11,5	-	-	-	-	5,9	5,9	-	-	-	6,3	12,6	18,9
Serpa	-	2,2	2,2	4,5	13,4	17,9	-	-	-	-	-	-	-	5,9	5,9	-	-	-	1,5	5,7	7,2
Vila Rosina	-	0,7	0,7	-	-	-	23,0	7,7	30,8	-	-	-	-	-	-	3,8	-	3,8	2,1	0,9	3,0
Laranjeiras	-	0,7	0,7	-	-	-	-	-	-	10,5	15,8	26,3	-	-	-	-	-	-	0,9	1,2	2,1
J.Vera Tereza	1,5	-	1,5	4,5	-	4,5	3,8	-	3,8	-	-	-	29,4	-	29,4	-	-	-	3,9	0,6	4,5
Melhoramentos	11,9	3,7	15,6	17,0	2,7	19,6	3,8	3,8	7,7	5,3	-	5,3	23,5	-	23,5	69,2	15,4	84,6	17,7	3,9	21,6
TOTAL-CAIEIRAS	24,4	33,3	57,8	31,3	22,3	53,6	30,8	23,0	53,8	15,8	15,8	31,6	52,9	11,8	64,7	73,1	15,4	88,5	32,3	24,9	58,4
Perus/Pirituba	1,5	-	1,5	1,8	1,8	3,6	-	3,8	3,8	5,3	-	5,3	-	-	-	-	-	-	1,5	0,9	2,4
Lapa/Água Branca	5,9	7,4	13,3	7,1	5,4	12,5	15,4	7,7	23,0	5,3	10,5	15,8	5,9	-	5,9	7,7	3,3	11,5	7,2	6,3	13,5
Centro e outros	3,7	10,4	14,8	12,5	5,4	17,9	3,8	15,4	19,2	10,5	15,8	26,3	-	-	-	-	-	-	6,6	8,4	15,0
TOTAL-SÃO PAULO	11,4	18,5	29,6	21,4	12,5	33,9	19,2	27,0	46,2	24,1	26,3	47,4	5,9	-	5,9	7,7	3,3	11,5	15,3	18,6	30,8
Franco da Rocha	0,7	9,6	10,4	0,9	5,4	6,3	-	-	-	-	10,5	10,5	17,6	11,8	29,4	-	-	-	1,5	6,9	8,4
Outros-Grande São Paulo	-	0,7	0,7	2,7	1,8	4,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,9	0,9	1,8
Outros	0,7	0,7	1,5	1,8	-	1,8	-	-	-	5,3	5,3	10,5	-	-	-	-	-	-	1,2	0,6	1,2
TOTAL	37,0	63,0	100,0	58,0	42,0	100,0	50,0	50,0	100,0	42,1	57,9	100,0	76,5	23,5	100,0	80,8	19,2	100,0	51,2	48,8	100,0

S= Setor secundário

T = Setor terciário

To = Total

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976

CAIEIRAS - LOCALIZAÇÃO DOS EMPREGOS DA POPULAÇÃO (% DO TOTAL GERAL DAS RESPOSTAS)

LOCAIS DE TRABALHO	CRESCIUMA			BAIRROS DE SERPA			DE RESIDÊNCIA V. ROSINA			E SETORES DE LARANJEIRAS			DE ATIVIDADE J.VERA TEREZA			MELHORAMENTOS			TOTAL CAIEIRAS		
	S	T	To	S	T	To	S	T	To	S	T	To	S	T	To	S	T	To	S	T	To
	Cresciuma	4,5	10,5	15,0	1,8	2,1	3,9	-	0,9	0,9	-	-	-	-	0,3	0,3	-	-	-	6,3	12,6
Serpa	-	0,9	0,9	1,5	4,5	6,0	-	-	-	-	-	-	-	0,3	0,3	-	-	-	1,5	5,7	7,2
V.Rosina	-	0,3	0,3	-	-	-	1,8	0,6	2,4	-	-	-	-	-	-	0,3	-	0,3	2,1	0,9	3,0
Laranjeiras	-	0,3	0,3	-	-	-	-	-	-	0,6	0,9	1,5	-	-	-	-	-	-	0,9	1,2	2,1
J.Vera Tereza	0,6	-	0,6	1,5	-	1,5	0,3	-	0,3	-	-	-	1,5	-	1,5	-	-	-	3,9	0,6	4,5
Melhoramentos	4,8	1,5	6,3	5,7	0,9	6,6	0,3	0,3	0,6	0,3	-	0,3	1,2	-	1,2	5,4	1,2	6,6	7,7	3,9	27,6
TOTAL-CAIEIRAS	9,9	13,5	23,4	10,5	7,5	18,0	2,4	1,8	4,2	0,9	0,9	1,8	2,7	0,6	3,3	5,7	1,2	6,9	32,3	84,9	58,4
Perus/Pirituba	0,6	-	0,6	0,6	0,6	1,2	-	0,3	0,3	0,3	-	0,3	-	-	-	-	-	-	1,5	0,9	2,4
Lapa/Agua Bca.	2,4	3,0	5,4	2,4	1,8	4,2	1,2	0,6	1,8	0,3	1,6	1,9	0,3	-	0,3	0,6	0,3	0,9	7,2	6,3	13,5
Centro/Outros	1,5	4,5	6,0	4,2	1,8	6,0	0,3	1,2	1,5	0,6	0,9	1,5	-	-	-	-	-	-	6,6	8,4	15,0
TOTAL-S.PAULO	4,5	7,5	12,0	7,2	4,2	11,4	1,5	2,1	3,6	1,2	1,5	2,7	0,3	-	0,3	0,6	0,3	0,9	15,3	15,6	30,8
Franco da Rocha	0,3	3,9	4,2	0,3	1,8	2,1	-	-	-	-	0,6	0,6	0,9	0,6	1,5	-	-	-	1,5	6,9	8,4
Outros-Grande São Paulo	-	0,3	0,3	0,9	0,6	1,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,9	0,9	1,8
Outros	0,3	0,3	0,6	0,6	-	0,6	-	-	-	0,3	0,3	0,6	-	-	-	-	-	-	1,2	0,6	1,2
T O T A L	15,0	25,4	40,4	19,5	14,1	33,5	3,9	3,9	7,8	2,4	3,3	5,7	3,9	1,2	5,1	6,3	1,5	7,8	51,2	48,8	100,0

S = Setor secundário

T = Setor terciário

To = Total

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976

vez, uns 14% da mão de obra de Caieiras (e não apenas os 6,9% da tabela 32); assim, é provável que cerca de 65% (e não apenas os 58,4% já referidos) da população ativa trabalhem no próprio município de Caieiras, constituindo-se metade deles em trabalhadores da Melhoramentos.

A função do subúrbio-dormitório é também expressiva em Caieiras, notadamente em relação à capital. A tabela mostra a importância que assume o bairro da Lapa na absorção da mão de obra caieirense. Outros bairros de São Paulo também se destacam principalmente os situados junto às estações do trecho suburbano da Estrada de Ferro Santos a Jundiaí, como é o caso de Perus, Jaraguá, Pirituba (a Lapa já citada), Água Branca, Barra Funda, Brás, Mooca e Ipiranga; existem ainda alguns outros bairros não muito distantes desse eixo, nas proximidades da Estrada Velha de Campinas, a exemplo da Freguesia do Ó. O centro de São Paulo destaca-se, evidentemente, como empregador do setor terciário (principalmente de cresciumentenses). Na Lapa, apesar de predominarem por pequena margem os empregos industriais, o setor terciário é também importante, graças ao seu comércio varejista. Franco da Rocha absorve 8,4% da população ativa da amostragem, salientando-se os residentes em Cresciúma e no Serpa, que são servidores do Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha; de outra feita, os moradores do Jardim Vera Tereza, que trabalham em Franco da Rocha, são principalmente operários.

A tabela 33 referente à percentagem de respostas em relação a cada bairro de residência da população ativa, nos mostra que a população residente em Cresciúma apresenta a maior dispersão quanto à localização de seus empregos. Não obstante, se excetuarmos os moradores da Melhoramentos onde (por razões óbvias - já explicadas) 84,6% da mão de obra trabalha no

próprio bairro em que reside, Cresciuma apresenta o maior índice de empregos no bairro de moradia: 37%. Desses empregos, a grande maioria é representada pelo setor terciário, o que se explica em parte pelo papel exercido por Cresciuma como local sede do município. É expressivo também o índice de empregos ocupados por moradores de Cresciuma na Cia. Melhoramentos: 15,6% (desta vez, com predomínio no setor secundário). Para os moradores do Serpa, a dispersão é um pouco menor, pois nenhum deles trabalha em Vila Rosina ou Laranjeiras, por exemplo; ao contrário, os moradores de Cresciuma ocupam empregos que se distribuem por todas as localidades constantes da tabela. Dentre os residentes em Vila Rosina, destacam-se os que trabalham no setor secundário do próprio bairro, sobretudo como pedreiros nas obras de construção de fábricas (que, por exemplo, estavam se instalando por ocasião da nossa pesquisa). Os moradores de Laranjeiras são os que apresentam os menores vínculos empregatícios no município; apenas 26,3% trabalham no próprio bairro e 5,3% na Melhoramentos perfazendo 31,6% no município. Trabalham eles, na sua maioria, no município da capital. Curiosamente, apesar da proximidade de Perus, esse bairro da periferia da capital (juntamente com Pirituba), (ver tabela) atraiu apenas 5,3% da população ativa de Laranjeiras. Quanto ao jardim Vera Tereza, as novas indústrias ali instaladas (principalmente metalúrgicas), atraem 29,4% da população ativa do bairro, bem como vários operários residentes em quase todo o município. Dentre os residentes na Melhoramentos, que em sua esmagadora maioria, como vimos, trabalham na Cia. Melhoramentos, há alguns membros de suas famílias que trabalham na Lapa (11,5%) e em Cresciuma (3,8%).

Já vimos que, no passado, a Cia. Melhoramentos praticamente monopolizava toda a mão de obra de Caieiras e foi, progressi

vamente, perdendo essa posição, na medida em que foi crescendo a população de pessoas residentes fora das terras da empresa e que passavam a trabalhar até mesmo fora de Caieiras.

Quanto às entidades responsáveis pelos empregos da população estudada, além da Cia. Melhoramentos (que emprega 1/4 da mão de obra do município) destaca-se o Hospital Psiquiátrico de Franco da Rocha, com cerca de 23 servidores de Caieiras compilados em nossa amostragem (portanto, 6,9% da população ativa). As outras respostas abrangeram um conjunto de mais de uma centena de empregadores diversos.

LOCAIS DE CULTO

Caieiras não foge à regra da periferia urbana da Grande São Paulo: apresenta um expressivo contingente (para os padrões brasileiros), de outras confissões religiosas além da Católica — quase 20% de sua população. Dentre os não-católicos destacam-se os protestantes; sob essa denominação englobamos várias confissões, cabendo maior destaque numérico à categoria que se convencionou denominar "pentecostal". Esta, cuja expansão é recente, compreende os adeptos da "Assembléia de Deus", "Congregação Cristã", "Testemunhas de Jeová", "Casa da Oração", "Brasil para Cristo", e outros, também conhecidos popularmente como "Crentes". Trata-se de crenças que se caracterizam segundo René Ribeiro (s.d.:5) pelo "avivamento" emocional. Geralmente seus adeptos são pessoas de baixa renda, predominando, segundo a mesma fonte, dentre os recém-convertidos (aliás o essencial de seus contingentes), indivíduos migrantes de meia idade com pequeno tempo de permanência no local (Ribeiro, s.d.: 4). Embora no nosso questionário tivéssemos perguntado apenas a religião do chefe da família (partindo do pressuposto de que esta corresponderia a toda a família), algumas respostas evidenciaram que muitos jovens continuavam a se declarar católicos, ao contrário de seus pais — convertidos ao pentecostalismo. Os dados citados constam da tabela 34 e figura 17.

O bairro de Laranjeiras é o que apresenta um dos maiores índices de pentecostais (21%) sendo que aproximadamente 2/3 deles frequentam o templo no próprio bairro e os demais na La-

pa. Em Laranjeiras, a maioria dos "crentes" são naturais do município, mas quase todos têm "background" rural. Alí há uma nítida relação entre o êxodo rural e a expansão do pentecostalismo. O Jardim Vera Tereza, bairro pobre e de povoamento recente, conta 25% de adeptos destas seitas. Eles frequentam na sua maioria o templo do bairro, mas também há fiéis que se dirigem a Franco da Rocha e à capital.

Seria interessante um estudo sociológico (que foge ao nosso escopo) a respeito do papel da manipulação da ideologia dominante sobre os adeptos do pentecostalismo (e similares), por exemplo no que se refere ao aparente conforto e conformismo proporcionado por essas crenças aos trabalhadores pobres. Contribuiriam tais crenças para atenuar os conflitos sociais, mascarando as verdadeiras causas da exploração do trabalhador?

É interessante notar que, em Cresciuma, o grupo protestante é mais diversificado, apresentando também adeptos de seitas mais antigas que correspondem ao estereótipo do "protestante rico", como os presbiterianos e luteranos. Estes se deslocam para o culto na capital. O bairro do Serpa é o que apresenta o menor índice de protestantes, quase todos frequentadores do templo do bairro.

Os espíritas abrangem apenas pouco mais de 3% na nossa amostragem e frequentam sessões em Cresciuma ou ainda em Franco da Rocha (como é o caso dos moradores do Serpa) ou em Perus (moradores de Laranjeiras).

Enfatizamos a importância das minorias não-católicas pelo fato sobejamente conhecido de que os seus adeptos são frequentadores mais assíduos de seus respectivos templos do que a maioria católica (grupo mais "acomodado"). Este fato gera vinculações especiais significativas entre a residência e os lo-

cais de culto. No caso dos pentecostais, é sabido ser muito grande o número de seus templos, por sinal caracterizados pela modéstia da construção ("qualquer lugarejo tem igreja de crente"), contrastando com os templos católicos, bem mais imponentes e escassos. Na percepção de muitas pessoas, a paisagem da periferia é caracterizada pelos morros com arruamento mal adaptado à topografia acidentada, sem pavimentação, eventualmente sem água encanada, casas inacabadas (muitas de auto-construção) e a "igreja dos crentes". As religiões afro-brasileiras, tão comuns em outras áreas das periferias urbanas brasileiras, não se evidenciaram na nossa amostragem. Não sabemos até que ponto elas não ocorrem ou se os frequentadores dos "terreiros" informaram pertencer a outras confissões.

Os católicos frequentam, na sua maioria, a igreja matriz, localizada em Crescuma. Há duas capelas na Melhoramentos e uma no Serpa. Do ponto de vista eclesiástico, Caieiras pertence ao bispado de Bragança Paulista, juntamente com os municípios vizinhos que faziam parte do antigo município de Juqueri. Esta "interiorização", é, portanto, reminiscência do passado. Na verdade, quando da existência do ramal da "Bragantina", a ligação ferroviária com Bragança era mais eficaz do que a atual articulação (indireta) rodoviária. Parte dos moradores do Jardim Vera Tereza e do Serpa vão à igreja de Franco da Rocha. Alguns de Vila Rosina e muitos de Laranjeiras comparecem à igreja de Perus.

Como já foi assinalado anteriormente, a localização dos bairros em relação às vias de comunicação exerce papel fundamental nos deslocamentos da população. Isto explica a importância de Perus para os moradores de Laranjeiras, que podem percorrer a pé a distância de apenas 2 km. Vera Tereza, por

TABELA 34

CAIEIRAS - RELIGIÕES E LOCAIS DE CULTO,
EM PORCENTAGEM DE CADA BAIRRO

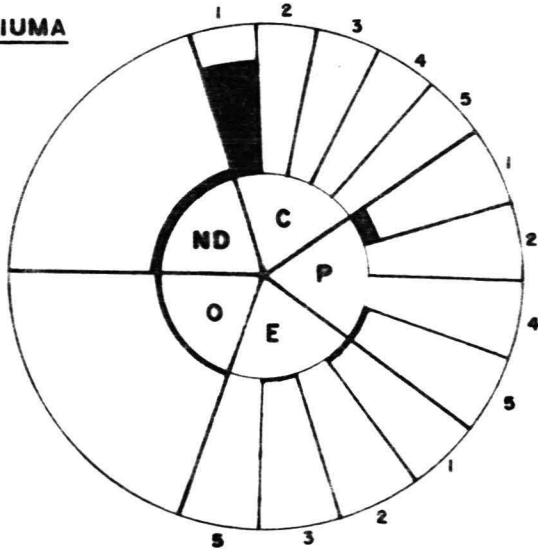
(Fonte: Amostra da pesquisa - 1976)

RELIGIÕES E LOCAIS	BAIRROS	CRESCIUMA	SERPA	V.ROSINA	LARANJEIRAS	V.TEREZA	MELHORA- MENTOS	TOTAL CAIEIRAS
CATÓLICA		74,5	88,0	77,9	57,2	75,0	78,7	81,1
- Caieiras		74,5	83,9	66,7	28,7	58,4	78,7	76,0
- F. da Rocha		- -	4,1	- -	- -	8,3	- -	1,9
- Perus		- -	- -	11,2	21,4	- -	- -	2,4
- Lapa		- -	- -	- -	7,1	- -	- -	0,4
- S.P. outros		- -	- -	- -	- -	8,3	- -	0,4
PROTESTANTE		13,5	8,1	11,0	21,4	25,0	14,2	11,3
- Caieiras		9,8	6,8	5,5	14,3	16,7	7,1	8,1
- F. da Rocha		- -	1,3	- -	- -	8,3	7,1	1,4
- Lapa		- -	- -	- -	7,1	- -	- -	0,4
- S.P. outros		3,7	- -	5,5	- -	- -	- -	1,4
ESPÍRITA		5,0	2,6	5,5	7,1	- -	- -	3,4
- Caieiras		3,7	- -	5,5	- -	- -	- -	1,4
- F. da Rocha		- -	1,3	- -	- -	- -	- -	0,4
- Perus		1,3	- -	- -	7,1	- -	- -	1,4
- S.P. outros		- -	1,3	- -	- -	- -	- -	0,4
OUTRAS		1,3	- -	- -	- -	- -	- -	0,4
NÃO DECLARADO		4,9	1,3	5,5	14,3	- -	7,1	3,8

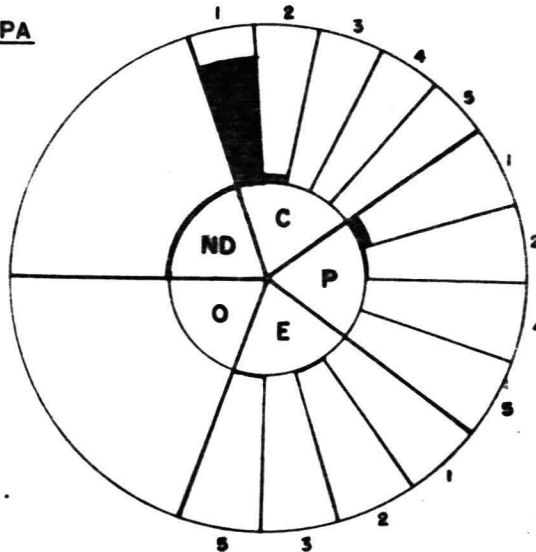
CAIEIRAS - RELIGIÕES E LOCAIS DE CULTO (% DE CADA BAIRRO)

FIGURA 17

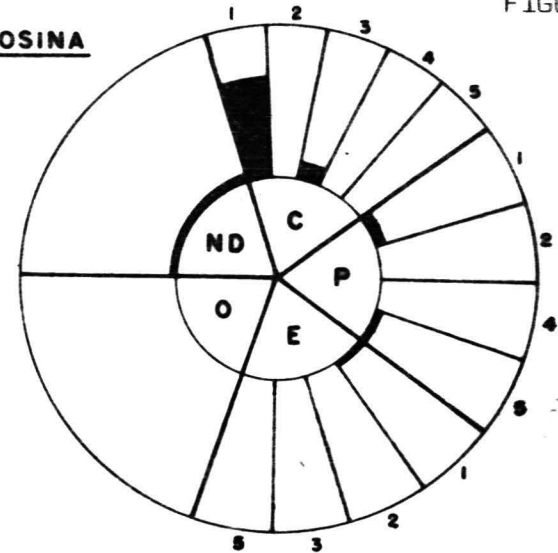
CRESCIUMA



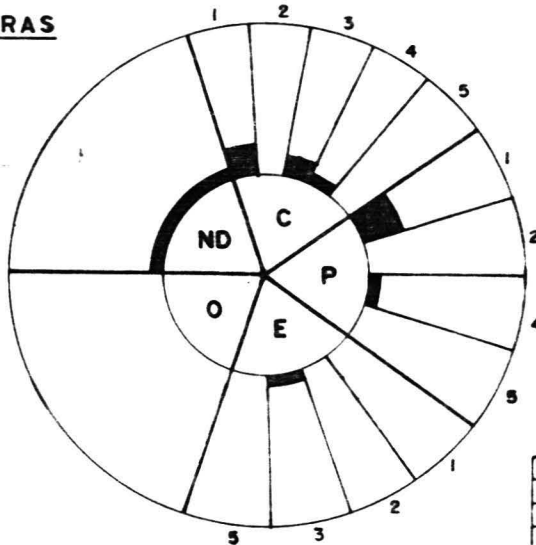
SERPA



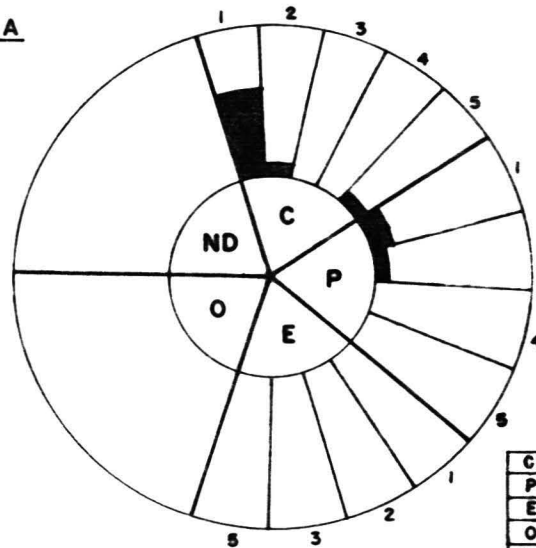
V. ROSINA



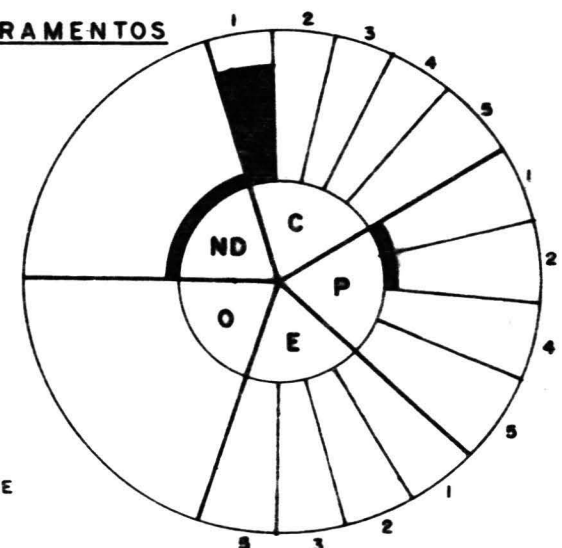
LARANJEIRAS



V. TEREZA



MELHORAMENTOS



LOCAIS

- 1 CAIEIRAS
- 2 F. DA ROCHA
- 3 PERUS
- 4 LAPA
- 5 S.P. OUTROS

RELIGIÕES

- C CATÓLICA
- P PROTESTANTE
- E ESPÍRITA
- O OUTRAS
- ND NÃO DECLARADO

ônibus, liga-se facilmente a Franco da Rocha. Mesmo o Serpa, de pequena distância geodésica, de Cresciuma, apresenta vinculações expressivas, por ônibus, com Franco da Rocha e por ônibus, ou ônibus e trem, com a Lapa.

O LAZER

Quanto ao lazer cotidiano da população caieirense, esperávamos encontrar uma diferenciação significativa entre as formas de lazer fruídas pelas diversas categorias de rendimentos financeiros. No entanto, ao tabular os dados do questionário, a esse respeito, não encontramos diferenças significativas. Assistir à televisão parece ser a única forma de lazer do dia-a-dia. A diferença está apenas no preço do aparelho de TV (preto e branco ou a cores, etc.). Todos se igualam no tédio da vida da periferia? O problema é bem mais complexo e foge ao nosso escopo. Contudo, podemos destacar algumas características que mais nos chamaram a atenção quanto aos tipos e práticas de lazer com base na avaliação dos questionários domiciliares e em nossa vivência. No que se refere à frequência a teatros, cinemas, auditórios, etc., a quase totalidade dos entrevistados declarou que nunca ia a tais lugares.

Antes da "era da televisão", funcionou em Crescuma o "Cine Santo Antônio", cujo recinto era animado não só pelas "matinês" e "soirés" como também, eventualmente, por atividades comunitárias de teatro, música, etc. Tal como ocorreu com muitos dos "cinemas de bairro" da capital, que passavam filmes ditos "velhos" (ou seja, já exibidos nos circuitos do centro da cidade), a referida "casa de espetáculos" encerrou suas atividades em meados da década de sessenta.

Outras manifestações culturais da comunidade também se extinguíram por força da metropolização. Por exemplo, em fins da década de cinquenta tivemos ocasião de assistir às últimas "Congadas" e "Festas de São Gonçalo" que se realizavam em Cresciuma e no Morro Grande. Da mesma forma as peregrinações religiosas a Pirapora do Bom Jesus, que eram comuns até a década de sessenta, deixaram de atrair os caieirenses. No passado, grupos deromeiros seguiam de trem de Caieiras para Perus de onde embarcavam pela "Estrada de Ferro Perus-Pirapora" (que apesar do nome tinha seu ponto terminal na então vila de Cajamar) e completavam o restante do percurso (cerca de 15 km) a pé ou de caminhão. Embora sem a mesma expressividade, posteriormente, ganharam uma certa importância as peregrinações individuais ou coletivas para Aparecida do Norte.

A prática do futebol amador não parece ter evoluído com o crescimento populacional. O município conta com os mesmos campos desde os fins da década de trinta. Os clubes esportivos são ainda do mesmo período: "Brasil Futebol Clube" (outrora Brasil-Itália, "nacionalizado" durante a Segunda Guerra Mundial), "União Recreativa Melhoramentos de São Paulo", ambos nas terras da Companhia Melhoramentos e "Sociedade Amigos de Caieiras", em Cresciuma. Em que pese o número de habitantes dos outros bairros, notadamente o Serpa, parece incrível que no "país do futebol" haja tal carência. Até mesmo a frequência, pelo menos em termos relativos, aos jogos de futebol, locais ou na capital, parece ter diminuído. Mesmo assim, alguns entrevistados disseram que "às vezes" iam a estádios (cerca de 2%) mas, a maioria declarou

assistir a jogos na TV.

Quanto ao lazer de fim-de-semana e de férias, encontramos diferenças significativas (embora de quantificação difícil) entre os "ricos" e os "pobres" (empregamos esses dois termos sem qualquer conotação valorativa, apenas para diferenciar os extremos no que se refere aos rendimentos auferidos). O uso do tempo nos dias úteis não parece ser muito diferente entre esses extremos, como já salientamos quando nos referimos à televisão. Não encontramos diferenças significativas em termos de jornada de trabalho. A jornada de tempo integral parece ser comum a todos, com a diferença expressiva dos sábados e feriados. Como é sabido, geralmente, os empregados mais qualificados têm o sábado livre.

A pergunta que fizemos sobre "o que a família costuma fazer aos domingos e feriados" forneceu as seguintes respostas:

TABELA 35

ATIVIDADES DA FAMÍLIA NOS DOMINGOS E FERIADOS

Atividades	Nº	%
Ficar em casa	43	20,2
Assistir à TV	29	13,6
Trabalhar	27	12,7
Sair	27	12,7
Visitar parentes	21	9,9
Descansar	11	5,2
Ir à Igreja	10	4,7
Ir ao Clube	9	4,2
Ir ao Estádio	4	1,9
Nada	4	1,9
Outras	10	4,7
Não declarado	18	8,4
TOTAL	213	100,0

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976.

Parece-nos bastante provável que o item "assistir à TV" deve englobar parte das respostas "ficar em casa", "descansar" e o "fazer nada". Chama a atenção a resposta "trabalhar", que, conforme seria de esperar, foi dada pelos mais pobres. Mesmo a resposta "ficar em casa", também pode implicar em trabalho, tanto o trabalho doméstico, como ainda atividades de auto-construção. Estas últimas são muito frequentes em Vila Rosina e, embora em menor escala, no Jardim Vera Tereza e no Serpa, envolvendo a participação de parentes e até de amigos. (Este fato é prática rotineira em todos os bairros pobres das periferias urbanas brasileiras).

A pergunta "o que costumam fazer durante as férias", nos permitiu elaborar o seguinte quadro:

TABELA 36
ATIVIDADES DE FÉRIAS

Atividade	Nº	%
Ficar em casa	79	37,1
Trabalhar	27	12,7
Não tem férias	12	5,6
Viajar às vezes para:		
O Litoral	39	18,3
Minas Gerais	5	2,3
Aparecida	4	1,9
Bragança	3	1,4
Poços de Caldas	3	1,4
Outros lugares	20	9,4
Outras respostas	21	9,9
T O T A L	213	100,0

FONTE: Amostra da pesquisa, 1976.

As três primeiras respostas ("Trabalhar", "ficar em casa" e "não tem férias") chamam a atenção — desnecessário frisar que elas atingem de mais perto os mais pobres. As respostas referentes a viagens nas férias são precedidas da expressão "às vezes" e deve ser vista, também, como uma expectativa que nem sempre se concretiza. Mesmo assim, essas preferências por determinados locais para as férias, nos dão uma boa indicação dos vínculos espaciais da população. A preferência pelo litoral é muito expressiva (18,3% das respostas); o trecho mais apreciado do litoral paulista, pelos moradores de Caieiras, é a faixa Santos-Guarujá-Bertioga. As viagens para Santos, que no passado eram feitas de trem, hoje o são quase que exclusivamente de automóvel (eventualmente de ônibus). Os laços de parentesco explicam, ainda, muitas outras viagens. É o caso das viagens para Bragança e Minas (curiosa a "separação" de Poços de Caldas de Minas... Acreditamos que isto se deva não só à enorme influência paulista que sofre Poços de Caldas, mas também devido ao próprio caráter da viagem que, neste caso, é de efetiva vilegiatura e não de visita a parentes). Nas respostas referentes às viagens a "outros lugares", o fenômeno da "volta às raízes" também se faz presente, destacando-se as cidades de Atibaia, Jundiá, Valinhos, Itatiba, Mogi-Mirim, etc.

O questionário domiciliar que aplicamos pretendia envolver as famílias residentes em cada domicílio, de forma genérica, para quantificar as formas e lugares de lazer. Sua formulação trouxe, às vezes, uma certa ambiguidade

de, pois, como se sabe, há toda uma diferenciação de formas de lazer entre as diferentes faixas de idade e sexo. Em todo caso, através de entrevistas informais foi possível sanar algumas dessas falhas e formar uma idéia aproximada dessas referidas características diferenciais. Contudo, o primeiro fato que constatamos é o de que grande parte dos nossos entrevistados enfrentam, pelo menos nesse aspecto de lazer (ou sua falta?), os mesmos problemas das classes pobres do país. Nesse sentido, a título de exemplo, podemos apontar o problema do lazer dos jovens — notadamente os adolescentes. Muitos deles, engajados prematuramente na força de trabalho (como já vimos no capítulo anterior) e ainda tendo que estudar, quase não dispõem de tempo para diversões. Isto, para não dizer da pobreza dos equipamentos coletivos de lazer de que carecem todos bairros, ainda que haja clubes em Cresciuma e na Melhoramentos. Entre os jovens das classes mais abastadas ocorreram algumas respostas no sentido de que eles, às vezes, iam ao cinema no Centro de São Paulo. Seria frisar o óbvio tocar no assunto da problemática do lazer da trabalhadora/dona de casa...

Ao encerrar estas considerações sobre o lazer, se não somos traídos pela memória em nossa apreciação "impressionista", parece-nos que a metropolização empobreceu as formas mais participantes de lazer que beneficiavam a todas as camadas da população; apenas os "ricos" não teriam sido tão prejudicados...

LOCAIS DE AQUISIÇÃO DE BENS E ACESSO A SERVIÇOS

Os locais em que os moradores de Caieiras adquirem seus bens de consumo e/ou se utilizam de diversos serviços fornecem uma indicação muito expressiva das vinculações espaciais entre a moradia e os referidos lugares. Essas vinculações dependem, fundamentalmente, da relação entre a infraestrutura existente e a acessibilidade desses bens e serviços através dos meios de circulação. (Este último aspecto será discutido no sub-título seguinte deste mesmo capítulo).

No que se refere à aquisição de alimentos, há, por parte do pesquisador, uma expectativa de encontrar uma vinculação estreita entre o bairro de residência e a compra de gêneros de primeira necessidade. Contudo, nem sempre isso ocorre na frequência esperada, conforme o demonstram os dados da tabela 37, referente aos locais de compra de alimentos. Os dados dessa tabela evidenciam que o bairro de Cresciuma praticamente se auto-abastece em alimentos, como também se constitui em local preferido para realizar essas compras - por metade dos informantes - do Serpa e da Melhoramentos. Por outro lado, não ocorreu nenhuma resposta referente ao abastecimento em Cresciuma, por parte dos moradores dos outros bairros, (além desses dois já mencionados). No caso desses outros bairros, evidencia-se a situação de Vila Rosina, em que apenas 1/3 de seus moradores compram alimentos no próprio bairro. Os demais moradores de Vila Rosina preferem abastecer-se na capital (10 respostas - sendo 2 na Lapa e provavelmente, grande parte das outras respostas referindo-se a Perus) e em Laranjeiras (2 respostas).

CAIEIRAS: LOCAIS DE COMPRA DE ALIMENTOS

LOCAIS DE COMPRAS	BAIRROS DE RESIDÊNCIA		CRESCIUMA		SERPA		V. ROSINA		LARANJEIRAS		J. VERA TEREZA		MELHORAMENTOS		TOTAL CAIEIRAS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Cresciuma	72	93,5	24	36,4	-	-	-	-	-	-	-	-	6	46,2	102	53,4
Serpa	-	-	24	36,4	-	-	-	-	-	-	2	20,0	-	-	26	13,6
V. Rosina	-	-	-	-	6	33,3	-	-	-	-	-	-	-	-	6	3,1
Laranjeiras	-	-	-	-	2	11,2	4	57,1	-	-	-	-	-	-	6	3,1
J.Vera Tereza	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	70,0	-	-	-	7	3,7
Melhoramentos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	30,8	4	2,1	
TOTAL CAIEIRAS	72	93,5	48	72,7	8	44,4	4	57,1	9	90,0	10	76,9	151	79,1		
Lapa - São Paulo	-	-	1	1,5	2	11,2	1	14,3	-	-	-	-	-	-	4	2,1
São Paulo - outros	1	1,3	1	1,5	8	44,4	2	28,6	-	-	-	-	1	-	13	6,8
TOTAL SÃO PAULO	1	1,3	2	3,0	10	56,0	3	42,9	-	-	1	7,7	17	8,9		
Franco da Rocha	-	-	10	15,2	-	-	-	-	-	-	1	10,0	2	15,4	13	6,8
Jundiaí	4	5,2	6	9,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	5,2
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL GERAL	77	100,0	66	100,0	18	100,0	7	100,0	10	100,0	13	100,0	191	100,0		

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976

Em Vila Rosina e Jardim Vera Tereza, em virtude do baixo poder aquisitivo de suas populações, não existe uma infraestrutura comercial adequada, até mesmo de gêneros básicos (padaria, mercearia, quitanda, etc.) Assim, é expressiva a existência de uma espécie de serviço "volante" de comércio desses gêneros através de caminhões que percorrem as ruas dos referidos bairros apregoando suas mercadorias.

Quanto aos outros bairros, apesar do nítido predomínio do abastecimento no próprio bairro, nota-se a importância de Franco da Rocha e Jundiaí para o Serpa e de São Paulo para Vera Tereza, Vila Rosina e Laranjeiras. No caso desses dois últimos bairros, muitas respostas sob o rótulo "São Paulo" correspondem ao bairro de Perus.

Quanto à compra de roupas merece destaque o bairro da Lapa, responsável, segundo a tabela 38 (referente aos locais de compra de roupas), por 39,6% dos informes, a esse respeito, da população da amostragem. De acordo com dados do Plano Diretor do Município, compilados do Diagnóstico da Grande São Paulo Sub-Regiões Norte e Nordeste (PDDI, 1971: 49), em 1969, só atendia a cerca de 50% dessas compras, cabendo ao conjunto do município da capital o índice de 65%. (Na nossa amostragem, o índice seria de 72,2%). Após a Lapa, destaca-se o centro de São Paulo e o Bom Retiro (particularmente, a rua José Paulino), tradicional centro de comércio de confecções que, para os caieirenses, apresenta a vantagem de situar-se nas proximidades da Estação da Luz. Ainda no que se refere à Lapa, como local de aquisição de vestuário pelos moradores de Caieiras, observa-se, segundo a mesma tabela (nº 38), que o bairro de Cresciuma não apresenta uma vinculação tão estreita com a Lapa como os

CAIEIRAS: LOCAIS DE COMPRA DE ROUPAS

TABELA 38

LOCAIS DE COMPRA	Bairro de Residência		Cresciuma		Serpa		V. Rosina		Laranjeiras		J. Vera Tereza		Melhoramentos		TOTAL CAIEIRAS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Cresciuma	20	27,0	5	7,9	-	-	-	-	2	18,2	3	21,4	30	16,0		
Serpa	-	-	5	7,9	-	-	-	-	1	9,1	-	-	6	3,2		
V. Rosina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Laranjeiras	-	-	-	-	1	5,6	1	14,3	-	-	-	-	2	1,1		
J. Vera Tereza	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-		
Melhoramentos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	7,1	1	0,5		
TOTAL CAIEIRAS	20	27,0	10	15,9	1	5,6	1	14,3	3	27,3	4	28,6	39	20,9		
Lapa - São Paulo	13	17,6	34	54,0	8	44,4	5	71,4	6	54,5	8	57,1	74	39,6		
São Paulo - Outros	36	48,6	14	22,2	9	50,0	1	14,3	-	-	1	7,1	61	32,6		
TOTAL SÃO PAULO	49	66,2	48	76,2	17	94,4	6	85,0	6	54,5	9	64,3	135	72,2		
Franco da Rocha	2	2,7	4	6,3	-	-	-	-	2	-	-	-	8	4,3		
Jundiaí	3	4,1	1	1,6	-	-	-	-	-	-	-	-	4	2,1		
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	7,1	1	0,5		
TOTAL GERAL	74	100,0	63	100,0	18	100,0	7	100,0	11	100,0	14	100,0	187	100,0		

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976

demais bairros (As respostas de Cresciuma correspondem ao índice de 17,1%, portanto, abaixo da média municipal, enquanto os índices dos outros bairros colocam-se acima dessa média). Os moradores de Cresciuma preferem comprar roupas em outros locais - da capital (48,6%) ou no próprio bairro de Cresciuma (27%). Ao que parece, é bem plausível a ocorrência do fato de cresciumenses de maior poder aquisitivo terem opções mais diversificadas, quanto aos locais de suas compras, em parte, graças à disponibilidade do automóvel. Por outro lado, os de menor poder aquisitivo têm a opção de comprar no próprio bairro com as vantagens do crédito pessoal direto ... De qualquer forma, já se esboça uma pequena tendência para Cresciuma polarizar os outros bairros, com a exceção, talvez, de Vila Rosina e Laranjeiras.

Na aquisição de eletrodomésticos a posição da Lapa e da capital é bem mais expressiva (estatisticamente) que no caso das roupas. Com efeito, 38,9% desses equipamentos foram adquiridos nas lojas da Lapa (64,3% no conjunto do município da capital segundo os dados da tabela 39 ("locais de compra de eletrodomésticos")) para o total da população da amostragem. Cresciuma respondeu por 20,5% das compras de eletrodomésticos dos moradores de Caieiras. Mais uma vez, repete-se "mutatis mutandis" fenômeno análogo ao já apontado para as roupas no bairro de Cresciuma (sua menor vinculação à Lapa, etc...) Cerca de 9,2% desses aparelhos foram adquiridos em Franco da Rocha; é significativo que o índice dos moradores do Jardim Vera Tereza em Franco da Rocha é de 22,2%.

A tabela 40 referente à compra de remédios, demonstra que a autonomia de Caieiras, nesse campo, é até maior do que nos alimentos. O que ocorre, na prática, é que o caráter

CAIEIRAS: LOCAIS DE COMPRA DE ELETRODOMÉSTICOS

TABELA 39

LOCAIS DE COMPRA	BAIROS DE RESIDÊNCIA		CRESCIUMA		SERPA		V. ROSINA		LARANJEIRAS		J. VERA TEREZA		MELHORAMENTOS		TOTAL CAIEIRAS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Cresciuma	24	30,8	11	16,2	-	-	-	-	-	-	1	11,1	2	16,7	38	20,5
Serpa	-	-	2	2,9	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1,1
V. Rosina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Laranjeiras	-	-	-	-	1	9,1	1	14,3	1	14,3	-	-	-	-	2	1,1
J. Vera Tereza	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Melhoramentos	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	16,7	2	1,1
TOTAL CAIEIRAS	24	30,8	13	19,1	1	9,1	1	14,3	1	14,3	1	11,1	4	33,3	44	23,8
Lapa - São Paulo	17	21,8	31	45,6	7	63,6	5	71,4	5	71,4	6	66,7	6	50,0	72	38,9
São Paulo - Outros	29	37,2	13	19,1	3	27,3	1	14,3	1	14,3	-	-	1	8,3	47	25,4
TOTAL SÃO PAULO	46	59,0	44	64,7	10	90,9	6	85,7	6	85,7	6	66,7	7	58,3	119	64,3
Franco da Rocha	4	5,1	10	14,7	-	-	-	-	-	-	2	22,2	1	8,3	17	9,2
Jundiaí	4	5,1	1	1,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	2,7
Outros	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL GERAL	78	100,0	68	100,0	11	100,0	7	100,0	7	100,0	9	100,0	12	100,0	185	100,0

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976

CAIEIRAS: LOCAIS DE COMPRA DE REMÉDIOS

TABELA 40

LOCAIS DE COMPRA	BAIRROS DE RESIDÊNCIA		CRESCIDUMA		SERPA		V. ROSINA		J. VERA TEREZA		MELHORAMENTOS		TOTAL CAIEIRAS	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Creasciuma	72	98,6	30	60,0	4	23,5	7	58,3	11	78,6	124	74,7		
Serpa	-	-	7	14,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Vila Rosina	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,6
Laranjeiras	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
J. Vera Tereza	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Melhoramentos	-	-	-	-	-	-	1	8,3	1	7,1	2	1,2		
TOTAL CAIEIRAS	72	98,6	37	74,0	4	23,5	8	66,6	12	85,7	133	80,1		
Lapa-São Paulo	1	1,4	5	10,0	6	35,3	1	8,3	1	7,1	14	8,4		
São Paulo- Outros	-	-	1	2,0	7	41,2	1	8,3	-	-	9	5,4		
TOTAL SÃO PAULO	1	1,4	6	12,0	13	76,5	2	16,6	1	7,1	23	13,9		
Franco da Rocha	-	-	6	12,0	-	-	2	16,6	1	7,1	9	5,4		
Jundiaí	-	-	1	2,0	-	-	-	-	-	-	1	0,6		
TOTAL GERAL	73	100,0	50	100,0	17	100,0	12	100,0	14	100,0	166	100,0		

de urgência de muitas dessas compras nem sempre permite uma escolha mais criteriosa do melhor local. Além disso, muitos desses consumidores, em virtude de seu baixo nível de renda, como também de informação, adquirem medicamentos de maior difusão, facilmente encontráveis nas farmácias locais. Destaca-se, como será de se esperar, o bairro de Crescuma como fornecedor de 74,7% dos medicamentos vendidos à população da amostragem; salienta-se, ainda, o seu caráter de auto-suficiência atendendo 98,6% da demanda de seus moradores. A Vila Rosina e o Jardim Vera Tereza não possuem farmácia, o que leva os seus moradores a adquirir seus medicamentos em Perus, na Lapa, ou em menor escala, em Crescuma, no caso dos habitantes de Vila Rosina. Os do Jardim Vera Tereza são consumidores dos produtos vendidos nas farmácias de Crescuma (58,3%), de Franco da Rocha ou da capital (16,6% para cada uma dessas áreas).

Quanto ao acesso a serviços de saúde oficiais, a população se utiliza da infraestrutura existente em Crescuma (Hospital Regional, Posto de Saúde, etc). Ocorre nesse setor, o fato de que, além da polarização "expontânea" desses serviços - por Crescuma, haver, certas limitações legais do Serviço Público no sentido de atender, preferencialmente, aos moradores do próprio município (isto é válido apenas para os casos de rotina). Para atendimentos com médicos especialistas, bem como, com alguns tratamentos odontológicos, são procurados consultórios no Centro de São Paulo e na Lapa.

A tabela 41 refere-se aos locais de estudo da população. Evidentemente, a população dessa amostragem é formada, principalmente, por escolares do 1º grau.; daí a grande coincidência que se verifica entre os bairros de residência e os de es

CAIEIRAS: LOCAIS DE ESTUDO DA POPULAÇÃO

TABELA 41

LOCAIS DE ESTUDO	BAIRROS DE RESIDENCIA	CRESCIUMA		SERPA		V. ROSINA		LARANJEIRAS		J. VERA TEREZA		MELHORAMENTOS		TOTAL CAIEIRAS	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Cresciuma		62	70,5	21	22,1	3	15,8	5	20,0	2	20,0	3	11,5	95	36,1
Serpa		6	6,8	66	69,5	-	-	-	-	-	-	-	-	72	27,4
Vila Rosina		-	-	-	-	15	78,9	-	-	-	-	-	-	15	5,7
Laranjeiras		-	-	-	-	-	-	20	80,0	-	-	-	-	20	7,6
J. Vera Tereza		-	-	1	1,1	-	-	-	-	8	80,0	-	-	9	3,4
Melhoramentos		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	22	84,6	22	8,4
TOTAL CAIEIRAS		68	77,3	88	92,6	18	94,7	25	100,0	10	100,0	25	96,2	223	84,8
Franco da Rocha		-	-	1	1,1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
Jundiá		3	3,4	1	1,1	-	-	-	-	-	-	-	-	4	1,5
Bragança		-	-	1	1,1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
São Carlos		1	1,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
Santo André		1	1,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	0,4
Lapa-São Paulo		6	6,8	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3,8	8	3,0
São Paulo (centro e outros)		9	10,2	4	4,2	-	-	-	-	-	-	-	-	13	4,9
T O T A L		88	100,0	95	100,0	19	100,0	25	100,0	10	100,0	26	100,0	263	100,0

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976.

tudo. Os índices (dessa coincidência), variam de 69,5% (para o Serpa) a 84,6% (Melhoramentos). No conjunto da população da amostragem, cerca de 84,8% desta estuda no próprio município de Caieiras, onde se destaca, em 1º lugar, Crescuma, com 36,1%. Crescuma e Serpa contam com escolas de 1º e 2º graus; enquanto que os outros bairros, só possuem escolas de 1º grau. (Na Vila Rosina, à época da pesquisa, funcionavam apenas as 4 primeiras séries de sua escola, ou seja, o antigo curso primário).

Quanto aos alunos que estudam fora de Caieiras, os residentes em Crescuma matriculados em estabelecimentos da Capital (exceto na Lapa) são alunos de cursos superiores. Nenhum outro bairro apresentou, segundo dados da nossa amostragem, alunos de cursos superiores. Os outros estudantes, tanto de Crescuma como de outros bairros, são alunos do 2º grau (na sua maioria), pertencendo quase todos a cursos noturnos, os quais vinculam os seus estudos aos seus respectivos locais de trabalho.

OS TRANSPORTES E A VIDA DE RELAÇÕES

Conforme já havíamos salientado (no capítulo "A evolução do uso do solo" e no item referente às migrações no capítulo anterior) o papel de circulação ferroviária é bastante significativa na própria formação de Caieiras e no transporte de pessoas que ali vieram radicar-se. Frisamos, ainda, que o papel da ferrovia, recentemente, foi assumido pela circulação rodoviária no que tange ao transporte à longa distância; nos percursos de âmbito mais restrito, a rodovia exerce um papel complementar, interessando às ligações de Caieiras com a metrópole paulistana. Com efeito, mesmo no período de maior expansão do parque automobilístico, imediatamente anterior à crise do petróleo, ou seja, nos primeiros anos da década de setenta, o automóvel particular não parece ter exercido uma função muito expressiva no transporte dos moradores de Caieiras, apesar do número relativamente elevado de veículos nos domicílios de nossa amostragem (pouco mais de 30% deles contavam com carros em suas garagens). Frequentemente, os proprietários de automóvel utilizam-no para ir da residência à estação das EFSJ (em cujas proximidades deixam-no estacionado); daí seguem por trem até o emprego, seja no Centro, na Lapa, ou ainda em outro bairro. A vantagem da opção ferroviária não é simplesmente financeira mas, sobretudo, de tempo. O percurso de trem até a Estação da Luz, dura apenas 34 minutos (até a Lapa, 20 minutos). Esse mesmo percurso, de automóvel, empregaria, no mínimo, o dobro do tempo. Outrossim, é notório que a Estrada Velha de Campinas, do trecho que vai do cruzamento com a EFSJ junto à estação de Pirituba em direção

ao centro da cidade de São Paulo, não passa de mais uma artéria de tráfego urbano, com eventuais congestionamentos. Por sinal, o traçado da estrada-oriundo de concepções de engenharia da década de vinte, como vimos, possui muitas curvas fechadas de inclinação perigosa, não favorecendo o deslocamento em altas velocidades. Assim, o automóvel desempenha um papel bem mais modesto do que poderia exercer em outras circunstâncias; contudo a sua utilização é expressiva para o lazer e em proporção menor, para as compras.

A década de sessenta, como é sabido, constitui o período de maior decadência do transporte ferroviário no país. Na área em estudo, a EFSJ irá sofrer profundas modificações; se, de um lado, irá perder muito de sua importância extra-regional no transporte de passageiros (à longa distância) e de cargas, por outro lado, acabará por intensificar, com maior vigor, o seu caráter suburbano. Quanto a este último aspecto (transporte de passageiros de subúrbios), o seu papel foi sempre de grande importância; contudo, antes da década de sessenta, nada diferenciava as composições ferroviárias que trafegavam de Santos até Jundiaí. A partir desse momento - como consequência da metropolização recente e devido à maior demanda de passageiros no seu trecho suburbano, - a EFSJ sofrerá uma reestruturação. Define-se, efetivamente, inclusive do ponto de vista administrativo), o seu trecho suburbano que se estende da Estação da Luz até Francisco Morato (na direção de Jundiaí) e até Mauá (na direção de Santos), havendo unificação de tarifas para todo o percurso (F.Morato-Mauá). De Francisco Morato até a Estação da Luz, os trens fazem paradas nas estações de: Franco da Rocha, Caieiras, Perus, Jaraguá, Vila Clarisse, Pirituba, Lapa, Água Branca e Barra Funda. A quantida-

de de composições aumenta, (em 1967 há 122 trens de subúrbio para 12 do interior (El Hage, 1975:107) inclusive com uma hierquização do número de horários a partir de uma espécie de "anel" de a densamento metropolitano. Assim, o número de viagens, da Estação da Luz até Francisco Morato, é inferior ao número das que vão a até Perus e estas são de frequência ainda menor do que aquelas — que atingem Pirituba. Ao longo do referido trecho suburbano (Mauá -F.Morato), passam a trafegar trens especialmente construídos para a utilização suburbana, com classe única, portas automáticas, etc., enquanto que para os demais percursos da EFSJ ainda trafegam as composições tradicionais, com separação de classes. Ademais, os trens oriundos do interior não irão mais fazer paradas no trecho suburbano, o que passará a dificultar a manutenção de certos vínculos, herdados do passado, entre estas áreas interioranas e Caieiras. Não obstante, convém notar que esses vínculos já vinham esmorecendo (pela via ferroviária) e essas mudanças apenas vieram corroborar um processo já em andamento.

Já vimos no item anterior, quando discutimos os locais de trabalho dos moradores de Caieiras, a importância que assumem os deslocamentos para o trabalho. Mais de 1/3 da população ativa de Caieiras se desloca diariamente para o trabalho; quase 2/3 dessa mão de obra utiliza a ferrovia. Além disso, é preciso não esquecer a importância da ferrovia nos outros deslocamentos (para as compras, por exemplo se bem que, em muitos casos, "aproveita-se" o mesmo percurso do emprego). Basta reportar-se às tabelas 38 e 39, referentes aos locais de aquisição de roupas e de eletrodomésticos para aquilatar essa importância, em que se destaca o bairro da Lapa, cujo trecho comercial situa-se próximo à estação.

Havíamos comentado , anteriormente, o caráter com-

plementar do transporte por ônibus. As quatro linhas de ônibus que servem ao município, duas com início em Franco da Rocha e as outras em Caieiras, tinham seu ponto final na Av. Rio Branco na capital (na data da pesquisa esses pontos finais achavam-se em processo de transferência para o bairro de Santa Cecília.)

Não é muito comum a utilização do ônibus de Caieiras até o seu ponto final; seu emprego mais frequente é para deslocar-se da residência até a estação. Este é o caso dominante para os moradores de Cresciuma, Serpa e Melhoramentos. Da simples observação das figuras 5 e 7 (cartogramas referentes aos assentamentos urbanos e ao uso do solo), nota-se a posição dos bairros em relação à EFSJ (e sua estação) e à Estrada Velha de Campinas, contribuindo para facilitar o uso do trem pelos moradores dos bairros mais próximos da Estação, como é o caso dos três citados (Cresciuma, Serpa e Melhoramentos). Os moradores de Laranjeiras e de Vila Rosina, que trabalham fora, são os principais usuários de ônibus (Para eles como se nota nas figuras 5 e 7 não se torna compensador o deslocamento para a capital, tendo que "voltar" em direção contrária para apanhar o trem, na estação de Caieiras). Os residentes no Jardim Vera-Tereza dependem muito do ônibus, principalmente para suas ligações com Franco da Rocha. Por sinal, os deslocamentos para Franco da Rocha (cuja estação dista apenas 3 km da de Caieiras) são hoje feitos basicamente por ônibus, em virtude da existência de ligação direta, não compensando (em termos financeiros e em duração) a baldeação para o trem.

De um modo geral, sempre que há condições de escolha entre o trem e o ônibus, os usuários preferem a ferrovia. A

opção ferroviária traz uma série de vantagens: economia, rapidez, segurança, horários regulares, integração com o metrô, conforto (relativo, evidentemente) maior do que oferecido pelos ônibus. A linha de subúrbio da EFSJ, embora não apresente uma situação ideal em termos de desempenho e conforto, apresenta condições, para o usuário, reconhecidamente melhores que as de outras linhas de subúrbio (como as da Central, por exemplo). Todavia, como sõe acontecer, justamente a população mais pobre (a de Vila Rosina, por exemplo), que teria mais necessidade desse transporte barato, é a que menos tem acesso a ele... (seja em função de seu local de moradia, ou em virtude da localização de seus empregos).

Por últimos, é necessário lembrar que a Cia. Melhoramentos e, posteriormente, as novas indústrias instaladas no município, também contam com o concurso da mão de obra residente fora de Caieiras. No caso da Cia. Melhoramentos, a maior parte de seus executivos residem na capital (embora haja uma tendência para uma paulatina transferência destes para Caieiras). Quanto aos seus operários, cerca de 25 a 30% deles residem fora do município, a maioria em Perus, Pirituba e Franco da Rocha e Francisco Morato. Já as novas indústrias instaladas a partir dos fins da décadas de sessenta (cf. capítulo "a evolução do uso do solo"), trouxeram boa parte de seus antigos empregados, cujas residências se dispersam por toda a periferia da metrópole paulistana. Contudo, os deslocamentos dessas pessoas representam um volume muito inferior ao dos moradores de Caieiras que se deslocam para a capital.

A Via Anhanguera passa pelo vizinho município de Ca-

jamar, a 1 km da divisa municipal. Sua ligação com Caieiras se faz por estrada particular, pertencente à Cia. Melhoramentos, de tráfego extremamente precário. Há ainda outra alternativa de ligação via Perus - conexão com a Estrada Velha de Campinas. Assim essa rodovia praticamente não despertou nenhuma vinculação expressiva com a área caieirense a não ser com as chamadas fábricas de "pó industrial" (situadas nos limites com Cajamar na periferia Noroeste do município).

Quando da realização desta pesquisa, encontrava-se em construção a "Via Norte", atual Rodovia dos Bandeirantes. Suas características de auto-estrada, para ligações extra-regionais, cortando, transversalmente, a porção ocidental do município, não beneficiam a área; antes, talvez, a prejudiquem, na medida em que suas largas faixas de rolamento, sem pistas de acesso no município, representam um obstáculo que imprime uma marca peculiar à paisagem. (Ver, a esse respeito os cartogramas - figuras nº 7 e 8).

6. CONCLUSÃO: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS

"- Esse problema - disse Sidarta - não me preocupa tampouco. Quanto a mim, as coisas podem ser mera aparência, uma vez que, neste caso, também eu sou aparência, e assim serão elas sempre meus iguais. Eis o que as torna para mim tão caras e venerandas: são como eu. Por isso posso amá-las. E com isso te comunico uma doutrina que te fará rir, ó Govinda: tenho para mim que o amor é o que há de mais importante no mundo. Analisar o mundo, explicá-lo, menosprezá-lo, talvez caiba aos grandes pensadores. Mas a mim me interessa exclusivamente que eu seja capaz de amar o mundo, de não sentir desprezo por êle, de não odiar nem a êle nem a mim mesmo, de contemplar a êle, a mim, a tôdas as criaturas com amor, admiração e reverência."

(HERMANN HESSE - "Sidarta")

OS PROBLEMAS

Na tabela 42 , compilamos os problemas que nossos entrevistados apontaram, quando inqueridos a respeito dos problemas de seus respectivos bairros. A partir desses dados, podemos salientar, a existência de um grande conformismo, pois 45,1% da população da amostragem declarou não haver problemas no seu bairro. Esse índice de conformismo, bem significativo em Crescuma (80,5%), foi nulo em Vera Tereza e Melhoramentos. É sabido que entre as populações pobres costuma-se observar, um alto grau de conformismo ; para testar essa hipótese, procuramos confrontar esse aparente conformismo com os respectivos níveis de renda dos informantes. Não encontramos todavia relações significativas que corroborassem a hipótese citada; em alguns bairros os resultados contrariaram a hipótese. Assim, esses índices espelhariam as características fundamentais da problemática dos bairros. (Com efeito , Crescuma é, reconhecidamente, o bairro dotado de melhor infraestrutura urbana). Vejamos os principais problemas apontados:

- a) Em primeiro lugar, avulta o problema dos transportes (frequente em muitas pesquisas do gênero). A população se queixa da insuficiência quantitativa ou qualitativa dos transportes coletivos (principalmente dos ônibus). O índice geral de Caieiras foi de 32,9%. O índice de Crescuma, como seria de se esperar, foi o mais baixo, onde apenas 10 informantes (12,2%) declararam haver problemas de transporte no bairro. Nos outros bairros os índices são bem mais elevados, com especial relevo para Vila Rosina (83,3%) sabidamente o bairro de piores condições de acesso.
- b) o segundo problema apontado, correspondeu à metade das queixas do primeiro (pois seu índice foi de 16,4%); trata-se do problema da água. No caso , as queixas vão da pura e simples ausência de água encanada (a exemplo da Vila Rosina e Jardim Vera Tereza), às reclamações sobre a sua qualidade ou inconstância (nos outros bairros).
- c) Em seguida viria o problema de coleta de lixo, com um índice de 11,7% de respostas no município. Curiosamente, na Vila Rosina onde essa coleta é mais deficiente, ninguém se queixou do problema. Ao que parece, a sua população já se habituou a conviver com esse problema encontrando soluções individuais (terrenos baldios para o despejo do lixo, por exemplo). Fato seme -

(Respostas não mutuamente excludentes)

TABELA 42

PROBLEMAS	CRESCIUMA		SERPA		V. ROSINA		LARANJEIRAS		J. VERA TEREZA		MELHORAMENTOS		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Não há problemas	66	80,5	23	31,5	3	16,7	4	28,6	-	-	-	-	96	45,1
Transportes	10	12,2	25	34,2	15	83,3	6	42,9	5	41,7	7	50,0	70	32,9
Água	6	7,3	10	13,7	6	33,3	2	14,3	6	50,0	1	7,1	35	16,4
Coleta de Lixo	8	9,8	10	13,7	-	-	1	7,1	6	50,0	-	-	25	11,7
Poluição	4	4,9	6	8,2	2	11,1	1	7,1	1	8,3	6	42,9	20	9,4
Eletricidade	-	-	-	-	2	11,1	1	7,1	1	8,3	1	7,1	5	2,3
Outros	8	9,8	3	4,1	2	11,1	2	14,3	1	8,3	3	21,4	19	8,9
TOTAL DE INFORMANTES	82	100	73	100	18	100	14	100	12	100	14	100	213	100

FONTE: Amostra da Pesquisa, 1976

lhante ocorreu com a eletricidade (2,3% das queixas da população de Caieiras), em que apenas 11,1% dos moradores da Vila Rosina reclamaram de sua falta, embora se saiba que apenas metade dos domicílios do bairro possuem eletricidade.

d) As queixas sobre a poluição mereceram 9,4% das respostas dos entrevistados. O índice menor foi o de Cresciuma (4,9%). Os moradores desse bairro reclamaram principalmente a respeito da poluição causada pela Cia. Melhoramentos: a "lixívia" (efluente da fabricação de papel com cheiro desagradável e propriedades corrosivas); o "cheiro do pó de celulose e gás carbônico" (sic); o "mau cheiro". Em Laranjeiras um morador queixou-se do "cheiro da usina de asfalto"; no Jardim Vera Fereza a reclamação foi a propósito do pó: Em Vila Rosina dois informantes reclamaram do cheiro do lixo acumulado (apesar de ninguém ter se queixado da coleta de lixo, como já nos referimos). No Serpa as reclamações referiram-se à poluição causada pelo fabrico do papel ("lixívia", "fumaça", "gás", "mau cheiro"), o pó de outras fábricas e houve, até mesmo uma reclamação sobre o "cheiro do mato podre" (sic). O maior índice de descontentes com a poluição foi o dos moradores da Melhoramentos (42,9%) que reclamaram do pó da Fábrica de Cimento Perus (4 respostas), do cheiro do lixo (1 resposta) e da poeira provocada pelas obras da Via Norte (1 resposta). Causou-nos espêcie o fato de nenhum desses moradores (da Melhoramentos) ter reclamado da poluição oriunda das atividades da Cia. Melhoramentos...

De qualquer forma, sabemos que o problema da poluição em Caieiras, existe (ainda que o número de respostas de nossos entrevistados, nesse sentido, tenha sido pouco expressivo), embora não tenhamos informações completas sobre o assunto.

Todavia, dispomos de algumas informações fragmentárias que - dão algumas indicações. Por exemplo, percebe-se, à primeira vista, que o rio Juqueri é altamente poluído (tanto à jusante como à montante da Melhoramentos), contudo a população praticamente não toma conhecimento desse problema por falta de contato com o rio. Os índices de poeira sedimentável medidos pela Superintendência de Saneamento Ambiental da Secretaria de Saúde (SUSAM, 1975:34), no primeiro semestre de 1974, registrados para o município de Caieiras apresentou o valor de 8,46 ton/km²/mês; esse índice foi, pa

ra a capital, de 15,31; para Franco da Rocha 12,04. O maior índice da Grande São Paulo foi o de Carapicuíba (39,91) e o menor, o de Cajamar (4,03). A mesma fonte informa que a Organização Panamericana de Saúde fixou em 5 ton/km²/mês o nível de tolerância para tal poluente.

Temos a impressão que a população de Caisiras considera a poluição um fato da vida cotidiana e desde que não atinja níveis intoleráveis conforma-se em suportar uma poluição que é (para muitos) o apanágio da urbanização...

f) Outros problemas apontados pela população referiram-se ao "calçamento", "falta de comércio", "falta de diversões", "creche", "parque infantil", "telefone", "médicos" etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de enumerarmos as conclusões a que chegamos, gostaríamos de nos reportar ao fato de que o elenco de problemas apontados pela população de nossa pesquisa assemelha-se aos que já foram salientados em outros trabalhos referentes à faixa periférica (Carlos, 1972, Oliveira, 1972, etc). Eles são comuns não só à faixa periférica da metrópole paulista como também, à todas periferias urbanas de países subdesenvolvidos e se consubstanciam no problema de "pobreza urbana" (Santos, 1978).

A periferia da metrópole, resultante do processo de metropolização comandado por um centro dinâmico, apresenta uma organização espacial que visa atender às necessidades metropolitanas, como área de: a) alojamento de mão de obra (residência do "exército de reserva"), predominando as populações de baixa renda que para aí se deslocam em busca de uma forma mais barata de moradia; b) implantação de indústrias, que necessitam de espaços amplos praticamente inacessíveis no centro metropolitano; c) produção de matérias primas; d) produção agropecuária (de pouca expressividade em Caieiras); e) recreação; f) espaço de reserva, que, no momento pode ter um uso extensivo mas que se intensificará em função dos estímulos do capital, visando atender às necessidades da metrópole.

O espaço da periferia está organizado em função de estímulos da metrópole, visando, portanto atender às suas necessidades. Contudo, não há um dualismo em que se configuraria uma oposição do tipo centro metropolitano X periferia. A periferia é parte do conjunto metropolitano e está articulada à toda a dinâmica da metrópole. O que a diferencia do centro metropolitano, não é só a sua paisagem peculiar, mas, sobretudo o caráter das suas funções desempenhadas graças aos estímulos do centro metropolitano. Trata-se de funções que não seriam viáveis, ou tão econômicas, no centro metropolitano em função dos altos custos do solo urbano.

Segue-se a enumeração de nossas conclusões:

1. O município de Caieiras apresenta uma estrutura urbana peculiar, diferente dos outros municípios da periferia, os quais são dotados de um núcleo urbano principal que abrange o maior espaço urbanizado e abriga a maior parte da população municipal correspondendo à sua sede. No caso caieirense o município é formado por vários bairros, situando-se a sede municipal em um de

les (Cresciuma), que abriga pouco mais de 30% da população municipal, cujo papel de "centro" do município só muito recentemente vem ganhando expressão.

2. A posição da Cia. Melhoramentos de São Paulo S/A., assume um caráter marcante na organização do espaço caieirense. A empresa é proprietária de 60% da superfície do município. No passado a Cia. Melhoramentos (instalada em 1888) exerceu um caráter praticamente monopolizador do uso do solo na área caieirense, monopolizando, inclusive, sua força de trabalho que vivia confinada, nas terras da empresa, nas suas "vilas operárias". Posteriormente, como resultado do surgimento de novas necessidades da metrópole paulistana, bem como da evolução das estruturas e necessidades da própria Cia. Melhoramentos, esse monopólio da empresa mudará de caráter. O primeiro sintoma dessas mudanças será o surgimento do bairro de Cresciuma (na década de trinta) fora das terras da Melhoramentos (ainda que circundado por estas).

3. Com a intensificação do processo de metropolização, que começará a se refletir na área a partir da década de cinquenta, surgem novos loteamentos que se dispõem ao longo do eixo representado pela Estrada Velha de Campinas. Essa rodovia segue um curso mais ou menos paralelo à Estrada de Ferro Santos a Jundiá e ao vale do Juqueri. No ponto de cruzamento desses eixos situa-se a estação da EFSJ. Os loteamentos que se instalaram em Caieiras, embora tenham se balizado pela rodovia, tiveram como referencial centralizador, a estação ferroviária. Assim, progressivamente, os loteamentos vão se instalando a uma distância cada vez maior da estação (Essa distância é um fator ponderável na composição dos preços de venda dos terrenos...).

4. A posição dos bairros em função de sua acessibilidade à estação da EFSJ, vincula-se à toda uma hierarquia que corresponde, grosso modo, à qualidade das infraestruturas urbanas dos respectivos bairros. Assim, nessa hierarquização, teríamos: a) em primeiro lugar o bairro de Cresciuma, dotado da melhor infraestrutura urbana e (por isso mesmo...) habitado pela população de renda mais elevada (em termos relativos, evidentemente). Caracteriza-se pelas suas funções comerciais e de prestação de serviços, bem como por ser a área de residência de operários especializados, comerciantes e pessoas engajadas no terciário superior. b) Em segundo lugar, viria o bairro do Serpa (loteado na década de cinquenta) que embora não possua uma infraestrutura urbana tão completa como a de Cresciuma, beneficia-se desta em função da

pequena distância deste bairro. Seu padrão de renda é um pouco inferior ao de Cresciuma. c) O conjunto representado pelos vários núcleos residenciais pertencentes à Cia. Melhoramentos (que correspondem, de modo geral, às construções mais antigas do município), embora seja mal dotado de infraestrutura comercial (devido às suas características especiais de apropriação de todo o solo pela Cia. Melhoramentos) apresenta uma paisagem peculiar em que se interrelacionam a função residencial entremeada pelas áreas de produção de matérias-primas para a fábrica de papel (representadas, por exemplo, pelas reservas florestais) e pelas instalações industriais propriamente ditas. É habitado, necessariamente, por empregados da Cia. Melhoramentos. d) O bairro de Laranjeiras localiza-se no cruzamento da Estrada Velha de Campinas com uma rota de ligação com o antigo bairro rural do Morro Grande (e por extensão, com Mairiporã), bem como, constitui um dos acessos à Serra da Cantareira. Situa-se quase na divisa com o município de São Paulo, próximo ao bairro de Perus. e) o Jardim Vera Tereza (que inclui o Jardim Monte Alegre) situado próximo à divisa com o município de Franco da Rocha, é essencialmente um bairro de operários semi-qualificados. f) A Vila Rosina, situada entre Laranjeiras e a estação da EFSJ, próximo à Estrada Velha de Campinas, apesar de estar mais perto da estação do que o vizinho bairro de Laranjeiras, por exemplo, apresenta condições de acessibilidade piores do que este. É o bairro mais pobre do município, habitado principalmente por pedreiros, e por empregados do terciário inferior; evidentemente, conta com uma infraestrutura urbana extremamente precária. g) Há ainda, bairros rurais de habitat disperso, como o Morro Grande, por exemplo, pouco significativos econômica e demograficamente, que não foram abrangidos pela pesquisa.

5. O efetivo populacional do município de Caieiras corresponde apenas a 0,2% da população total da Grande São Paulo; não obstante essa posição é frequente em vários dos 37 municípios que compõem a Grande São Paulo, onde, nesse sentido, Caieiras ocupa o 27º lugar pelo tamanho de sua população. Tal como ocorre em toda a Grande São Paulo, sobretudo na sua faixa periférica, o crescimento populacional de Caieiras é resultado, sobretudo, do crescimento migratório. Essas migrações têm se intensificado nos últimos anos, apresentando taxas superiores a 3,5% ao ano (enquanto o crescimento natural não alcança os 2,5%). Da mesma forma que acontece na Grande São Paulo, as

taxas de pessoa não naturais do município que ali vieram residir, são bastante altas, superiores a 50%, chegando, apenas para os chefes de família a representar mais de 81%. Na população alóctone, destacam-se, em primeiro lugar os procedentes do próprio Estado de São Paulo (32% da população municipal) oriundos principalmente dos municípios da Zona Bragantina e da Mogiana. Em segundo lugar (14,5% da população) colocam-se os naturais do Estado de Minas Gerais (principalmente do Sul de Minas). Os que procedem de outros estados apresentam índices inferiores a 2,5% para cada um. O bairro de Cresciuma apresenta uma maior proporção de população autóctone (49%) e a Vila Rosina e Jardim Vera Tereza, os índices mais baixos (19%). Além disso, nos bairros mais pobres e de formação mais recente a imigração nordestina é mais expressiva que nos bairros mais antigos (15% para Vila Rosina contra 1% para Cresciuma).

6. As etapas do processo de povoamento e de evolução do uso do solo na área caieirense, podem ser assim resumidas:

- a) Na fase inicial, até o último quartel do século XIX existiria um povoamento caipira muito rarefeito com suas atividades peculiares voltadas principalmente para uma agricultura de subsistência.
- b) A implantação dos trilhos da São Paulo Railway (atual EFSJ) propiciará a expansão de atividades extrativas na área. Nas últimas décadas do século - instala-se a Cia. Melhoramentos de São Paulo S/A., que se dedicará ao fabrico de papel e às atividades de produção de cal e cerâmica (estas duas últimas atividades perderão sua importância posteriormente). Nesse período a mão de obra é quase que exclusivamente estrangeira, com expressivos contingentes de italianos, espanhóis, portugueses e germânicos residindo nas casas da Companhia.
- c) O período compreendido entre as duas Guerras Mundiais, marcará o processo de modernização técnica da Cia. Melhoramentos (inclusive com a introdução do reflorestamento) e a partir da década de trinta a paulatina substituição da mão de obra estrangeira pela nacional.
- d) O período posterior à Segunda Guerra Mundial apresenta como característica fundamental o fato de que Caieiras deixa de ser mercado exclusivamente pela Cia. Melhoramentos. Embora esta empresa continue desempenhando uma importância muito grande na organização do espaço caieirense, outros fenômenos vão marcar essa organização, como é o caso do surgimento de novos bairros. Este período poderia ser limitado pela década de sessenta. Até a referida década, predomina, de modo quase que exclusivo a migração de paulistas do interior e mineiros para Caieiras.

e) A última fase, (que se inicia na década de sessenta) é marcada pela intensificação do processo de metropolização. Ocorre uma maior diversificação na origem dos imigrantes que procedem de muitos pontos do país, com destaque para os oriundos de outras áreas de mesma periferia paulistana e para os que se originam do Nordeste. As formas de uso do solo conhecem um processo de maior diversificação com a instalação de novas indústrias e com a expansão dos clubes de campo e sítios de recreio vinculados aos interesses da capital.

7. A estrutura de emprego da população (outrora dominada quase que exclusivamente pelas atividades do setor secundário) embora apresente uma grande proporção voltada para os empregos industriais, começa a apresentar uma expressiva tendência para a expansão dos empregos do terciário inferior: repete-se, assim, o fenômeno que domina em quase toda periferia paulistana onde são muito frequentes essas atividades características de população de baixa renda. (É significativo que esse índice é bem mais acentuado em Vila Rosina - o bairro mais pobre - e menos expressivo em Crescuma).

8. A distribuição espacial dos empregos dos moradores de Caieiras demonstra que o município não é mais um subúrbio industrial típico (de caráter monoindustrial com toda a sua mão de obra trabalhando em sua única indústria) como já fora até a década de quarenta, mas também não é um verdadeiro subúrbio-dormitório. Cerca de 35% da população ativa de Caieiras trabalha fora do município, notadamente ao longo do eixo da EFSJ (com maior destaque para a Lapa). Metade da mão de obra da Caieiras trabalha na Cia. Melhoramentos - praticamente metade desta residindo nas casas da própria empresa e o restante nos outros bairros). Há uma tendência, que se vem intensificando recentemente, para uma grande expansão do número de residentes em Caieiras que trabalham fora. Essa tendência também conduz a uma maior diversificação espacial desses empregos minimizando, progressivamente a importância do bairro da Lapa e aumentando a importância de outros bairros, inclusive da periferia da Grande São Paulo.

9. A dependência de Caieiras em relação ao bairro da Lapa no que se refere ao provisionamento de bens de consumo (notadamente roupas e eletrodomésticos) é muito expressiva (mais de 38% da população ali adquire esses artigos).

Não obstante, há uma tendência para essa importância reduzir-se tanto devido à expansão das atividades comerciais em Cresciúma como a uma maior diversificação das áreas de compra da população em virtude da ampliação dos meios de transporte (ônibus, metrô), assim como, da diversificação dos locais de emprego.

10. A implantação de novas indústrias no município, ainda que de porte bem menor que a Cia. Melhoramentos, veio propiciar o deslocamento diuturno de trabalhadores residentes em outras áreas (principalmente da periferia). Contudo, esse processo não parece implicar em maior movimento comercial em Caieiras pois esses operários apenas se deslocam para Caieiras afim de trabalhar... Por outro lado, uma parcela cada vez maior de trabalhadores usa Caieiras apenas como dormitório... (acentuaria-se a regra de que "quem mora na periferia não trabalha nela e quem nela trabalha, nela não mora", da expressão popular?). Pessoas ligadas à Administração municipal informaram - que a municipalidade visava, com incentivos para atração de indústrias em Caieiras, beneficiar a população caieirense que poderia trabalhar junto ao seu local de residência, sem os percalços dos longos deslocamentos, etc. Na verdade isso não ocorreu (e nem o poderia) já que muitas dessas novas indústrias foram simplesmente transferidas dos velhos bairros industriais da capital graças aos generosos incentivos municipais. Em todo caso, os setores da burguesia de Cresciúma ligados ao serviço público foram beneficiados. Isto nos conduz a sérias indagações a propósito da responsabilidade social dos pesquisadores e dos técnicos vinculados ao planejamento regional, ligados aos velhos modelos criticados por M. Santos (1975) e B. Kayser (1976).

11. A "urbs pinetorum" da imagem idílica do braço do município, é portanto apenas mais um setor da periferia paulistana cujo espaço é controlado - pelos interesses do capital e, em grande parte, da capital...

12. A chegarmos ao final desta dissertação se não atingimos todos os objetivos a que nos havíamos proposto, temos a plena convicção de que muito aprendemos (e muito, ainda, temos a aprender) com as pessoas que foram o objeto de nossa pesquisa. Gostaríamos que essas pessoas não fossem manipuladas como simples objetos e sim, que contassem com as condições necessárias para que Caieiras se torne um espaço organizado de acordo com os interesses da comunidade.

7. BIBLIOGRAFIA CITADA

"(...) y así, del poco dormir y del mucho leer se le secó el cerebro de manera, que vino a perder el juicio."

(CERVANTES, "El Ingenioso Hidalgo Don Quijote De La Mancha")

- AB'SÁBER, Aziz Nacib. O domínio dos "mares de morros" no Brasil. *Geomorfologia*, 2:1-9, 1966.
- ANDRADE, Manuel Correia de. Os anos trinta no Brasil. *Revista de História*, 27(106):407-58, abr.-jun., 1976.
- ATTADIA DA MOTTA, Caio Fábio. *Nível de satisfação em conjuntos habitacionais da grande São Paulo*. São Paulo, IPT, 1975. 2 vols.
- AZEVEDO, Aroldo de. *Subúrbios Orientais de São Paulo*. São Paulo Editora Nacional, 1945. 184 p.
- BLAY, Eva Alterman et alii. *A luta pelo espaço; textos de sociologia urbana*. 2.ed. Petrópolis, Vozes, 1979. 179p.
- BRAY, Silvio Carlos. Introdução ao estudo da interpretação funcionalista na Geografia; notas e resenhas. *Geografia*, 2(4):103-107, out. 1977.
- CAIEIRAS; cidade dos Pinheirais. Piracicaba, Editora Luiz de Queiroz, s.d. 36p.
- CARLOS, Maria Rodrigues. *Santana de Parnaíba; son role dans la zone suburbaine de São Paulo-Brésil*. (Maitrise en géographie). Paris, Institut des Hautes Études de L'Amérique Latine. 125p.
- CARVALHO, C. M. Delgado de. *Le Brésil méridional*. Rio de Janeiro, 1910. 529p.
- CASTELLS, Manuel. *A questão urbana (posfácio)*. Seleção de Textos, 3:1-38, São Paulo, Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1977.
- CAMARGO et al. *São Paulo 1975 crescimento e pobreza*. São Paulo, Loyola, 1976, 155 p.

- CLAVAL, Paul. *Evolução de la geografia humana*. Barcelona, Oikos-tau, 1974. 258p.
- DOLLFUSS, Olivier. *A análise geográfica*. S. Paulo, Difel, 1973. 130 p.
- EL HAGE, Nelson Maluf. *Alguns aspectos relacionados ao transporte coletivo na GSP e o deslocamento da mão de obra do setor secundário*. In: *A problemática da localização industrial na grande São Paulo*. São Paulo, USP, 1975. 144p.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Portugal. Editorial Presença, 1975. 446p.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis, Vozes, 1977. 277p.
- GOLDENSTEIN, Lea. *Aspectos da reorganização do espaço brasileiro face novas relações de intercâmbio (Uma análise geográfica do reflorestamento e da utilização da madeira por indústrias de celulose)*. São Paulo, tese (Livre Docência) FFLCH-USP, 1975 - 409 p.
- GEORGE Pierre. *Les méthodes de la géographie*. Paris, Presses Universitaires de France, 1970. 126p.
- GERARDI, Lúcia Helena de Oliveira & SILVA, Bárbara Christine Nentwig. *Quantificação em geografia*. São Paulo, Difel, 1981. 161p.
- GRIBET, Marie-France. *De la multinationale à l'usine éclatée*. *Hérodote*, 17(28):61-88, jan/mar. 1980.
- HARDMAN, Francisco Foot. *Trabalho urbano e vida operária*. In: MARANHÃO R. & MENDES JUNIOR, A. *Brasil história: texto e consulta (República Velha)*. São Paulo, Brasiliense, 1979. v. 3, p. 275-98.
- HARTSHORNE, Richard. *Questões sobre a natureza da geografia*. Rio de Janeiro, Instituto Panamericano de Geografia e His-

tória. 1969. 259p.

ISTO É FRANCO DA ROCHA. *Folha Regional*. Caieiras, 27 de nov. de 1976. nº 30.

KAYSER, Bernard. *Les divisions de l'espace géographique dans les pays sous-développés*. Paris. Extrait des Annales de Géographie, 1966.

_____. "Sans enquête, pas de droit à la parole!". *Hērodote*, 9:6-18, jan-mar., 1978.

LACOSTE, Yves. *La géographie ça sert d'abord à faire la guerre*. Paris, François Maspero, 1976, 198p.

LANGENBUCH, Juergen Richard. *A estruturação da grande São Paulo; estudo de geografia urbana*. Rio de Janeiro, IBGE, 1971. 354p. Tese (doutoramento).

LANSAC, Luiz Lopes. O histórico de Caieiras. *Folha Regional*. 14 de dez. de 1976. nº 31.

LE MOS, Amalia Inez Geraiges de. *Cotia e sua participação no conjunto da faixa periférica da metrópole paulista*. São Paulo, USP, 1972. Tese (mestrado) Deptº de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

LIMA, Heitor Ferreira. *Evolução industrial de São Paulo*. São Paulo, Martins, 1954.

LOPES, José Sergio Leite. *Fábrica e vila operária: considerações sobre uma forma de servidão burguesa*. São Paulo, CEDEC, 1979. II Seminário de relações de trabalho e movimentos sociais (Trabalho datilografado).

MARX, Karl. *Le capital*. Paris, Editions Sociales, 1957. v.3,

349p.

MATTOS, Dirceu Lino de. O parque industrial paulistano: In: AZEVEDO, Aroldo de. *A cidade de São Paulo; estudos de geografia urbana.* São Paulo, Ed. Nacional, 1958. v.3, cap.1, p. 5-92.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *A geografia no Brasil (1934-1977); avaliação e tendências.* São Paulo, IGEOG/USP, 1980. 155p.

OLIVEIRA, Ariovaldo U. de - A lógica da especulação imobiliária. *Boletim Paulista de Geografia* (55) 75-92. São Paulo, nov 1978.

NOSSEIR, Mostafá K. & PAULINI Altair. Estudo da cobertura florestal na região de Caieiras (S.P.). *Aerofotogeografia*, São Paulo, Inst. de Geografia, USP, 18:1-6, 1973.

OLIVEIRA, Maria Niedja Leite de. *Embu e sua participação no conjunto da faixa periférica da metrópole paulista.* São Paulo, USP, 1972. Tese (Mestrado) Deptº de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

PAZERA JUNIOR, Eduardo. O questionário domiciliar no estudo do processo de metropolização; o exemplo de Caieiras. *Ciência e cultura*, (suplemento) 29(7):526, jul. 1977.

PDDI - Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado. Caieiras, Prefeitura Municipal, 1971, 240p. (datilografado, mapas).

PENTEADO, Antonio Rocha. Os subúrbios de São Paulo e suas funções. In: AZEVEDO, Aroldo de. *A cidade de São Paulo. estudos de geografia urbana.* São Paulo, Ed. Nacional, 1958. v.4, cap. 1, p. 5-60.

PETRONE, Pasquale. As mudanças recentes da organização do espaço econômico do Estado de São Paulo e suas repercussões nos quadros urbanos. *Caderno de Ciências da Terra*, 20, 1972.

_____. *Os aldeamentos paulistas e sua função na valorização do Planalto Paulista. Estudo de geografia histórica.* São Paulo, USP, 1964, Tese (Livre Docência) Universidade de São Paulo.

PMDI - Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado. São Paulo, 1971.

RATTNER, H. - Estrutura de emprego. In *Região Metropolitana de São Paulo. In Diagnóstico da Grande São Paulo*, 1975.

RANDLE, P. H. *El metodo de la geografia; cuestiones epistemológicas.* Buenos Aires, Oikos, 1978, 261p.

RATZEL, Friedrich. *Geografia del l'uomo; antropogeografia.* Torino, Fratelli Bocca, 1914. 596p.

RIBEIRO, Renê. *Pentecostalismo no Brasil.* s.n.t. 7p, (Trabalho mimeografado).

SANTOS, Milton. *Espaço e dominação. Seleção de textos.* São Paulo, Associação dos geógrafos brasileiros, 1978. 35p.

_____. *Espaço e sociedade; ensaios.* Petrópolis, Vozes, 1979. 156p.

_____. *Pobreza urbana.* São Paulo, Hucitec, 1978. 119p.

SILVA, Armando Corrêa da. *O espaço fora do lugar.* São Paulo, Hucitec, 1978. 127p.

_____. *Notas sobre o método científico e a observação em geo-*

grafia. *Métodos em questão*. 2:1-6, 1971.

SINGER, Paul. *Economia política do trabalho; elementos para uma análise histórico-estrutural do emprego e da força de trabalho no desenvolvimento capitalista*. São Paulo, Hucitec, 1977. 198p.

SORRE, Max. *Les fondements de la géographie humaine*. Paris, Armand Colin, 1952. v.2.

SUSAM - /Superintendência de Saneamento Ambiental) Saneamento e Recursos Técnicos. In Diagnóstico 1975 da Região Metropolitana.

VANZOLINI, P. & PAPAVERO N. *Índice dos topônimos contidos na carta do Brasil de 1:1000.000 do IBGE*. São Paulo, FAPESP, 1968. 197p.

DOCUMENTAÇÃO CARTOGRÁFICA

(exclusive a documentação contida na bibliografia)

GEGRAN - Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Economia de Planejamento. Sistema Cartográfico Metropolitano da Grande São Paulo ; 1974. Folhas nas escalas de 1:2000 e 1:10000.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Conselho Nacional de Geografia. Carta do Brasil ao Milionésimo; 1960. Folha Rio de Janeiro, SF-23.

IGG - Instituto Geográfico e Geológico do Estado de São Paulo. Folha Topográfica de São Paulo, esc. 1:250000; 1954. Folhas Topográficas de Santana de Parnaíba e Guarulhos, esc. 1:50000; 1973.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAIEIRAS - Levantamento Topográfico no Município ; 1968. Folhas na escala de 1:5000.

Í N D I C E

	Pag.
1. COMO E PORQUE CAIEIRAS	7
2. O QUE É CAIEIRAS (algumas características do espaço)	15
2.1. A posição e o sítio	16
2.2. Os setores do habitat	21
3. A EVOLUÇÃO DO USO DO SOLO	35
3.1 Dos primórdios aos meados do século XIX	36
3.2 1875 - 1915	42
3.3 1915 - 1940	51
3.4 1940 - 1960	60
3.5 Depois de 1960	64
4. TRAÇOS RELEVANTES DA DEMOGRAFIA CAIEIRENSE	75
4.1 O efetivo	76
4.2 A população e o domicílio	80
4.3 A composição por idade e sexo	89
4.4 O crescimento	94
4.5 As migrações	98
4.6 O grau de instrução	118
4.7 Disponibilidade de bens de consumo duráveis	125
4.8 A Renda	129
5. OS MORADORES E A VIDA DE RELAÇÕES	139
5.1 O trabalho	140
5.2 Os locais de culto	157
5.3 O lazer	163
5.4 Aquisição de bens e acesso a serviços	169
5.5 Os transportes e a vida de relações	179

	Pag.
6. CONCLUSÃO	185
6.1 Os problemas	186
6.2 Considerações finais	190
7. BIBLIOGRAFIA CITADA	196

A digitalização deste documento foi possível graças ao investimento do Programa de Pós-graduação em Geografia Humana (PPGH-FFLCH-USP) e realizada com recursos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Essa ação integra as atividades de comemoração dos 50 anos do PPGH no ano de 2021. Para mais informações sobre o PPGH e sua história, visite a página do programa: <http://ppgh.ffeilch.usp.br/>.

